



INSTITUTO POLITÉCNICO
DE VIANA DO CASTELO

**RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA
DE ENSINO SUPERVISIONADA
Mestrado em Ensino do 1º e 2ºCEB
-Português e História e Geografia de Portugal**

É preciso haver feministas?
O estudo do movimento feminista nas aulas de História e Geografia
de Portugal como estratégia de promoção para a Cidadania Global

Ana Paula Abreu Barbosa



Instituto Politécnico
de Viana do Castelo

Ana Paula Abreu Barbosa

RELATÓRIO FINAL DE PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA
Mestrado em Ensino do 1º e 2ºCEB
– Português e História e Geografia de Portugal

É preciso haver feministas?
O estudo do movimento feminista nas aulas de História e Geografia de
Portugal como estratégia de promoção para a Cidadania Global

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Sónia Cruz

Novembro de 2019



"Ninguém nasce mulher: torna-se mulher."

Simone de Beauvoir

Agradecimentos

Escrever esta página deixa-me com uma nostalgia imensa, deixa-me já com uma saudade infinita daquilo que acabou de terminar... espera, vou chorar? Sim, já estou, pronto não há nada a fazer! Sou assim, tenho os sentimentos à flor da pele e sinto-os com uma intensidade tão grandiosa que por tudo que me toca no coração eu choro. Foram cinco anos bem vividos, foram muitas as alegrias que senti, tantas as gargalhas que dei, foi um percurso incrível junto de pessoas incríveis da qual me orgulho muito. Mas nem tudo foi bom, esta jornada também foi difícil e cansativa e pela minha força e convicção, começo por me agradecer a mim mesma, por nunca ter desistido deste que foi sempre o meu sonho, ser professora. Agradeço também a Deus por depositar em mim uma grande energia e vontade de viver em cada acordar e por me dar desafios diários que me tornam mais forte.

E depois, claro, agradeço à minha mãe, que é a melhor do mundo, e à minha família, que fizeram mil e um esforços para me ajudar a realizar este sonho, sei que os meus sonhos são também os sonhos deles e que farão sempre tudo por me ver realizá-los, por me ver feliz. Espero que também estejam felizes e orgulhosos de mim porque é por vocês e para vocês que eu vivo, obrigada, amo-vos.

E ao meu namorado, que levo daqui, desta cidade maravilhosa que é Viana do Castelo, tudo tem uma razão de ser e se eu vim estudar para Viana, se calhar também já era porque tinha de te encontrar aqui. És um lutador e és a melhor pessoa que eu conheci na vida, obrigada por estares sempre lá, por acreditares sempre em mim e por me demonstrares o amor todos os dias, mesmos nos gestos mais simples.

Aos meus amigos e à Nádia em especial por ser a minha melhor amiga, e à Praxe; aí digam lá o que quiserem, os meus amigos são incríveis e foi na Praxe que eu encontrei, meus parceiros de guerra e luta, muito rimos e choramos juntos, mas sempre vencemos de mãos dadas. Obrigada, vocês são os maiores e sei que estarão sempre no momento certo à hora certa; e obrigada à praxe e aos meus superiores que fizeram de mim uma pessoa melhor e que me proporcionaram momentos inesquecíveis que levarei para sempre na memória.

Na faculdade encontrei também grandes exemplos, exemplos de pessoas que admiro e respeito muito. Há professores meus que eu quando olho para eles, digo para mim: “Quando eu for professora quero ser igual a este(a) professor(a)”. Como é o caso da Professora Sónia Cruz, que foi também a minha orientadora, e foi a melhor, mesmo! Ajudou-me sempre, mas também me chamou-me à atenção quando foi preciso, não tenho palavras para lhe agradecer tanta dedicação que demonstrou para comigo. É também o caso da minha Coordenadora de Curso e professora de Português, a professora Gabriela Barbosa, uma docente que sempre soube como prender a atenção dos alunos, eu admiro-a muito e agradeço todos os ensinamentos que me passou e todas as ajudas que me prestou nesta caminhada. Por fim, aos professores orientadores cooperantes, foram para mim um exemplo a seguir e uma ajuda fundamental na minha evolução enquanto estagiária. Não me esqueço também de todos os outros docentes que de uma forma ou de outra me deram todas as bases para me lançar no mundo do trabalho, a todos esses, segue também o meu agradecimento.

Agradeço ainda à minha colega e amiga Marta, a minha companheira de estágio e de todas as revoltas com o Mundo. Foi bom trabalhar contigo, obrigada, desejo-te muita sorte.

Acho que está tudo, agora é hora de enxugar as lágrimas e de seguir em frente para uma nova etapa, até porque os bons momentos nunca acabam se os mantivermos vivos na nossa memória. Obrigada a todos, do fundo do meu coração!

Resumo

O presente relatório condensa o percurso pedagógico efetuado no decorrer da intervenção em contexto educativo no ano letivo de 2018/2019. Nele se apresentam as sequências didáticas implementadas nas diferentes áreas curriculares, os materiais pedagógicos desenvolvidos, o envolvimento na comunidade educativa e apresenta-se o estudo desenvolvido no âmbito da temática relacionada com as conquistas feministas.

Começamos por realizar o enquadramento das duas intervenções em contexto pedagógico realizadas, uma no 1º CEB e outra no 2º CEB, mas também, apresentamos o estudo realizado na disciplina de História e Geografia de Portugal, no 6º ano de escolaridade, no âmbito da Educação para o Desenvolvimento. Desta forma, e tendo presente como missão do professor, em particular do professor de HGP, a necessidade de formar os jovens para o respeito pelos Direitos Humanos e para a solidariedade, optamos por centrar o nosso estudo numa temática muito particular da Educação para a Cidadania Global: a conquista da igualdade através das lutas feministas. Assim, partindo da comparação da Constituição de 1933 com a Constituição de 1976, no que respeita ao entendimento do papel da mulher na sociedade, desenvolvemos um estudo que teve como propósito conhecer as ideias que os alunos do 6º ano de escolaridade apresentavam relativamente à problemática. Era nossa intenção promover o debate sobre o tema e pensar, em conjunto, as soluções ao alcance de todos para minimizar a desigualdade social, nomeadamente, a desigualdade social estabelecida pelo sexo. Neste contexto, a investigação contou com a participação de 19 alunos, tendo-se optado por um paradigma de investigação qualitativo, com algum tratamento quantitativo. Como técnicas de recolha de dados recorreremos à observação direta, ao inquérito por questionário e à análise documental. Pelos resultados obtidos, foi-nos possível concluir que se reveste de sentido pedagógico integrar a Educação para a Cidadania Global, em temas como o Feminismo, nas aprendizagens de História e Geografia de Portugal. Os alunos demonstraram uma evolução positiva ao estabelecer a comparação entre as ideias pré-concebidas e as ideias resultantes após a mudança concetual conseguida através da implementação de uma sequência didática bem estruturada.

Concluimos o trabalho com uma reflexão global sobre o caminho e os desafios alcançado que nos permitiu crescer profissionalmente.

Palavras-chave: Feminismo; Educação para a Cidadania Global; História e Geografia de Portugal; Direitos Humanos.

Abstract

This report condenses the pedagogical path taken during the intervention in the educational context in the 2018/2019 school year. It presents the didactic sequences implemented in the different curricular areas, the pedagogical materials developed, the involvement in the educational community and the study developed within the theme related to feminist achievements.

We begin by framing the two interventions in the pedagogical context, one in the 1st CEB and another in the 2nd CEB, but also, we present the study conducted in the discipline of History and Geography of Portugal, in the 6th grade, in the context of Education for the development. Thus, and bearing in mind the mission of the teacher, particularly the HGP teacher, the need to train young people to respect human rights and solidarity, we chose to focus our study on a very particular theme of Citizenship Education. Global: the achievement of equality through feminist struggles. Thus, starting from the comparison of the Constitution of 1933 with the Constitution of 1976, regarding the understanding of the role of women in society, we developed a study that aimed to know the ideas that the students of the 6th grade presented about the problem. It was our intention to promote the debate on the subject and to think together about solutions available to all to minimize social inequality, namely the social inequality established by sex. In this context, the research had the participation of 19 students, having opted for a qualitative research paradigm, with some quantitative treatment. As data collection techniques we resorted to direct observation, questionnaire inquiry and document analysis. From the results obtained, it was possible to conclude that it is of pedagogical sense to integrate Global Citizenship Education, in themes such as Feminism, in the learning of History and Geography of Portugal. Students demonstrated a positive evolution by comparing preconceived ideas with resulting ideas after conceptual change achieved through the implementation of a well-structured teaching sequence.

We conclude the work with a global reflection on the path and challenges achieved that allowed us to grow professionally.

Keywords: Feminism; Global Citizenship Education; History and Geography of Portugal; Human rights;.

Introdução	16
Parte I – Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada	18
Capítulo I – Intervenção em contexto educativo: o 1º ciclo do Ensino Básico	19
1.1. Caracterização do contexto	19
1.1.1. O meio local	19
1.1.2. O agrupamento	20
1.1.3. A escola	21
1.1.4. A turma	22
1.2. Percurso da Intervenção Educativa: o 3º ano de escolaridade	25
1.2.1. Português	26
1.2.2. Matemática	29
1.2.3. Estudo do meio	30
1.2.4. Expressão Físico-Motora	32
1.2.5. Atividade Peddy-Papper sustentável	33
1.2.6. Envolvimento com a comunidade educativa	35
1.3. Em síntese	37
Capítulo II – Intervenção em contexto educativo: 2º ciclo do Ensino Básico	39
2.1. Caracterização do contexto	39
2.1.1. O meio local	39
2.1.2. O agrupamento	40
2.1.3. A escola	40
2.1.4. A turma	41
2.1.4.1. 5º ano de escolaridade	41
2.1.4.2. 6º ano de escolaridade	43
2.2. Percurso da intervenção educativa	44
2.2.1. Português	45

2.2.2. História e Geografia de Portugal	49
2.2.3. Envolvimento na comunidade educativa	51
2.3. Em síntese	54
Parte II – Trabalho de Investigação	56
Capítulo I – Introdução	57
1.1. Caracterização do estudo	57
1.1.1. Identificação da pertinência do problema	58
1.1.2. Questão de investigação	61
1.1.3. Objetivos de investigação	61
1.2. Motivação	61
Capítulo II – Movimento Feminista: História e Geografia de Portugal na promoção da cidadania global	63
2.1. A função social da História e Geografia de Portugal	63
2.2. Educar para a Cidadania Global	66
2.3. O papel da mulher ao longo da História Ocidental	68
2.4. O Feminismo em Portugal a partir do século XX	78
2.5. Feminismo – conceito em evolução	86
2.6. O papel da mulher na matriz curricular de História e Geografia de Portugal	90
Capítulo III – Metodologia de Investigação	93
3.1. Opções metodológicas	93
3.2. Descrição do estudo	95
3.2.1. Primeira sessão – 8 de maio de 2019 – “A mulher na História”	95
3.2.2. Segunda sessão – 13 de maio de 2019 – “Retrato de um domingo em família: que conceções de género?”	97
3.2.3. Terceira sessão – 15 de maio de 2019 – “O trabalho de cada um” e “Cartazes pela igualdade”	98
3.2.4. Quarta sessão – 22 de maio de 2019 – “Feminismo, o que é isso afinal?”	100

3.3.	Caracterização dos participantes	101
3.4.	Técnicas e instrumentos de recolha de dados	106
3.4.1.	Procedimentos da análise de dados	107
3.5.	Em síntese	109
Capítulo IV – Representação e análise de resultados		110
4.1.	Análise do Questionário Inicial	110
4.2.	Análise da sequência didática implementada	118
4.2.1.	Primeira sessão	118
4.2.2.	Segunda sessão	123
4.2.3.	Terceira sessão	126
4.2.4.	Quarta sessão	131
4.3.	Análise do Questionário Final	133
4.4.	Em síntese	144
Capítulo V – Conclusões		146
5.1.	Conclusões do estudo	146
5.2.	Limitações do estudo e considerações finais	150
5.3.	Sugestões para investigação futura	151
Parte III – Reflexão Global		152
1.	Reflexão global	153
Referência bibliográficas		158
Anexos		165

Tabela 1 – Nível escolar da população portuguesa com mais de 15 anos em 1999 (CCF, 1990, p.71)	85
Tabela 2 – Sexo dos participantes	102
Tabela 3 – Idades dos participantes	102
Tabela 4 – Agregados familiares dos alunos da turma	103
Tabela 5 – Irmãos dos participantes	103
Tabela 6 – Profissões dos pais ou encarregados de educação dos participantes	104
Tabela 7 – Habilitações literárias dos pais dos alunos	105
Tabela 8 – Profissões que os alunos gostavam de desempenhar no futuro	105
Tabela 9 – Respostas dos participantes sobre se conhecem o termo “género”	110
Tabela 10 – O que os participantes entendem por “género”	111
Tabela 11 – Brinquedos dos participantes na sua infância	111
Tabela 12 – Respostas dos participantes sobre se a educação que lhes é dada é igual à dos seus irmãos	112
Tabela 13 – Respostas dos participantes que assinalaram <i>sim</i> (exemplos concretos) (n = 15)	113
Tabela 14 – Distribuição das tarefas em casa de cada participante ...	113
Tabela 15 – Respostas dos participantes relativas às afirmações do questionário inicial	114
Tabela 16 – Respostas dos participantes sobre se existe igualdade de direitos em Portugal	115
Tabela 17 – Opinião dos participantes sobre se é importante existir igualdade	115

Tabela 18 – Opinião dos participantes sobre se as mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens	116
Tabela 19 – Respostas dos participantes sobre se as mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens	116
Tabela 20 – Respostas dos participantes sobre se se consideram feministas	117
Tabela 21 – Respostas dos participantes sobre o que é para eles o feminismo	117
Tabela 22 – Diálogo estruturado com os alunos sobre a análise do <i>PowerPoint</i>	118
Tabela 23 – Interação entre a professora e os alunos na reflexão da atividade	125
Tabela 24 – Associações feitas pelos alunos de profissões ao sexo	126
Tabela 25 – interação entre a professora e os alunos na reflexão da atividade	127
Tabela 26 – Problemáticas relativas à desigualdade	128
Tabela 27 – Interação entre a professora e os alunos na apresentação do <i>PowerPoint</i>	131
Tabela 28 – Respostas dos alunos em jeito de conclusão da abordagem	133
Tabela 29 – Respostas dos participantes sobre se conhecem o termo “género”	134
Tabela 30 – O que os participantes entendem por “género”	135
Tabela 31 – Respostas dos participantes relativas às afirmações	135
Tabela 32 – Respostas dos participantes sobre se existe igualdade de direitos em Portugal	136
Tabela 33 – Opinião dos participantes sobre se deve existir igualdade de direitos	136
Tabela 34 – Opinião dos participantes sobre se as mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens	137

Tabela 35 – Respostas dos participantes sobre se conhecem alguma mulher feminista	137
Tabela 36 – Respostas dos participantes sobre se se consideram feministas	138
Tabela 37 – Respostas dos participantes sobre o que é para eles o feminismo	138
Tabela 38 – Classificações atribuídas pelos participantes em relação às atividades	139
Tabela 39 – Atividade que os participantes mais gostaram e mesmos gostaram	139
Tabela 40 – Opinião dos participantes sobre a importância de refletir sobre a igualdade de direitos	140
Tabela 41 – Justificação dos participantes para a importância de refletir sobre a igualdade de direitos (n = 18)	140
Tabela 42 – Justificação dos participantes para a pouca importância de se refletir sobre a igualdade de direitos	141
Tabela 43 – Respostas dos participantes sobre se as atividades os levaram a perceber que existe desigualdade de direitos	141
Tabela 44 – Aspectos marcantes para os participantes	142
Tabela 45 – Respostas dos participantes sobre se as atividades os fizeram sentir como alguém que se sentiu inferiorizado pela sua condição	143
Tabela 46 – Respostas dos participantes sobre se partilharam as atividades desenvolvidas com os pais / encarregados de educação	143
Tabela 47 – Opinião dos pais / encarregados de educação sobre a abordagem da igualdade de direitos nas aulas de HGP (n = 15)	144
Tabela 48 – Justificação dos participantes que não partilharam a abordagem da temática da igualdade de direitos com os pais / encarregados de educação (n = 4)	144

Figura 1 – Cartaz “Sabichão do Saber”	24
Figura 2 – Alunos eleitos “Sabichão do Saber”	24
Figura 3 – Cartaz (porto 2)	34
Figura 4 – “Roda dos Alimentos”	35
Figura 5 – Decoração de Natal	36
Figura 6 – Dramatização da história “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”	37
Figura 7 – Cartaz realizado com os alunos da turma do 5º ano	52
Figura 8 – Exposição “45 anos de Liberdade”	53
Figura 9 – Trabalho de dois alunos da turma de 6º ano	53
Figura 10 – Alguns cartazes dos alunos da turma do 6º ano	54
Figura 11 – Diapositivo 1 – A mulher na História: desde a Pré-História à atualidade	96
Figura 12 – Modelo Bilhete de Identidade personalizado	97
Figura 13 – <i>Cartoons</i> sobre situações de desigualdade entre os sexos.....	101
Figura 14 – BI feito pelos alunos sobre Maria Valeda	122
Figura 15 – BI feito pelos alunos sobre Elina Guimarães	122
Figura 16 – BI feito pelos alunos sobre Ana Castro Osório	123
Figura 17 – Desenhos feitos pelos alunos sobre a história lida	124
Figura 18 – Cartaz feito pelos alunos	128
Figura 19 – Cartaz feito pelos alunos	129
Figura 20 – Cartaz feito pelos alunos	129
Figura 21 – Cartaz feito pelos alunos	130
Figura 22 – Cartaz feito pelos alunos	130

CEB – Ciclo do Ensino Básico

PASSE – Programa de Alimentação Saudável em Saúde Escolar

PODE – Projeto de Otimização dos Direitos Escolares

PRESSE – Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar

PNL – Plano Nacional de Leitura

NEE – Necessidades Educativas Especiais

PES – Prática de Ensino Supervisionada

HGP – História e Geografia de Portugal

DGE – Direção Geral de Educação

EC – Educação para a Cidadania

IG – Igualdade de Género

CNMP – Conselho Nacional de Mulheres Portuguesas

CCF – Comissão da Condição Feminina – 1990

LGBT(TT) – Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transsexuais e Transgéneros

PE – Porto Editora

UE – União Europeia

CE – Comissão Europeia

ECG – Educação para a Cidadania Global

UNESCO - United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization

OCDE - Organização de Cooperação e de Desenvolvimento Económico

BI – Bilhete de Identidade

A.C.T. – Autoridade e Condições de Trabalho

O presente relatório foi elaborado no âmbito da unidade curricular de Prática de Ensino Supervisionada, inserida no plano curricular de Mestrado em Ensino do 1º Ciclo do Ensino Básico e de Português e História e Geografia de Portugal no 2º Ciclo do Ensino Básico, propinado pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo.

A Prática de Ensino Supervisionada desenvolveu-se em duas partes sendo o primeiro semestre do ano letivo 2017/2018 com uma turma do 1º CEB, mais propriamente, um 3º ano de escolaridade, e o segundo do mesmo ano letivo com uma turma do 2º CEB, mais especificamente, com um 6º ano de escolaridade, com a qual foi elaborado um estudo de investigação no âmbito da integração da Educação para o Desenvolvimento na aulas de História e Geografia de Portugal.

No que concerne à estrutura, este relatório divide-se em três partes. Na parte I, é apresentado o enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada, sendo o capítulo I do mesmo, destinado a descrever a ação interventiva no contexto educativo do 1º CEB e o capítulo II destinado a descrever a intervenção no contexto educativo do 2º CEB. Para ambos os contextos, é ainda realizada uma caracterização de cada um deles, bem como uma exposição do percurso de intervenção no mesmo.

Por sua vez, a parte II está dividida em cinco capítulos, sendo primeiro correspondente à introdução, onde se realiza a contextualização do estudo, a motivação para a elaboração do mesmo, a pertinência do problema, a questão de investigação e os objetivos do estudo. O capítulo II expõe uma reflexão sobre a disciplina de História e Geografia de Portugal como caminho promotor da Cidadania Global abordando sete grandes tópicos, sendo eles: A função social da História e Geografia de Portugal, Educar para a Cidadania Global, O papel da mulher ao longo da História no Ocidental, O feminismo em Portugal a partir do século XX, O papel da mulher na matriz curricular de História e Geografia de Portugal, Feminismo na contemporaneidade e por último, Feminismo – conceito em evolução. Já ao longo do capítulo III é descrita a metodologia e o tipo de

investigação utilizada bem como realizada a descrição dos participantes e apresentadas a técnicas e instrumentos para a recolha de dados. No capítulo IV, é efetuada a discussão de resultados que passa pela análise do questionário inicial, pela análise da sequência didática implementada e pela análise do questionário final. No Capítulo V, e último, evidenciam-se as conclusões do estudo, as limitações do mesmo e apresentam-se sugestões para investigações futuras.

Por fim, a terceira parte deste relatório, visa concretizar um momento reflexivo acerca de toda a Prática de Ensino Supervisionada, reunindo os aspetos mais positivos e menos positivos da mesma, assim como o seu contributo para o nosso desenvolvimento pessoal e profissional. Após este balanço final, listam-se as referências bibliográficas que serviram de sustentação ao estudo, tal como os anexos referidos ao longo do relatório.

Parte I - Enquadramento da Prática de Ensino Supervisionada

A primeira parte deste relatório é constituída por dois capítulos, sendo que o capítulo I se refere à intervenção no contexto educativo do primeiro ciclo do ensino básico. Neste é efetuada uma caracterização do contexto, bem como uma descrição do percurso da intervenção educativa no local onde decorreu a primeira parte da Prática de Ensino Supervisionada. Por sua vez, o capítulo II possui uma estrutura semelhante, diferindo no facto de ser referente à intervenção no contexto educativo do segundo ciclo do ensino básico, onde decorreu a segunda parte da Prática de Ensino Supervisionada.

Capítulo I – Intervenção em contexto educativo: O 1º Ciclo do Ensino Básico

Este capítulo incidirá em dois tópicos que visam enquadrar a Prática de Ensino Supervisionada no contexto de 1º CEB, sendo eles a caracterização do mesmo e a descrição do percurso da intervenção educativa.

1.1. Caracterização do contexto

Prosseguimos, seguidamente, para a caracterização do contexto onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada no 1º CEB, demonstrando o percurso efetuado enquanto professora estagiária neste nível de ensino.

1.1.1. O meio local

No que diz respeito ao contexto em que foi realizada a primeira parte da Prática de Ensino Supervisionada, apresentamos uma breve caracterização do meio local onde está inserida a escola e o contexto escolar em questão.

Deste modo, a intervenção em contexto educativo foi realizada num centro escolar que corresponde a uma instituição pública do 1º Ciclo, cuja inauguração datou no ano letivo de 2010/2011. Esta instituição encontra-se inserida numa freguesia do distrito de Viana do Castelo. Está situada na margem direita do rio Lima e confronta com outras freguesias, também, pertencentes ao concelho de Viana do Castelo. Trata-se de um meio rural que acolhe mais de 3.500 habitantes sendo que a população é relativamente jovem e razoavelmente escolarizada.

A nível económico, no computo geral podemos afirmar que para além de uma importante atividade agropecuária de valor inquestionável para a subsistência de inúmeras famílias, esta freguesia beneficia ainda de um sector industrial representado em pequenas, mas numerosas unidades dos mais diversos sectores de atividade de produção. Apesar disso, são ainda muitas as famílias que vivem da agricultura e cerca de 30% dos ativos residentes, ainda trabalham na terra. Mesmo assim, e porque nos últimos anos não tem havido grandes investimentos, ainda existem alguns problemas na área do emprego, problemas estes que incidem principalmente nos jovens à saída da sua formação escolar.

Quanto a equipamentos, nesta freguesia, a população beneficia de uma área desportiva, cultural e de lazer, funciona um campo de jogos que é utilizado regularmente pela Associação Desportiva e Cultural e uma sala polivalente com capacidade para espetáculos, cinema e teatro de propriedade religiosa. Existe também uma Escola de Música e um Grupo de Danças e Cantares. Na área da saúde, a população tem à disposição um centro e um posto médico com serviços de enfermagem. Na freguesia funciona ainda um Jardim de Infância com centro de apoio à Terceira Idade. A freguesia não tem qualquer equipamento que possa ser utilizado temporariamente por quem a queira visitar ou passar alguns dias, no entanto, existem boas potencialidades turísticas, dado o património natural e construído da localidade em questão.

1.1.2. O agrupamento

O agrupamento da qual faz parte a escola onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada, importa dizer que esta surge como tal, desde janeiro de 2013 após a junção de três agrupamentos da região. O agrupamento localiza-se no concelho de Viana do Castelo, na margem sul do rio Lima e a sua área de influência estende-se por dez freguesias, abrangendo cerca de 72 quilómetros quadrados. É composto por dezasseis unidades orgânicas espalhadas por sete freguesias do concelho e duas uniões de freguesia, num meio prevalentemente rural, não obstante, que existam também áreas mais urbanas e zonas industriais. Entre as unidades orgânicas estão jardins de Infância, Escolas Básicas de 1º ciclo, Escolas Básicas de 2º e 3º ciclos e a escola sede que abrange também o ensino secundário.

Quanto a projetos educativos, este agrupamento revela uma grande preocupação em formar alunos críticos, com valores e preocupados com a sociedade, estando estes elementos presentes nos programas de todas as unidades orgânicas. Nesse sentido, importa revelar que o agrupamento desenvolve projetos educativos ao nível ambiental, desportivo, social e literário. Tem vindo a levar a cabo projetos como: Desporto Escolar, Autoridade e Condições de trabalho (A.C.T.), projeto Ecoescolas, projetos de Saúde (PASSE / PRESSE / PODE) e o projeto Literacias / PNL. Ao longo da Prática de Ensino Supervisionada foi possível acompanhar os alunos com a qual intervimos, nos projetos PASSE (Programa

de Alimentação Saudável em Saúde Escolar) e PRESSE (Programa Regional de Educação Sexual em Saúde Escolar), realizando atividades propostas nos programas. Importa também destacar o desenvolvimento de projetos no âmbito da leitura e da escrita, interligados com a Biblioteca, projetos relacionados com as artes, entre outros.

No que diz respeito à finalidade de atingir o sucesso educativo, o agrupamento no final de todos os anos letivos preocupa-se em analisar e refletir sobre os resultados obtidos pelos alunos, passando essa análise não só pelo departamento curricular, mas também, pelo Conselho Pedagógico. Existem também ações em prol da inclusão de todos os alunos com o objetivo de responder às diversas necessidades e características de cada um. Para ajudar nesse processo o agrupamento conta com o departamento de Educação Especial, com o Gabinete de Apoio ao Aluno e com a Mediação Familiar.

Visando o alcance desse sucesso o agrupamento assume o compromisso não só de qualificar os alunos, mas também de os educar para os valores e dinamizar a comunidade a nível cultural. Pense esse efeito, verifica-se um esforço em desenvolver uma identidade de Agrupamento e um sentimento de pertença, articulando o trabalho em todas as escolas, reestruturar a comunicação em ambiente escolar, tornando a sua circulação mais eficiente e melhorar o sucesso escolar dos alunos, quer ao nível interno quer ao nível externo. Ademais, o agrupamento trabalha na promoção da participação de pais e encarregados de educação na comunidade e da avaliação e monitorização sistemática do Agrupamento, tendo em vista a melhoria da qualidade e a integração dos alunos na vida ativa, além de garantir as condições de segurança e conforto de todos os elementos da comunidade educativa.

1.1.3. A escola

Focamo-nos, de seguida, mais detalhadamente na escola em que o nosso contexto de estágio de 1º CEB foi inserido. Esta apresenta uma arquitetura moderna, com excelentes condições e que se adapta perfeitamente para o que se destina. Tanto o edifício escolar como o espaço exterior são bastante espaçosos e acolhedores, proporcionando aos alunos, professores e funcionários um grande conforto.

O espaço interior é constituído por dois pisos, sendo que no piso superior tem a sala dos professores, casas de banho, sala de primeiros socorros, cantina, biblioteca ludoteca e três salas de aula. No piso inferior existe uma sala de arrumações, ginásio, balneários, casas de banho, três salas de aula, uma sala de apoio/TIC e uma sala de expressão plástica. O espaço exterior alonga-se em volta de toda a escola e é composto por um amplo recreio com jardins e um campo polidesportivo que oferece aos alunos a possibilidade de bons momentos de brincadeira ao ar livre.

No que concerne à dinâmica da escola, esta inicia as atividades letivas às nove horas. Não obstante, a partir das oito horas, uma funcionária da escola está a receber as crianças que necessitem de vir mais cedo por serem transportadas na carrinha escolar ou por motivo dos horários de trabalho dos pais. Por sua vez, na parte da tarde, as atividades letivas finalizam-se pelas dezasseis horas. Porém, os alunos que assim desejassem podiam ainda frequentar as Atividades de Enriquecimento Curricular que a escola oferece até às dezassete e trinta minutos.

Focando agora na dinâmica da escola, há a salientar que a mesma se rege por um conjunto de atividades integradas no Plano Anual de Atividades, de relevante interesse humanístico, científico e didático-pedagógico. Ao longo da nossa intervenção desenvolveram-se algumas atividades práticas/experimentais. É o caso da atividade “Reflorestação”, da dinamização da Rádio Escolar, da comemoração do Dia Mundial da Alimentação, do Dia mundial da Paz, do Dia Mundial dos Direitos da Crianças e da assistência a sessões dinamizadas por parte de escritores nacionais a fim de incentivar à leitura.

1.1.4. A turma

De forma a caracterizar a turma com a qual o estágio no 1º CEB foi realizado, esta era constituída por catorze alunos, sendo eles, dez do sexo masculino e quatro do sexo feminino. O ano de escolaridade com que trabalhamos com estas crianças foi o 3º e nenhuma delas sofreu retenção nem tinha Necessidades Educativas Especiais (NEE). Não obstante, existiam na turma alunos com algumas dificuldades nas aprendizagens. Havia ainda um aluno que foi inserido na turma mais tarde com língua materna inglesa, pois a

sua cidade natal é Johannesburg, na África do Sul. Este aluno não criou dificuldade nem às docentes nem aos colegas, dado que, ele percebia tudo que lhe era dito e integrou-se muito bem na turma. Ainda assim, e por o português não ser a sua língua de origem, o aluno estava a ter apoio individualizado por parte de uma professora destacada para esse trabalho. Quanto às idades dos alunos da turma, estas estão compreendidas entre os oito e os dez anos, sendo que treze alunos nasceram em 2010 e um em 2009.

Quanto ao nível socioeconómico e cultural da turma, este pode caracterizar-se como médio, tendo em conta que existem seis alunos a beneficiarem de auxílios económicos, todos abrangidos pelo escalão B.

No que diz respeito ao comportamento, os alunos eram cumpridores das regras de comportamento, calmos, respeitadores e atentos. Não obstante, em dados momentos a turma revelou alguma agitação ou ansiedade, mas nada que colocasse em causa a lecionação das aulas. Em termos de aproveitamento os alunos revelaram um nível satisfatório dado que a percentagem de negativas às diversas disciplinas é muito baixa. Num computo geral, os alunos alcançam agradáveis classificações. Apenas 25% dos alunos é que revela classificações mais instáveis entre a positiva e a negativa, isto segundo informações obtidas junto da docente titular da turma. Note-se que apesar dos bons resultados era notório a grande falta de estudo fora do contexto escolar, verificando-se no questionamento oral ou em fichas de trabalho. Acredita-se que com um pouco mais de empenho por parte dos alunos, o aproveitamento seria bem melhor. No sentido de reverter esta situação, os professores têm vindo a reforçar a necessidade de empenho e persistência nas tarefas que são propostas aos alunos, pois as aprendizagens adquiridas em contexto de sala de aula não se revelaram suficientes para a consolidação dos conteúdos lecionados dada a extensão do programa curricular.

Visando também reverter a situação apontada, nós como par de professoras estagiárias pensamos numa possível estratégia de recuperação e que se concluiu numa dinâmica intitulada de “Sabichão do Saber”. Esta consistia na criação de uma figura animada fictícia chamada de “Sabichão do Saber” e na atribuição de uma classificação entre 1 a 5 nas fichas de trabalho que os alunos iam realizando nas nossas aulas. Dado isto, os alunos que obtivessem a nota máxima (cinco) tinham oportunidade de retirar um desafio

da “Caixa dos desafios do Sabichão do Saber”. Caso respondessem corretamente ao desafio os alunos tinham direito a uma estrela dourada a ser colada num cartaz (Fig.1). Ao fim de onze estrelas douradas, os alunos eram congratulados com o título de “Sabichão do Saber”, com uma medalha e com um diploma. O objetivo desta dinâmica era captar a atenção dos alunos à lecionação dos conteúdos, bem como, motivá-los a estudar para se poderem tornar num “Sabichão do Saber” da turma do 3º ano. Como se pode observar na figura 1, houve um grande esforço por parte dos alunos em atingir as competências para alcançarem o objetivo da dinâmica, no entanto, apenas três alunos o conseguiram (Fig. 2).

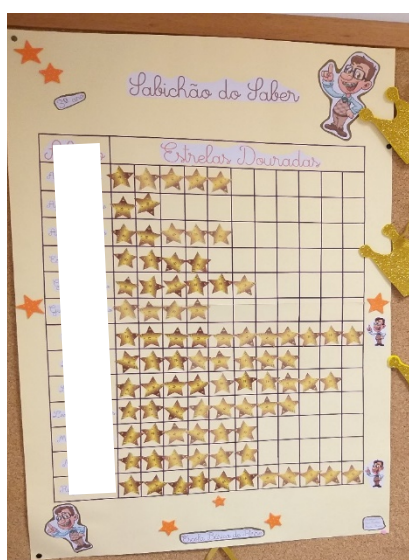


Figura 1 – Cartaz “Sabichão do Saber”.



Figura 2 – Alunos eleitos “Sabichões do Saber”.

Quando à postura dos alunos em sala de aula há a especificar que quatro alunos se destacam pelo seu bom desempenho escolar, tendo-se revelado alunos atentos e interessados na consecução das tarefas e atividades propostas. Por sua vez, seis alunos revelaram bastantes capacidades, mas por vezes estão desatentos, faladores e pouco persistentes nas tarefas da aula. Relativamente aos restantes, há a dizer que, mesmo sendo responsáveis e demonstrando empenho, a sua participação limita-se às solicitações dos professores e nota-se que deviam praticar bastante os conteúdos fora da sala de aula uma vez que, estes alunos assumem a parte da turma que se mostrou com mais dificuldades.

Focalizando nas diversas áreas de estudo, o Português transpareceu ser a área onde os alunos tinham mais dificuldades, designadamente no domínio da leitura e da escrita. A matemática era a área que mais os cativava e que lhes captava mais atenção, no entanto,

alguns temas não eram bem assimilados por toda a turma. Dado isto, revelou-se muito importante a consolidação de cada conceito abordado. O Estudo do Meio foi a área onde os alunos se destacaram mais pelas suas boas classificações, era uma disciplina que lhes suscitava muito interesse e a que eles mais queriam fazer perguntas. As expressões revelaram-se áreas que os alunos gostavam bastante e que realizavam com bastante destreza, motivação e dedicação.

Esta caracterização revelou-se profundamente útil para atuar de acordo com as características dos alunos da turma, adequando as tarefas às suas capacidades e motivações.

1.2. Percurso da intervenção educativa: o 3º ano de escolaridade

Tal como antevisto, a primeira parte da prática de Ensino Supervisionada teve a duração de quinze semanas, sendo as três primeiras destinadas à observação e integração no contexto educativo, semanas estas que se revelaram fundamentais para a nossa intervenção no sentido que nos permitiu não só aperceber das estratégias, práticas, hábitos e dinâmicas da docente titular da turma, mas também do comportamento, das capacidades e motivações dos alunos. Permitiu ainda perceber os ritmos de aprendizagens dos mesmos, bem como, as suas dificuldades, aspetos estes que se revelaram posteriormente fundamentais, visto que foi sobre eles que se apoiou o nosso planeamento das aulas a lecionar.

Terminada a fase de observação/intervenção, estrearam-se as doze semanas de regências, das quais nove tiveram três dias de intervenção, uma teve dois dias de intervenção e duas com cinco dias de intervenção, ou seja, todos os dias úteis da semana. O estágio era composto por um par pedagógico que ia lecionando as aulas alternadamente por semanas atribuindo-se assim, seis intervenções para cada elemento do par. Cada um dos elementos contou também com uma semana intensiva (cinco dias). Esta semana serviu para que cada estagiário se apercebesse do funcionamento de uma semana completa de trabalho, como tem um professor titular de uma turma comum.

No que concerne às competências a ter como estagiárias, este contexto educativo permitiu-nos planificar pormenorizadamente as atividades a implementar, experienciar a ação educativa, bem como avaliar e refletir sobre a prática pedagógica implementada,

aplicando os conhecimentos curriculares e didáticos nas áreas disciplinares de Estudo do Meio, Português, Matemática e Expressão Físico-Motora. A intervenção no contexto educativo foi concretizada sempre tendo por base o trabalho colaborativo desenvolvido pelo par pedagógico, desde a discussão de ideias para abordar os conteúdos, à realização das planificações das atividades a serem implementadas, tendo em consideração os interesses, motivações e dificuldades dos alunos, com a finalidade de desenvolver nestes, aprendizagens significativas. Os conteúdos a abordar por cada elemento do par pedagógico eram propostos pela docente titular da turma. Esta assumiu sempre um papel colaborativo com as estagiárias, no sentido de entreajuda e de *feedback* relativamente às nossas intervenções. Assim, concluímos que o período de regências propiciou um conjunto alargado de vivências essenciais à perceção da realidade escolar e à aquisição de aptidões profissionais e pessoais fulcrais para a prática pedagógica.

Posto isto, evidencia-se efetuar de seguida, uma análise mais detalhada e pormenorizada no que respeita aos métodos e estratégias didático-pedagógicas implementados aquando da intervenção enquanto docente estagiária, refletido sobre o que foi sendo trabalhado ao longo das semanas de regência, tendo sempre presente que as práticas reflexivas são uma estratégia fundamental no processo de aperfeiçoamento das práticas pedagógicas na medida em que, a reflexão, nos permite corrigir erros e adequar estratégias nas diversas situações de modo a levar a cabo o nosso objetivo de criar nos alunos aprendizagens significativas.

1.2.1. Português

No respeitante à unidade curricular de português pode adiantar-se que foram trabalhados conteúdos dos diferentes domínios propostos no programa e metas curriculares: Oralidade, Leitura e Escrita, Educação Literária e Gramática.

No domínio da *oralidade* é de referir que foi trabalhada a interação discursiva, a compreensão e expressão oral e a produção do discurso oral. Na interação discursiva era solicitado aos alunos a explicação acerca do que tinham ouvido adaptando o seu discurso às diferentes situações de comunicação. No que abrange o conteúdo da compreensão oral e expressão oral, foram apresentadas aos alunos atividades focalizadas para o alargamento

do vocabulário, nomeadamente na descoberta do significado de palavras desconhecidas através do seu contexto. Procuramos também dar ênfase, por exemplo, às atividades direcionadas para a expressão orientada, como a dramatização e a justificação de pontos de vista, opiniões e atitudes. Focalizamo-nos ainda, já no conteúdo da produção do discurso oral, em dar a devida importância à clareza, à articulação e ao ritmo adequado do discurso dos alunos, assim como, procuramos sempre auxiliá-los para uma construção frásica mais complexa, que se interliga também com o aumento do vocabulário.

No que diz respeito ao domínio da *Leitura e Escrita*, este apesar de ter em si aparentemente dois domínios, juntos formam apenas um, na medida em que ambos se interligam e funcionam em conjunto. A exploração da *Leitura* teve por base a análise de textos com diferentes características, proporcionando aos alunos momentos de leitura silenciosa e em voz alta. Assim sendo, os alunos contactaram com diversos géneros textuais, auxiliando a compreensão de textos, desenvolvendo a fluência, a prosódia e ritmos adequados de leitura e alargando o seu vocabulário de acordo com a temática do texto. Consequentemente, após as leituras os alunos eram questionados acerca do mesmo, monitorizando, desta forma, se os alunos compreendiam o que liam e se sabiam organizar os conhecimentos do texto, bem como, relacionar os textos com conhecimentos anteriores. No respeitante à *Escrita*, foram trabalhados vários conteúdos. Este domínio revelou ser um dos que mais dificuldades causava junto dos alunos e, nesse sentido, trabalhámos para tentar reverter esta conjectura realizando atividades de escrita diversificadas sempre tendo em conta que essas atividades fossem ao encontro das suas motivações para manter os alunos envolvidos nas tarefas. Assim, os alunos puderam escrever textos de vários tipos como: texto descritivo, texto narrativo e convite. A realização dos mesmos, teve sempre por base a planificação da escrita, o processo de escrita em si, orientando os alunos para redigirem corretamente, utilizando os mecanismos de coesão e coerência adequados e tendo cuidado com as regras de ortografia e de pontuação, bem como o processo de revisão do texto escrito. A criatividade dos alunos foi constantemente fomentada, visto que lhes foi proposto, por diversas vezes, que escrevessem textos criativos de diversos tipos, de acordo com a temática que estivesse a ser abordada. Exploramos ainda atividades como, ditados partilhados e desafios de 77

palavras, atividades estas que motivaram muito os alunos para a escrita. Após esta intervenção foi possível observar alunos detentores já de um vasto domínio escrito e escreventes autónomos bem como observamos alunos mais interessados e motivados pelos conteúdos a aprender.

No que concerne à *Educação Literária*, demos ênfase à exploração de obras literárias em que a moralidade fosse ao encontro de problemas do dia-a-dia e que pudessem fomentar nos alunos bons atos de respeito e cidadania para com os demais. Nesse sentido, foi estudada a obra *“As Aventuras de Pinóquio”* de *Carlo Collodi*, debatendo, sempre que possível, ideias, sentimentos e pontos de vista que a obra suscitava nos alunos. Era sempre questionada a atitude das personagens e aberto um espaço na aula para se debater em grande grupo essas situações. Foi importante ainda proporcionar o contacto físico com o livro bem como a análise das ilustrações (ver Anexo 1). Foi trabalhada ainda a obra *“Ninguém dá prendas ao Pai Natal”*, apresentada através da dramatização. Verificou-se que este tipo de texto cativou muito as crianças, pois elas quiseram também fazer a dramatização da obra, representando as personagens com bastante vivacidade. Esta obra permitiu debater com os alunos o valor que os presentes têm no Natal de muitas famílias e se isso é realmente o elemento primordial desta época festiva. Uma última obra abordada, mas não menos importante, foi *“As Fadas Verdes”* de Matilde Rosa Araújo, uma obra composta por poemas alusivos à natureza, um bem tão precioso para todos, e com isto, aproveitamos para falar da importância de cuidar do meio ambiente. Como é visível, todas as obras tinham o objetivo de trabalhar um tema social e isso foi algo que motivou os alunos, pois percebiam que estavam a ler uma obra que ia ao encontro de temas da atualidade.

Resta abordar o que foi trabalhado ao nível da *Gramática*. Aqui, importa dizer que procuramos sempre ir intercalando o estudo da gramática com os textos lidos, para que fosse visível para os alunos que é possível estudar muitos conteúdos a partir de um texto. Não foi lecionado nenhum conteúdo em específico, no entanto abordamos a classe de palavras (nomes, pronomes, determinantes e advérbios), a morfologia e lexicologia (flexão em género e número de nomes e adjetivos qualificativos, sinónimos, antónimos, as conjugações verbais e flexão de verbos irregulares no presente do indicativo) e a sintaxe

(tipos e formas de frases e discurso direto). Com estas atividades procuramos sempre que os alunos dominassem as regras e processos gramaticais para que pudessem ser também aplicados corretamente em situações de *Oralidade, Leitura e Escrita*.

1.2.2. Matemática

No que concerne à área curricular da Matemática, tivemos como propósito fomentar o gosto pela mesma, a aprendizagem pela descoberta e a realização de atividades que promovessem o raciocínio.

Em termos de conteúdos, e tendo em conta as planificações realizadas, a intervenção em Matemática assentou em três domínios preponderantes. No domínio, *Números naturais*, foi-nos possível abordar os conteúdos: *Conhecer a numeração romana* e *Contar até 1 milhão*. Para a concretização de aprendizagens significativas destes conceitos, procuramos sempre proporcionar aos alunos tarefas diversificadas e propostas sob vários modelos diferentes (projetadas, em fichas de trabalho, tarefas do manual, jogos, ...) e desafiantes que os levassem a mobilizar os conhecimentos prévios, de modo a compreenderem os conteúdos novos e a os aplicarem corretamente. Podemos ainda salientar que no âmbito da lecionação destes conteúdos se deu uma elevada focalização ao conhecimento pela descoberta, na medida em que, a professora apenas dava algumas dicas aos alunos sobre os conteúdos, de resto, eram eles que iam chegando aos conceitos através da observação de regularidades ou da estimulação do raciocínio (ver Anexo 2).

Outro domínio abordado nas aulas de matemática foi o seguinte: *Reconhecer propriedades geométricas*. Dentro deste conteúdo foi lecionado o círculo, a circunferência, o centro, o raio e o diâmetro. Ora a geometria apresenta-se como algo abstrato e como tal, mais difícil de compreender e no sentido de contradizer um pouco este pensamento focamo-nos em *Johannes Kepler*, um matemático que dizia: “A Geometria existe por toda a parte. É preciso, porém, olhos para vê-la, inteligência para compreendê-la e alma para admirá-la.”. Posto isto, incidimos a nossa intervenção na análise dos objetos que nos rodeiam, percebendo o que há em comum entre eles e tirando partido disso para a lecionação dos conteúdos. Percebemos que é mais fácil a compreensão dos conceitos quando os alunos estão a observar algo concreto e que lhes é próximo.

Durante a regência foi abordado ainda um último domínio, o da *Representação e Tratamento de Dados*. Este conteúdo revelou-se completamente novo e desconhecido para os alunos uma vez que nem conhecimentos prévios aferimos. Dado isto e para uma melhor compreensão do tema por parte da turma, foram realizados inquéritos aos alunos para, posteriormente, se realizarem as tabelas de frequência absoluta com os dados recolhidos dos questionários. Esta foi a estratégia utilizada para que os alunos sentissem que o tema lhes poderia ser muito útil e próximo visto que os dados que estavam a ser estudados eram as respostas deles. Captada a atenção dos alunos foi mais fácil passar-lhes os conceitos de moda, máximo, mínimo e amplitude. Importa dizer que a consolidação, neste domínio, também se revelou muito importante, os alunos através de fichas de trabalho puderam contactar com vários tipos de gráficos e de tabelas, com vários tipos de questão e de problemas adquirindo, assim, conhecimentos significativos.

A par de tudo isto, vale ainda referir que os diversos temas foram estudados sempre tentando envolver todos os alunos, levando-os a serem protagonistas da sua própria aprendizagem, mantendo-os envolvidos nos raciocínios matemáticos, na comunicação matemática e na resolução de problemas para que os alunos crescessem em conhecimentos nesta área curricular.

1.2.3. Estudo do Meio

Quanto à área curricular de Estudo do Meio, os alunos tiveram a oportunidade de aprofundar os seus conhecimentos em relação à Natureza e à Sociedade. Para isso, tentamos sempre diversificar as aulas com ferramentas lúdicas de modo a promover o sucesso da aprendizagem dos alunos nos conteúdos lecionados.

Neste sentido, importa referir que a nossa prática incidiu na exploração do *Bloco 1 - À Descoberta de Si Mesmo* onde exploramos os fenómenos relacionados com as funções do corpo humano, nomeadamente o sistema reprodutor, conhecemos a sua função e os órgãos dos aparelhos correspondentes. Na aula em que esta abordagem foi feita privilegiamos, numa fase inicial, a leção dos conceitos relativos ao sistema reprodutor deixando sempre que os alunos fossem voz ativa, questionassem e chegassem aos conceitos sozinhos e, seguidamente, consolidamos o tema partindo de dois corpos

desenhados numa cartolina com o objetivo de que os alunos fizessem a associação dos órgãos aos sítios corretos no corpo, bem como, a correspondência aos seus respetivos nomes. Foi uma dinâmica que incentivou muito os alunos e onde todos queriam participar colocando as peças nos sítios corretos (ver anexo 3). Ainda em estudo do meio físico e pertencente ao mesmo bloco, abordamos as emergências e os primeiros socorros, conceitos do domínio designado de *A Segurança do Seu Corpo*. Para a exploração destes temas privilegiamos muito o diálogo, abrindo espaços na aula para a realização de questões visto que são temas que lhes despertam muita curiosidade. Privilegiamos também, a utilização de recursos digitais, nomeadamente, através da projeção dos conteúdos no quadro interativo e de jogos didáticos *on-line*. Na aula dos primeiros socorros a docente estagiária colocou os alunos a criar uma caixa de primeiros socorros dando-lhes vários objetos, onde eles tinham de escolher os corretos para a constituição da caixa, propiciando, mais uma vez, a aprendizagem pela descoberta. Colocou também os alunos a dramatizar situações emergentes que poderiam acontecer no dia a dia como ferimentos leves, picadas de insetos, entorses, entre outras, e questionou-os sobre o procedimento a tomar somente depois, é que lhes deu a explicação correta. As partilhas dos alunos assumiram-se sempre relevantes no que diz respeito ao rumo que a aula poderia tomar, no entanto, sendo essas partilhas pertinentes, não era preocupante que isso acontecesse.

A nossa prática incidiu ainda num outro bloco, designado por *Bloco 3 - À Descoberta dos Outros e das Instituições* onde trabalhamos os conteúdos de *A Vida em Sociedade* e *O Passado do Meio Local*. Relativamente ao primeiro conteúdo, foi apresentado à turma o tema dos Direitos das Crianças, uma vez que a leção desta aula incidiu no dia em que se celebrava esta data. Assim, a aula direcionou-se, maioritariamente, na reflexão e sensibilização para o tema. Tentamos que os alunos percebessem não só em que consistia cada direito e cada dever, mas também que pensassem um pouco sobre eles. Abrimos espaço para que, em grande grupo, refletíssemos sobre se os direitos chegam em igualdade a todas as partes do mundo com o objetivo de os sensibilizar para essa questão preocupante. Nesta aula foi ainda realizado um jogo *on-line* onde os alunos tinham de associar se a frase que surgia no jogo se tratava de um direito ou de um dever.

Por sua vez, no conteúdo de *O Passado do Meio Local*, foi estudado o tema do património do meio local, bem como, a sensibilização para a preservação do mesmo. Aqui a nossa abordagem incidu na apresentação de imagens de vários tipos de património da freguesia de onde estas crianças eram provenientes, no sentido de que elas percebessem que aquele património tinha chegado até eles vindo dos seus antepassados, e que são alvo de grande importância para uma região e também, por isso, deve ser preservado. Depois, foram passados os conceitos relativos ao tema e, por fim, os alunos tiveram de associar o património visto anteriormente ao seu tipo (material ou imaterial) num cartaz. Foi uma aula muito bem conseguida, pois foi possível observar os alunos muito envolvidos, motivados e podemos afirmar que as aprendizagens feitas por eles foram significativas tendo respondido sempre corretamente às questões feitas posteriormente à aula dada (ver Anexo 4).

1.2.4. Expressão Físico-Motora

Na área curricular de Educação Físico-Motora, as aulas implementadas debruçaram-se fundamentalmente nos blocos: *Jogos, Deslocamentos e Equilíbrios* e *Atividades Rítmicas e Expressivas*. Nesse sentido, foram realizados jogos como: “Jogo do Gelo”, “Jogo da Corda”, “Jogo dos 5 passes”, “Jogo de Cima e Baixo”, “Jogo do Mata”, “Jogo do Rabinho de Dragão” e “Jogo do Rei Manda” (ver anexo 5). Foram feitas também tarefas em circuito como: passar por cima de cordas, contornar cones, saltar em arcos e conduzir bolas com os pés e com as mãos. Para o bloco das *Atividades Rítmicas e Expressivas*, a professora estagiária preparou uma coreografia para realizar com os alunos ao som de uma música por eles escolhida.

Estas atividades foram realizadas no sentido de desenvolver as habilidades físicas e motoras dos alunos. Estes respeitaram sempre as regras e os colegas, promovendo a cooperação em grupo. As atividades propostas foram realizadas cumprindo, na sua maioria, os objetivos definidos para a aula. Tentamos sempre ir ao encontro das suas preferências. Nesse sentido, escolhemos, maioritariamente, jogos e circuitos pois são atividades que os alunos mostraram mais interesse em realizar.

Em termos de capacidades, a turma revelou um nível de destreza na execução dos exercícios bastante satisfatória e todos os alunos da turma se envolviam na aula. Não obstante, alguns alunos realizavam as tarefas com mais correção que outros, no entanto, todos queriam participar e melhorar os seus movimentos.

É fundamental dizer ainda que procuramos sempre realizar as atividades ao ar livre, dando feedback sobre a execução das mesmas de modo a motivar os alunos e a conduzi-los para os objetivos a atingir nas aulas implementadas.

1.2.5. Atividade Peddy-Papper Sustentável

A realização da atividade “Peddy-Papper Sustentável”, foi uma proposta educativa por nós elaborada que surge associada ao projeto “*Uma Escola com Valores e Amiga do Ambiente – A Reflorestação*” que visa a sensibilização dos alunos para a preservação do Património Natural. Assim, a partir do tema “*A Reflorestação*”, preocupamo-nos em proporcionar à turma uma prática didática distinta daquela que os alunos experienciam no seu dia a dia em sala de aula. Desta forma, planificamos uma série de atividades (ver anexo 6) em contexto exterior abarcando as diferentes áreas curriculares. Procuramos sempre ir ao encontro dos objetivos do tema, promovendo a aprendizagem dos alunos de forma lúdica e educativa. A atividade “Peddy-Papper Sustentável”, estava dividida em três postos sendo que, cada um deles, correspondia a uma atividade diferente que englobava conceitos diferentes. Para a realização da mesma, a turma foi dividida em três grupos sendo que, a cada grupo, foi entregue um saco com um “kit de explorador”, um crachá identificador do aluno e do grupo e um mapa com o roteiro a percorrer.

No posto 1 os alunos encontravam um livro com algumas atividades relativas aos poemas, *Setembro* e *Que o silêncio* do livro *As Fadas Verdes* de Matilde Rosa Araújo, poemas estes alusivos ao ambiente e ao corte das árvores. No posto 2 os alunos tiveram a oportunidade de realizar uma flor em origami, onde o procedimento foi descrito através de termos matemáticos de geometria. Feita a flor, os alunos escreveram o seu nome e afixaram-na num cartaz onde continha a frase: “*Todas as flores do futuro estão contidas nas sementes de hoje*” (Fig. 3). Por último, o posto 3 estava organizado de modo a que os alunos executassem alguns desafios. Inicialmente, com umas luvas, recolheram algum lixo

que estava espalhado no jardim e separaram-no pelos respetivos contentores, simulando a limpeza das florestas. Seguidamente, tiveram a oportunidade de plantar uma semente de amor perfeito num vasinho, identificando-o com uma etiqueta onde colocaram o seu nome e a data em numeração romana. Por fim, os alunos discutiram entre si acerca dos cuidados a ter com a planta para que esta pudesse germinar. Esta dinâmica ocorreu da parte da manhã.



Figura 3 – Cartaz (posto 2).

Ainda na parte da manhã os alunos tiveram a oportunidade de realizar “Jogos Tradicionais ao Ar Livre”, uma atividade pensada para a promoção não só da importância de se brincar ao ar livre, mas também, promover o desporto e hábitos de vida saudável. Já na parte da tarde, os alunos assistiram a um vídeo denominado “A Floresta” e realizaram tarefas de expressão plástica.

Com esta proposta, os alunos tiveram a oportunidade de vivenciar uma experiência diferente, realizando uma série de tarefas referentes às diversas áreas curriculares. Tentamos, do melhor modo, conciliar estas áreas de forma dinâmica, de maneira a sensibilizar os alunos para a preservação do meio ambiente. Estas atividades foram ao encontro da temática abordada e promoveram a interdisciplinaridade, o trabalho em grupo, a cooperação, a amizade e a ajuda mútua. Concluímos, deste modo, que as atividades desenvolvidas foram bem aceites por parte dos alunos dando-lhe uma perspetiva mais

direcionada ao projeto em prol na escola, “*Uma Escola com Valores e Amiga do Ambiente – A Reflorestação*”.

1.2.6. Envolvimento com a comunidade educativa

No que concerne ao envolvimento com a comunidade educativa, em conjunto com as colegas estagiárias do 4º ano, participamos em alguns projetos em que o contexto educativo na qual decorreu a nossa Prática de Ensino Supervisionada está envolvido.

Deste modo, juntamente com os alunos da escola, criamos uma “*Roda dos Alimentos*” (fig. 4) para celebrar a Semana da Alimentação. A sua divisão por grupos alimentares permitiu aos alunos identificarem a proporção de alimentos que devem estar presentes na alimentação diária, incitando o seu consumo e dando mais relevância aos pertencentes aos grupos de maior dimensão e menor relevância aos grupos de menor dimensão. Esta “*Roda dos Alimentos*” incluía também alguns conselhos para um estilo de vida saudável, escrito pelos alunos, baseados nas sugestões da *Direção Geral de Saúde*.



Figura 4 – “Roda dos Alimentos”.

Uma outra manifestação da ação das estagiárias em atividades não letivas correspondeu à intervenção, junto da turma, na preparação da vinda da escritora Isabel Zambujal à escola, a 5 de dezembro, promovendo a leitura da obra “*Histórias Escritas na Cara*”. Realizaram-se diversas atividades sobre a mesma sendo que, posteriormente, foram

afixados alguns trabalhos dos alunos na entrada da escola. Essas atividades consistiram predominantemente em frases, textos ou desenhos relativos ao livro estudado.

Há ainda a referir a elaboração da decoração de Natal que permaneceu no hall de entrada da escola desde a segunda semana de dezembro até ao dia de Reis (*fig. 5*). Para a decoração da árvore utilizamos pacotes de leite aproveitando a sua parte inversa, para a criação de estrelas, renas e pais Natal com o apoio também de outros materiais como algodão, cartolinas, feltro, entre outros. Essas figuras alusivas à época foram criadas pelos alunos das diversas turmas do contexto educativo. Como forma de envolver a família nesta atividade, criamos estrelas em que, todos os alunos do centro escolar juntamente com as suas famílias, tiveram a oportunidade de escrever uma frase alusiva à época. Privilegiamos, assim, o trabalho colaborativo não só entre a escola, como também, envolvendo os pais dos alunos. Surgiram frases muito interessantes que nos fizeram refletir, numa época em que o amor, a paz, a união, a compreensão e a confraternização está tão presente nos corações de todos.



Figura 5 – Decoração de Natal.

Tivemos também a oportunidade de dramatizar para os alunos da escola, no último dia de aulas do primeiro período, a história “*Ninguém dá Prendas ao Pai Natal*” de Ana Saldanha (*fig. 6*). Inicialmente tínhamos trabalhado esta obra em turma, mas depois foi-

nos pedido que a apresentássemos para toda a escola, uma vez que, esta apresentava como tema o Natal e que acarretava uma mensagem natalícia tão importante – os presentes não são o elemento fulcral do Natal, mas sim a união, o amor e a amizade.



Figura 6 – Dramatização da história “Ninguém dá prendas ao Pai Natal”.

No final do percurso de estágio, foi-nos possível ainda acompanhar os alunos na escrita da história que a escola apresentou nos “Contos na Rádio”, projeto proposto pela Rádio Alto Minho, alusiva à temática da “*Reflorestação*”.

1.3. Em síntese

Com base no trabalho desenvolvido foi-nos possível tirar algumas conclusões a nível global, com vista a caracterizar a nossa intervenção neste contexto educativo. É previsível que nem todas as atividades tenham corrido da maneira expectável ou da maneira planeada, mas conseguimos sempre ter a perspicácia de resolver os problemas, olhando sempre para eles como uma aprendizagem para futuras intervenções.

No respeitante às aulas lecionadas, tentamos a todo o momento diversificar as atividades recorrendo a diferentes estratégias e recursos lúdico-educativos de modo a captar a atenção e o interesse dos alunos, promovendo as suas aprendizagens. O sucesso do uso destes recursos é um fator motivacional para a implementação dos mesmos numa prática futura. Salienta-se ainda que conseguimos desenvolver uma boa postura em sala

de aula tendo sempre cuidado com a clareza da linguagem adotada e um tom de voz audível.

Tivemos a oportunidade de ser avaliadas pelas professoras supervisoras e pela professora cooperante que através dos seus *feedbacks*, nos fizeram procurar melhorar sempre a nossa prática em prol do sucesso das aprendizagens dos alunos, bem como, no nosso crescimento científico e profissional.

A participação nos projetos e o envolvimento com a comunidade educativa foram uma mais valia no nosso percurso no contexto do 1ºCEB, uma vez que, contactamos com uma realidade diferente, experienciando diversas atividades que promoviam a cooperação, a união e a criação da identidade escolar como tal.

Em suma, e efetuando um balanço de toda esta experiência, podemos considerá-la muito positiva, visto que todas estas vivências constituíram momentos de fortes aprendizagens e crescimento científico, profissional e pessoal.

Capítulo II – Intervenção em contexto educativo: O 2.º Ciclo do Ensino Básico

O presente capítulo debruça-se sobre a intervenção educativa no contexto do Segundo Ciclo do Ensino Básico, onde propomos efetuar a caracterização do contexto educativo onde decorreu a segunda parte da Prática de Ensino Supervisionada bem como descrever o percurso dessa mesma intervenção enquanto professora estagiária.

2.1. Caracterização do contexto

Prosseguimos, seguidamente, para a caracterização do contexto onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada no 2º CEB, demonstrando o percurso efetuado enquanto professora estagiária neste nível de ensino.

2.1.1. O meio local

No que diz respeito ao contexto em que foi realizada a II parte da Prática de Ensino Supervisionada, evidencia-se apresentar uma breve caracterização do meio local onde está inserida a escola em questão.

Esta intervenção decorreu numa escola básica e secundária que se localiza numa freguesia que pertence ao conselho de Viana do Castelo, distrito de Viana do Castelo e que corresponde a uma instituição pública que abarca níveis desde o 5º ao 12º anos de escolaridade. Esta freguesia corresponde a um meio predominantemente rural que está localizado a cerca 8 km da cidade de Viana do Castelo. Conta com cerca de 3800 habitantes, com alguns valores patrimoniais e turísticos, com uma praia fluvial e com pontos geográficos que beneficiam de uma vista inigualável para as margens do rio que deleita a cidade, o Rio Lima. A nível de cultura, lazer e desporto, nos últimos tempos, tiveram um incremento muito significativo fazendo enaltecer o sobressair as potencialidades dos cidadãos e da região em questão.

A nível económico, as atividades predominantes para o sustento da freguesia são a agricultura, o artesanato, a indústria têxtil e o comércio.

2.1.2. O agrupamento

O agrupamento à qual pertence a escola onde foi efetuada a segunda parte da Prática de Ensino Supervisionada é o mesmo já caracterizado em 1.1.2. (a escola onde decorreu a primeira parte da Prática de Ensino Supervisionada), sendo que, a escola que nos recebeu para esta intervenção no 2º CEB é a sede do agrupamento.

2.1.3. A escola

Especificamente em relação à escola onde decorreu a intervenção em contexto educativo, esta funciona desde novembro de 1986 e trata-se de uma instituição pública que abrange o ensino básico e secundário uma vez que recebe alunos desde o 5º ao 12º anos de escolaridade. Conta com 473 alunos divididos por 22 turmas. A oferta formativa para os alunos do secundário vai desde as Línguas e Humanidades até às Ciências e Tecnologias, passando pelas Ciências Socioeconómicas e com oferta de *Reforço dos Tempos de Estudo* às disciplinas de Matemática, Português, Física - Química A, Biologia – Geologia, História, Economia A, Matemática Aplicada às Ciências Sociais e a Línguas Estrangeiras para os alunos que destes apoios quiserem usufruir. Não só os alunos do ensino secundário podem frequentar esta oferta de apoio ao estudo, mas também os restantes anos de escolaridade, o que mostra que a escola se preocupa com os seus alunos no sentido de lhes dar as condições para alcançar os melhores resultados. O trabalho colaborativo entre professores é também muito notório assim como o bom ambiente entre toda a comunidade escolar. Toda a comunidade educativa dispõe de um cartão identificativo que deve passar na entrada da escola marcando, assim, a sua hora de chegada e de saída.

Quanto a projetos educativos, onde realizamos a PES preocupa-se com temas como a ecologia, o ambiente, a saúde ou desporto e que preconiza nos alunos o gosto pela leitura com visão a fazer das crianças e jovens desta instituição, bons cidadãos, cidadãos ativos e com espírito crítico sobre o mundo que os rodeia. Assim sendo, os projetos educativos na qual se encontra inserido este contexto são: Desporto Escolar, Autoridade e Condições de Trabalho (A.C.T.), projeto Ecoescolas, projeto Geoparque, projetos de Saúde (PASSE/PRESSE/PODE) e projeto Literacias / PNL.

No que concerne à organização e disposição da escola tanto ao nível interior como exterior, é de destacar que esta apresenta ótimas condições que garantem o bem-estar de toda a comunidade educativa. Apesar de não ser uma construção recente, este contexto tem a preocupação de criar todas as condições necessárias para que os alunos, professores e funcionários tirem o melhor proveito possível desta instituição. Assim, a escola dispõe de um Ginásio e de quatro Blocos, dois deles com salas de aulas, um onde se encontra a sala de professores, a biblioteca, a secretaria, a reprografia, a sala de alunos de Educação Especial e a portaria e outro onde se encontra o bar, a cantina, a papelaria e o polivalente. Já no exterior, existem coberturas que permitem os alunos transitar em segurança entre aos Blocos nos dias de chuva, mas nos dias de sol, os alunos podem disfrutar de um imenso recreio com um campo polidesportivo, jardins verdejantes e espaços para fazer jogos e brincadeiras. Por isso, referimos que a escola tem boas condições, no interior as salas são confortáveis não só com quadro de giz ou caneta, mas também, com quadros interativos e projetor e no exterior não falta espaço onde desfrutar de ar livre e do convívio entre amigos.

2.1.4. A turma

Segue-se a caracterização das turmas onde decorreu a Prática de Ensino Supervisionada no 2º CEB. Tratam-se de duas turmas, sendo que, intervimos com a disciplina de Português numa turma 5º ano de escolaridade e com a disciplina de História e Geografia de Portugal numa turma de 6º ano de escolaridade.

2.1.4.1. 5º ano de escolaridade

De modo a caracterizar a turma do 5º ano de escolaridade com a qual foi realizada a PES na disciplina de Português, importa começar por referir que esta era composta por quinze alunos, sete do sexo feminino e oito do sexo masculino. As suas idades estavam compreendidas entre os nove e os onze anos. Em termos económicos, há seis alunos que beneficiam de Ação Social Escolar, havendo dois com escalão A e quatro com escalão B.

Apesar de ser uma turma calma, revelou falta de hábitos de estudo e de persistência na realização das tarefas. Quanto ao comportamento, é satisfatório, os alunos respeitam

as regras de comportamento em sala de aula e, aparentemente, mostram-se atentos e interessados, não perturbando o decorrer das aulas.

No que concerne ao aproveitamento, pode considerar-se somente satisfatório, visto que, os alunos têm bastantes dificuldades de aprendizagem e necessitam muito que o professor os ajude individualmente, pelo que os resultados se apresentam inferiores às expectativas dos docentes da turma. No sentido de reverter esta situação, alguns alunos ao longo do ano e de forma rotativa iam para outra sala ter aulas com outro professor que os acompanhava de forma mais individualizada, enquanto a restante turma ficava na sala com o docente titular da disciplina. Isto revela-se uma medida muito promissora para os alunos bem como uma preocupação com o seu percurso escolar e um conseqüente trabalho colaborativo entre professores. Além deste déficit de aproveitamento, a turma manifestava uma notória falta de empenho e de estudo fora da sala de aula, verificando-se uma enorme falta de realização dos trabalhos de casa e de material essencial à aula. Os professores reforçaram a necessidade de empenho e persistência nas tarefas propostas aos alunos, pois as aprendizagens adquiridas em contexto de sala de aula não se revelaram suficientes para a consolidação dos conteúdos lecionados. Na turma há três alunos que se destacam pelo seu bom aproveitamento, contrastando-se com os restantes. Por sua vez, existem quatro alunos com grandes dificuldades e, ainda que não sejam alunos ao abrigo da educação inclusiva, estes fazem testes adaptados com perguntas mais simples e mais explícitas. A restante turma oscila entre o “suficiente” e o “bom”, sendo que, em alguns casos, os jovens podiam ter uma avaliação melhor, mas a evidente falta de trabalho fora de sala de aula acompanhado com alguma distração impedia que isso acontecesse. Ainda assim, todos revelam interesse nas aulas, disponibilidade para participar e foi fácil ter uma aula ativa, uma vez que os alunos colaboravam nesse sentido.

Esta caracterização revelou-se profundamente útil para atuar de acordo com as características dos alunos da turma, adequando as tarefas às suas capacidades e motivações.

2.1.4.2. 6º ano de escolaridade

No que concerne à turma do 6º ano de escolaridade onde decorreu a nossa PES na disciplina de História e Geografia de Portugal, esta era constituída por dezanove alunos sendo dez do sexo feminino e nove do sexo masculino. As suas idades estavam compreendidas entre os dez e os doze anos. Em termos económicos, há sete alunos que beneficiam de Ação Social Escolar, havendo três com escalão A e quatro com escalão B. Esta turma apresenta-se como uma turma calma, empenhada e dedicada à disciplina. Quanto ao comportamento, os alunos eram cumpridores e preocupados com a obediência às regras de sala de aula, não prejudicando o normal decorrer das aulas. Revelou-se fácil planificar as atividades a implementar com esta turma, pois os alunos eram muito recetivos e gostavam de trabalhar e aprender o que foi para nós uma característica muito positiva desta turma.

No que diz respeito ao aproveitamento é apontado como “Bom” uma vez que a maioria dos alunos revelam classificações finais acima do nível 3. Foi notório o empenho dos alunos na disciplina e evidente que estudavam os conteúdos fora da sala de aula. Tal era muito benéfico, uma vez que as atividades que se realizam nas aulas se revelam insuficientes para a consolidação dos conteúdos face ao programa extenso e só assim é que os alunos conseguiam alcançar bons resultados. Esta turma revelou, de facto, mais aspetos positivos do que negativos, no entanto, houve um aspeto menos bom a apontar e que acabou por prejudicar parcialmente as nossas dinâmicas uma vez que os alunos eram pouco participativos. Nas aulas de HGP procuramos realizar momentos de reflexão e empatia e notava-se que os alunos ficavam sensibilizados para as temáticas, no entanto, estes retraíam-se e não opinavam ou se exprimiam. Apenas 4/5 alunos é que participavam sempre. A estratégia foi começarmos a dirigir as questões para que todos os alunos pudessem dar o seu contributo até porque o nosso estudo de investigação foi realizado com esta turma e era importante obter dados para analisar.

Em suma, foi muito gratificante trabalhar com estes alunos que apresentaram características muito positivas enquanto turma. A perceção dessas mesmas características foi também muito importante para que as planificações efetuadas fossem ao encontro das suas especificidades e motivações.

2.2. Percurso da intervenção educativa

Conforme antevisto, esta segunda intervenção em contexto educativo teve a duração de 14 semanas, das quais as primeiras quatro consistiam em momentos de observação/intervenção. Ao longo dessas quatro semanas foi possível assistir e colaborar nas aulas lecionadas pelo professor orientador cooperante de Português e de História e Geografia de Portugal, que era o mesmo, de modo a conhecer o contexto de sala de aula, os alunos e os seus interesses, os manuais e as dinâmicas de sala de aula, aspetos fundamentais para o posterior processo de planeamento das aulas a lecionar como professora estagiária.

Após a conclusão da etapa de observação, iniciou-se o período de regências, cujo número de dias de intervenção esteve de acordo com o horário das aulas das turmas envolvidas, tal como nas semanas anteriores. Enquanto o elemento 1 do par de estágio esteve responsável pela planificação e leção das aulas de Português, durante quatro semanas, o elemento 2 do par de estágio esteve responsável pela disciplina de História e Geografia de Portugal. Nas seis semanas seguintes, os papéis inverteram-se e foi nessas mesmas semanas que foram realizados os estudos de investigação para o relatório final de ambas as estagiárias. Este processo envolveu a planificação pormenorizada das aulas de cada uma das áreas disciplinares, bem como a implementação efetiva das mesmas de modo que foi possível vivenciar a experiência pedagógica de trabalho com o 5.º a Português e com o 6.º ano a História e Geografia de Portugal, refletindo sobre as mesmas e aplicando os conhecimentos curriculares e didáticos em relação a ambas as disciplinas.

A orientação principal para realização das planificações de aula veio da *Planificação Anual/Trimestral das Atividades Letivas* enviada pelo professor cooperante, quer na disciplina de História e Geografia de Portugal, como na disciplina de Português, onde estavam explicitados os conteúdos a abordar em cada período.

As implementações foram realizadas por cada um dos elementos do par pedagógico, sem intervenção direta da colega, ou seja, quer o processo de planeamento, quer de leção, investigação e reflexão foram realizados individualmente, sempre com a finalidade de ir ao encontro dos interesses e dificuldades dos alunos, procurando melhorar as suas aprendizagens.

Assim, durante as semanas de regências foi possível tomar consciência do ambiente escolar de um meio diferente, tanto a nível de ensino como a nível da realidade envolvente ao mesmo, consolidando capacidades fundamentais para a prática docente, quer a nível pessoal como profissional. Neste sentido, revela-se importante salientar que esta etapa foi fulcral para compreender as potencialidades e desafios de trabalhar no 2º ciclo do ensino básico.

Como já foi referido, a reflexão feita por parte do professor sobre a sua prática tem repercussões no processo de aprendizagem dos seus alunos, assim como na sua própria aprendizagem, no sentido de perspetivar melhorias. Deste modo, fazer-se-á de seguida, um balanço acerca das implantações realizadas nas duas áreas disciplinares em ambas as turmas, focando métodos e estratégias didático-pedagógicas utilizadas, no sentido de concluir os pontos mais positivos e menos positivos das mesmas.

2.2.1. Português

Principiamos a nossa intervenção pedagógica pela área curricular de Português, ao longo da qual nos debruçamos, junto dos alunos, sobre os conteúdos de todos os domínios previstos no programa e metas curriculares da disciplina: Oralidade, Leitura e Escrita, Educação Literária e Gramática.

No que diz respeito ao domínio da Oralidade, pretendeu-se abordá-lo de uma forma transversal, estimulando nos alunos, não só para melhoria das capacidades de interpretação do oral, mas também para o rigor da produção oral. Neste sentido, procurou-se trabalhar com os alunos os diferentes aspetos deste domínio, passando pela interação discursiva, pela compreensão do oral, pela sintetização de enunciados ouvidos, pela produção oral, pela argumentação, e destacando a diversificação e adequação do vocabulário. Para isto, houve um esforço no sentido de encaminhar os alunos a produzirem sempre um discurso oral correto, aumentando a complexidade do mesmo. Para o desenvolvimento destas competências, as estratégias pedagógicas passaram pela promoção de diálogos em grande grupo, pelos comentários e reflexões individuais e pelo questionamento direto aos alunos.

Um outro domínio do programa que se procurou aprofundar com a turma foi o da Educação Literária, onde buscamos dar a conhecer aos alunos textos diversos, promovendo a leitura e efetivando a tentativa de os conduzir ao gosto pela literatura. Assim, foi lida na íntegra e explorada a obra “A Fada Oriana” de Sophia de Mello Breyner Andresen. Esta obra, revelou-se muito rica, interessante e com temas e valores muito atuais, e para realizar a melhor exploração possível deste enredo, providenciamos a realização de atividades *pré-leitura, durante a leitura e pós-leitura*. Como atividades *pré-leitura*, escolhemos inicialmente, analisar os elementos paratextuais e depois realizar uma atividade de escrita onde os alunos através dos títulos dos capítulos da obra tinham de escrever a sua própria história para depois de conhecido o enredo de Sophia Andresen se pudessem confrontar as histórias dos alunos com a da autora, procurando estabelecer comparações e/ou semelhanças. Por sua vez, como dinâmicas *durante a leitura* foram desenvolvidas diversas atividades dos vários domínios do Português, pois a leitura foi sendo feita ao longo de um mês por capítulos e para cada um deles foi realizada uma atividade. Assim, realizaram-se fichas de trabalho, jogos de perguntas sobre os capítulos, textos com lacunas, escrita de textos, um “estendal literário” sobre os capítulos, ordenar ações de acordo com o texto, entre outras. Resta, enfim, mencionar as atividades realizadas *pós-leitura*. Aqui, desenvolvemos uma atividade final onde foram coladas no quadro imagens alusivas a cada capítulo e os alunos tiveram de as ordenar de acordo com o sentido do texto e, dessa forma, realizar um resumo global de todo o enredo. Posteriormente, e também buscando uma imagem global da obra, foi projetado no quadro interativo a história na íntegra em filme para os alunos poderem contactar com a mesma trama, mas desenvolvida de uma forma diferente, através da dramatização (ver anexo 7). Por fim, as dinâmicas à qual procuramos dar mais ênfase foram as atividades de reflexão e empatia. A obra “A Fada Oriana” trata muitas situações que ainda hoje são pertinentes pelo que consideramos fulcral perceber a opinião dos alunos sobre as diversas situações que iam acontecendo (situações de pobreza, falsidade, interesses, tentações, amizade, amor...) e transpô-las para os dias de hoje tentando formar estas crianças no sentido de serem cidadãos sensíveis aos problemas dos outros e do mundo. Uma das situações da obra trabalhadas foi a seguinte: “Numa família muito pobre e sem casa, roubar um cobertor para um filho que está quase a morrer de frio

é um crime ou não?”. A atividade feita em torno deste problema foi um *Role Play* onde os alunos foram divididos em dois grupos e tinham de criar argumentos que defendessem as suas personagens, sendo elas, um polícia e um pai pobre que roubou um cobertor para o seu filho que estava com frio. Alguns argumentos dos alunos foram:

- Polícia – “A função de uma polícia é manter a segurança e a organização da cidade”; “Roubar é crime”; “Os comerciantes também estão a ganhar dinheiro para sustentar as suas famílias e não têm o direito de ser roubados”; “Quem rouba tem de ser julgado pelo seu crime de furto.”
- Pai pobre que roubou o cobertor para o filho que estava a morrer de frio – “Eu só queria tentar salvar o meu filho”; “ Os polícias dizem manter a ordem e a segurança na cidade e há pessoas a viver na rua e vocês nada fazem”; “Não roubei com a intenção de prejudicar ninguém, apenas queria salvar o meu filho que estava a morrer de frio”.

Esta atividade revelou-se muito interessante, não só pelos argumentos criados, mas também por todos aqueles que foram ditos e não ficaram escritos. A dada altura da aula estava a realizar-se um verdadeiro debate sobre este assunto e isso foi muito benéfico para os alunos, pois estavam a apresentar os seus pontos de vista e a exprimir as suas opiniões, um aspeto tão importante para o desenvolvimento cognitivo dos alunos.

Relativamente ao domínio da Leitura e Escrita, e tendo em mente a melhoria das capacidades de interpretação e de produção de textos por parte dos alunos, procurou-se desenvolver uma série de propostas apelativas que conduzissem à concretização deste objetivo, tendo por base o programa da disciplina. A leitura da narrativa “A Fada Oriana” de Sophia de Mello Breyner Andresen, foi sendo feita por capítulos pelos alunos em voz alta nas aulas pelo que foram trabalhadas não só as competências da leitura como a fluência e a compreensão textual, mas também, a projeção da voz e a exposição de uma leitura em público. Além disto, sempre que os alunos realizavam textos ou trabalhos havia a preocupação de que eles os lessem à turma, pois notamos que os alunos se empenham mais na realização das tarefas quando sabem que estas vão ser lidas ou expostas à turma. Relativamente à *Escrita*, foi promovida a escrita de pequenos textos narrativos com base na obra lecionada, visando a escrita correta das palavras e da construção frásica e a

colocação acertada da pontuação e da acentuação. A par disto, enfatizamos também a escrita de pequenas respostas de opinião, pois achamos importante que os alunos desenvolvessem sempre a construção de textos de opinião a acompanhar a obra para desenvolver a capacidade de exprimirem opiniões e pontos de vista com a finalidade de construir cidadãos críticos e interventivos na sociedade.

No que diz respeito ao domínio da Gramática, foi abordado o conteúdo da *Identificação e estabelecimento de relações de significado entre palavras: sinonímia e antonímia*. Como conhecimento dos alunos, direcionamos a nossa abordagem para o estudo pela descoberta. Nesse sentido, foram dadas aos alunos alguns pares de frases retiradas da obra “A Fada Oriana” e os alunos tiveram de perceber onde é que estávamos perante um antónimo ou um sinónimo. Depois sim, foi explicado o tema e dado os conceitos aos alunos. Terminamos esta abordagem com a realização de uma ficha de consolidação de conteúdos.

Além de trabalhar todos os domínios acima mencionados, tivemos também oportunidade de realizar, implementar e corrigir um teste de avaliação. Isto revelou-se muito importante na nossa passagem por esta experiência, pois nunca tínhamos contactado com a realização e correção de um teste e foi para nós mais uma aprendizagem e uma responsabilidade uma vez que não queríamos falhar. Os resultados obtidos no teste foram satisfatórios o que nos permitiu perceber que a maior parte dos alunos perceberam a obra estudada. Não se apontaram níveis negativos, cinco alunos obtiveram a classificação de “satisfaz bastante” e os restantes dez alunos obtiveram “satisfaz”.

De um modo mais geral, quanto a esta área disciplinar há a referir que os alunos se mostraram muito recetivos às atividades e que participaram nas mesmas com gosto, empenho e dedicação. As principais dificuldades sentidas pelos alunos prenderam-se com o trabalho autónomo, os alunos sentiam muito a necessidade de ter o professor sempre por perto para ajudar. Além disso, notou-se que os alunos ao contrário da postura trabalhadora que tinham na aula, não se empenhavam em casa, mas esse trabalho deve andar sempre a par com o trabalho feito na escola, pois os exercícios realizados em aula revelam-se insuficientes para a consolidação dos conteúdos. Em termos de comportamento dos alunos e ambiente de sala de aula é de referir que este foi sempre

favorável às aprendizagens pelo que as estratégias e os recursos utilizados nas abordagens se mostraram adequados. Houve sempre um esforço da nossa parte em envolver e ouvir todos os alunos, pois apesar de todos serem participativos há sempre alunos que fazem mais partilhas do que outros e através do questionamento direto aos alunos mais retraídos, conseguimos equilibrar a participação. Verificou-se que as atividades de grupo proporcionadas, foram atividades que despertam mais o interesse dos alunos do que as tarefas individuais. No sentido de correspondermos também às motivações dos alunos proporcionamos algumas atividades desse género, fomentando o trabalho colaborativo e promovendo as diversas interações. Concluímos, então, que o trabalho desenvolvido se revelou adequado e que correspondeu às expectativas tanto nossas como dos alunos pois foi possível incrementar neles conhecimento significativo e em nós aprendizagens e experiências profissionais que certamente nos acompanharão para o resto da nossa vida enquanto docentes.

2.2.2. História e Geografia de Portugal

Quanto à área disciplinar de História e Geografia de Portugal, segundo o Ministério da Educação (1991), “esta apresenta como contributo essencial, o aumento da compreensão do espaço e do tempo, com vista a proporcionar a compreensão da realidade atual e global do mundo, bem como promover nos alunos o desenvolvimento de atitudes que favoreçam o conhecimento do passado, despertando o interesse pela intervenção no meio onde vivem e pela atividade humana.” Neste sentido, foi trabalhado em HGP o domínio *Portugal no Século XX*, no qual se explorou o subdomínio: *O 25 de Abril de 1974 e o regime democrático* (6º ano).

Para a abordagem do subdomínio referido privilegiou-se despertar a curiosidade nos alunos sobre os factos históricos, captar a sua atenção e mantê-los envolvidos no tema. Para que assim fosse, procuramos não fazer aulas muito expositivas, mas sim aulas onde fossem mostradas evidências aos alunos, nomeadamente, imagens, mapas, documentos, gráficos, tabelas, vídeos, músicas... pois consideramos que deste modo os alunos não só aprendem história como contactam diretamente com ela (ver anexo 8). As aulas incidiram principalmente em conversas, em espaços abertos para questionamento e análise de

fontes, em momentos de reflexão, em momentos de empatia, em momentos de trabalhos de grupo e em momentos de jogos didáticos sobre os conteúdos. Preparamos e planificamos este tipo de tarefas porque gostávamos de apresentar aos jovens desta turma estratégias motivadoras como a exploração de fontes, já especificadas e a utilização de recursos digitais como atividades interativas, vídeos, jogos, *PowerPoint*, áudios, entre outros. Estas propostas acabaram por se revelar adequadas na medida em que o objetivo inicial foi cumprido, os alunos envolveram-se no tema, demonstraram gosto, atenção e vontade de realizar as tarefas propostas. Um outro aspeto positivo foi a colocação de questões pertinentes e diversificadas dirigidas tanto à turma em geral como a cada aluno, mantendo o envolvimento de todos. Assim, podemos afirmar que proporcionámos aos alunos o envolvimento na disciplina e o conhecimento efetivo dos conteúdos lecionados.

Foi mantendo o mesmo registo descrito para a leção do subdomínio *O 25 de Abril de 1974 e o regime democrático*, que numa fase posterior implantamos as atividades direcionadas para o nosso estudo de investigação, mas as mesmas, serão caracterizadas em pormenor mais adiante neste relatório.

Além disto, e à semelhança do feito na disciplina de português com a turma do 5º ano, tivemos também a oportunidade de realizar, implementar e corrigir um teste de avaliação. Foi uma tarefa exigente, mas na qual nos empenhamos em realizar da melhor forma possível. Os resultados provenientes deste teste foram satisfatórios e se dúvidas houvessem sobre se os conteúdos foram bem lecionados e as estratégias bem implantadas, estas caíram por terra no momento do lançamento das notas. Assim, em dezanove alunos, houve um nível insatisfatório, cinco alunos obtiveram *satisfaz*, nove alunos obtiveram *satisfaz bastante* e os restantes quatro alunos obtiveram *excelente*.

Em termos de pontos positivos, estes já foram sendo apontados, mas a acrescentar temos o facto de o comportamento dos alunos ter sido adequado às aprendizagens, de terem sempre proporcionado para que as aulas decorressem com normalidade e por se manterem sempre atentos, envolvidos e motivados nas temáticas. Esta turma, como já foi dito na sua caracterização, é uma turma com potencial, com um comportamento excelente e que trabalha tanto em aula como fora dela o que é muito bom para alcançar os bons resultados a que já se habituaram. O único ponto negativo a apontar foi realmente o facto

de os alunos não serem muito participativos. Havia alguns alunos a participar, mas eram sempre os mesmos e neste sentido foi muito importante realizar questões abertas a todos, mas também, direcionar algumas perguntas aos alunos de forma individual para que todos se fizessem ouvir, equilibrando desta forma a participação e promovendo a nossa recolha de dados. Contactar com esta turma foi uma ótima experiência, que nos proporcionou aprendizagens significativas das quais nos lembraremos certamente em intervenções futuras.

2.2.3. Envolvimento na comunidade educativa

No que concerne ao envolvimento com a comunidade educativa, participamos em alguns projetos em que o contexto educativo na qual decorreu a nossa Prática de Ensino Supervisionada no 2º CEB está envolvido, bem como organizamos exposições abertas à escola de trabalhos realizados nas turmas na qual intervimos, procurando assim, alargar também alguns temas trabalhados em sala de aula à restante comunidade educativa.

Deste modo, a nossa primeira envolvência incidiu, ainda nas semanas de observação e intervenção, na participação numa visita de estudo com os alunos dos 5º e 6º anos de escolaridade, à cidade de Braga, onde fomos visitar o Mosteiro de Tibães no âmbito da disciplina de História e Geografia de Portugal e o Estádio Municipal de Braga no âmbito de disciplina de Educação Física. Com esta participação foi-nos possível ajudar ao nível da organização e controle dos alunos e no auxílio das atividades a realizar na visita. É importante referir que uma vez que ainda estávamos nas semanas de observação e intervenção, esta visita de estudo se revelou fulcral no conhecimento dos alunos em contexto fora de sala de aula, assim como nos permitiu criar com eles alguma proximidade, procurando conhecer melhor os seus interesses e as suas convicções. A realização desta atividade mostrou-se gratificante para nós na medida em que nos sentimos mais envolvidas na comunidade escolar.

Tivemos ainda a oportunidade de realizar uma saída de campo no âmbito da disciplina de Ciências da Natureza com os alunos do 5º ano, preconizada para o projeto *GeoParque*, na qual o agrupamento se encontra inserido. Mais uma vez, a nossa intervenção incidiu no controle e organização dos alunos durante a visita. Esta não tinha a

ver diretamente com as disciplinas na qual o nosso estágio incidiu, uma vez que provinha da área das Ciências. Ainda assim, uma vez que o tema abordado na saída de campo foi as rochas, conteúdo que se liga à História na medida em que falamos em património e evolução do Mundo, foi importante para percebermos que a interdisciplinaridade está evidente em muitos conteúdos e esta é uma temática que permite trabalhar abordagens diferentes. É compreender, entender as partes de ligação entre as diferentes áreas de conhecimento, unindo-se para transpor algo inovador, abrir sabedorias, resgatar possibilidades e ultrapassar o pensamento fragmentado. É a busca constante de investigação, na tentativa de superação do saber. Assim, podemos concluir que foi para nós muito gratificante experienciar esta atividade.

Nas aulas de português com a turma do 5º ano de escolaridade foi abordada a obra “A fada Oriana” de Sophia de Mello Breyner Andresen e, nesse sentido, preparamos uma atividade final de estudo da obra em sala de aula, onde os alunos tinham de decorar um painel com o cenário de uma floresta, com personagens da história e com frases e /ou palavras que lhes fizessem lembrar a obra (fig. 7). Finalizado o painel, este foi afixado na escola para que, não só a turma pudesse ver o seu trabalho exposto, mas também a restante comunidade educativa tivesse oportunidade de apreciar e até de despertar a sua curiosidade pelo enredo.



Figura 7 – Cartaz realizado com os alunos da turma do 5º ano.

Já na intervenção com a turma do 6º ano de escolaridade, foi realizada uma exposição de poemas sobre o 25 de abril de 1974, intitulada de “45 anos de Liberdade”. Para esse

efeito, os alunos tiveram de criar e decorar poemas alusivos ao tema (figura 8 e 9) para afixar na escola no dia 24 de abril de 2019. A realização desta atividade teve como principais objetivos sensibilizar a restante comunidade educativa para o Movimento Militar que revolucionou para sempre a vida dos Portugueses e lembrar que o valor que deve ser dado aos nossos “heróis de abril” não pode cair no esquecimento. Tivemos sempre a preocupação de sensibilizar os alunos para os temas lecionados e em criar momentos de empatia, potencializando a preocupação com a história e com quem fez história no Mundo.



Figura 8 – Exposição “45 anos de Liberdade”.



Figura 9 – Trabalho de dois alunos da turma do 6º ano.

Por fim e ainda com a turma do 6º ano, foi realizada uma campanha apelando à luta pela Igualdade de Género no Mundo. Os alunos, em grupos, desenvolveram cartazes com frases e desenhos alusivos à temática para expor pela escola (fig. 10) com o objetivo de alertar e sensibilizar a restante comunidade educativa para as questões de Igualdade de Género. Esta atividade proveio do grupo de atividades preparadas para a realização do nosso estudo e foi fruto de uma reflexão com os alunos quando lhes foi questionado “O que podemos fazer para reverter as situações de desigualdade de género que ainda se fazem sentir no Mundo?”. Uma das ideias que os alunos apresentaram foi criar cartazes e divulgar esta questão. Disso resultou, então, esta campanha que visa a luta pela igualdade de direitos entre os géneros

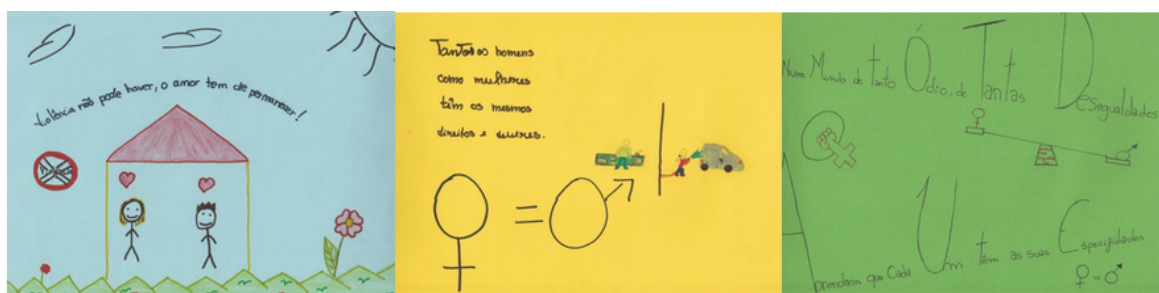


Figura 10 – Alguns cartazes dos alunos da turma do 6º ano.

2.3. Em síntese

Tendo em conta o trabalho desenvolvido nesta segunda a parte da Prática de Ensino supervisionada é possível tirar algumas conclusões que visam caracterizar a nossa passagem por este contexto educativo, bem como refletir sobre a nossa intervenção.

Assim, durante o estágio, sentimos que evoluímos positivamente, principalmente em termos de postura em sala de aula, tendo havido sempre um esforço para sermos claras em termos de linguagem adotada, falando num tom de voz adequado, tentando formular questões diversificadas e fazendo uso de uma linguagem rigorosa, cuidadosa e adaptada às situações de aprendizagem. Além disso, a utilização de recursos digitais e a abertura de momentos de reflexão, sensibilização e empatia revelaram-se atividades muito atrativas para os alunos e, por isso, serão certamente estratégias a implementar em intervenções futuras.

O envolvimento com a comunidade educativa também se revelou muito produtivo, uma vez que nos permitiu vivenciar experiências diferentes e nos deu a perceber o modo como os alunos se comportam em circunstâncias lúdicas e da forma como se entusiasma e se envolvem em atividades que divergem do habitual. Foi deste modo que conseguimos também perceber como é que os contextos exteriores ao contexto de sala de aula e mesmo exteriores à própria escola podem constituir verdadeiros momentos de aprendizagem e de enriquecimento escolar.

Assim, realizando um balanço geral de todo este contacto, podemos avaliar a intervenção neste contexto como muito positiva, uma vez que todas as experiências constituíram momentos de grandes aprendizagens.

Parte II – Trabalho de Investigação

A segunda parte do presente relatório divide-se em cinco capítulos, sendo o primeiro, a Introdução, onde se apresenta a contextualização do estudo e a motivação para a realização do mesmo, o segundo contempla uma reflexão sobre a disciplina de História e Geografia de Portugal como caminho para a promoção da Cidadania Global, no terceiro é descrita a metodologia e o tipo de investigação utilizada, o quarto capítulo apresenta a discussão de resultados e, por último, no quinto evidenciam-se as conclusões do estudo realizado.

Capítulo I – Introdução

No decorrer deste capítulo será realizada a contextualização do estudo de investigação efetuado, evidenciando a pertinência do problema, a questão de investigação, os objetivos e, por último, apresentando a motivação que levou à concretização deste trabalho.

1.1. Caracterização do estudo

No âmbito do estágio no 2º Ciclo do Ensino Básico, desenvolvemos um trabalho de investigação com uma turma do 6º ano que frequenta uma escola semi-rural, pertencente ao distrito de Viana do Castelo. O presente trabalho foi realizado na disciplina de História e Geografia de Portugal, interligando a abordagem de um conteúdo curricular específico do programa da disciplina com a Educação para a Cidadania (EC).

“O exercício da cidadania implica, por parte de cada indivíduo e daqueles com quem interage, uma tomada de consciência, cuja evolução acompanha as dinâmicas de intervenção e transformação social. A cidadania traduz-se numa atitude e num comportamento, num modo de estar em sociedade que tem como referência os direitos humanos, nomeadamente os valores da igualdade, da democracia e da justiça social. A educação para a cidadania visa contribuir para a formação de pessoas responsáveis, autónomas, solidárias, que conhecem e exercem os seus direitos e deveres em diálogo e no respeito pelos outros, com espírito democrático, pluralista, crítico e criativo” (*Educação para a Cidadania* da Direção-Geral da Educação, 2013, p.1).

Assim, podemos afirmar que a EC se preocupa com temáticas associadas às desigualdades existentes no mundo demonstrando preocupação com a promoção dos direitos e deveres de todas as pessoas, com os valores e as atitudes de solidariedade e de justiça, com a multiculturalidade, com a inclusão social, com a educação para a saúde e para o ambiente, entre outras.

A inquietação com os problemas do mundo e a consciência de que as sociedades precisam de ser formadas com vista a dar resposta a estes problemas tomou forma após a Segunda Guerra Mundial a fim de evitar a repetição de monstruosidades. Apresentam-se, então, diversas “educações para...” projetadas para a transformação social, como: a

Educação para a Paz, a Educação para os Direitos Humanos, a Educação Ambiental, a Educação para o Desenvolvimento Sustentável, a Educação para a Igualdade de Género, a Educação para a Cidadania Global, entre outras. Cada uma destas preocupa-se com temáticas específicas, o que não invalida os diversos e fortes elementos de aproximação entre elas. A transversalidade e a preocupação com a justiça e igualdade social, com a solidariedade, a cooperação, o diálogo e a participação são princípios que estão na base de todas estas modalidades, sendo que o que as diferencia é o peso que cada uma delas atribui a cada um destes.

Assim, de entre todas as preocupações acima apontadas que estão envolvidas na EC, há uma que merece um destaque especial, dado ser um problema atual e que importa que seja combatido por todos, ou seja, a luta pela igualdade de direitos. Deste modo, decidimos trabalhar o Feminismo como movimento que procurou combater as diferenças existentes entre os géneros. Para isso tornava-se crucial perceber o papel da mulher na sociedade ao longo da História, no sentido de conseguir sensibilizar os alunos para as lutas feministas bem como consciencializá-los para a importância do papel da mulher que cada um pode desempenhar na procura de igualdade e justiça sociais.

1.1.1. Identificação da pertinência do problema

Para uma melhor compreensão da pertinência deste tema devemos refletir sobre o papel da mulher na sociedade nas diferentes épocas históricas. Inicialmente, no período Pré-histórico e das Primeiras Comunidades Humanas, verificamos que os papéis sociais do homem e da mulher são muito diferentes. Ao homem são confinados os trabalhos mais pesados, ou seja, que implicam mais o uso da força e à mulher são atribuídos os trabalhos mais relacionados com a doméstica e com o cuidado dos filhos. Ora este quadro, é o quadro que ainda hoje ouvimos os nossos antepassados contar “as mulheres em casa e os homens fora a ganhar o sustento da família”. Daqui se depreende desde logo, que o papel da mulher desde a Antiguidade até ao início da Idade Contemporânea não mudou muito, teve as suas especificidades, especificidades essas que serão caracterizadas mais em pormenor adiante neste relatório (capítulo II, ponto 3), mas a base do dia-a-dia em família e na sociedade que foi sendo herdada ao longo da História foi esta.

Focando nos anos 30 onde Portugal iniciou um período histórico designado de Estado Novo, e porque a motivação para a realização deste estudo proveio deste mesmo conteúdo lecionado com a turma do 6º ano na disciplina de História e Geografia de Portugal, importa perceber qual a intervenção feminina na sociedade neste período que antecedeu o Golpe Militar de 25 de Abril de 1974.

“A ideologia política do regime Salazarista procurava edificar uma nova sociedade que assentava em três pilares e valores fundamentais: Deus, Pátria e Família. Contudo para instituir este modelo social propagandeava-se um ideal - tipo de família, donde sobressaem três elementos: o pai, a mãe e os filhos. É neste quadro que a mulher aparece não só com o papel de mãe, como também de auxiliar do marido, na realização das tarefas do lar. A “mulher-mãe-dona-de-casa” é enaltecida pelo Estado, que estabelecia o paralelo entre a arte de gerir a casa e a arte de a governar. No entanto, o seu papel, no seio da família é quase o de simples intermediária entre o pai e os filhos e o de cumpridora das tarefas domésticas.” (Patrícia Sá, 2006, p.9)

Assim, o trabalho fora de casa não era para as mulheres fossem elas casadas ou solteiras eram sempre domésticas, dedicadas ao lar, submissas e alegres. Como Oliveira Salazar afirma, “Deixemos, portanto, o Homem a lutar com a vida no exterior, na rua... E a mulher a defendê-la, a trazê-la nos seus braços, no interior da casa...”. Ele defendia, que o sustento de uma família devia vir de todo o esforço e dedicação do Homem e nunca ser adquirido pelo trabalho da mulher, pretendendo assim, irradiar a concorrência feminina no mercado de trabalho. Com isto e após análise com os alunos da Constituição de 1933 e da Constituição de 1973, no manual da disciplina, preconizamos o confronto de ambas no sentido de apurar as diferenças, nomeadamente no papel da mulher. Tivemos a intenção de perceber que direitos tinham as mulheres antes de depois do 25 de abril de 1974, aferir se existia desigualdade de género, olhar um pouco também para a restante História e perceber como foi sendo a intervenção feminina na sociedade e acima de tudo perceber se ainda há situações, hoje em dia, de desigualdade e encontrar formas de remediação do problema.

Perante tais desigualdades entre homens e mulheres, contam os factos que foram surgindo ao longo da história várias revoltas femininas, nomeadamente a partir do século

XIX onde começam a surgir as chamadas *Ondas Feministas*, promovendo a igualdade de direitos e a luta por melhores condições de vida para o sexo feminino. Assim, segundo Lenzi (2018), as mulheres começaram cada vez mais a ter consciência das desigualdades entre os sexos e pouco a pouco começaram a questionar os modelos sociais e a lutar para diminuir a desigualdade. Assim nasce a *Primeira Onda Feminista* no século XIX. Neste mesmo período surge ainda o *Movimento Sufragista*, formado principalmente, por mulheres inglesas com a intenção de aceder às urnas usufruindo do direito de voto. Nos anos 60 a 90 surge uma outra *Onda Feminista*: “Neste período a igualdade social e a igualdade de direitos intensificou-se e as mulheres passaram a questionar todas as formas de submissão e desigualdade” (Lenzi, 2018). Nos anos 90 emerge a *Terceira Onda Feminista* que pode ser definida “pela busca total da liberdade de escolha das mulheres em relação às suas vidas” (Lenzi, 2018). Perante isto, achamos também que a continuação desta luta, que ainda não está vencida, podia ser o tema ideal para se trabalhar com os alunos. A igualdade de género é uma temática importantíssima a abordar nas escolas se queremos formar alunos justos e com respeito pelo outro e pelo mundo. “A promoção da igualdade entre homens e mulheres é uma das principais atribuições da UE. A igualdade de género é um valor fundamental da UE, um objetivo desta e uma força motriz do crescimento económico. A União deve procurar promover a igualdade entre homens e mulheres em todas as suas atividades. A estratégia da Comissão para a igualdade entre homens e mulheres atribui a prioridade a cinco grandes domínios de ação:

- igualdade em termos de independência económica;
- igualdade de remuneração por trabalho de igual valor;
- igualdade no processo de tomada de decisões;
- dignidade, integridade e fim da violência baseada no género;
- igualdade entre homens e mulheres fora da UE.” (CE, p.6)

Assim, queremos com este tema falar da história das mulheres, dando-lhes a visibilidade necessária para que se tenha uma outra visão da própria história. Além disto, ao estudar o feminismo como movimento protagonista de transformações sociais e históricas, mais não se procura do que falar da história da humanidade.

1.1.2. Questão de investigação

Após pesquisa e reflexão sobre o problema de investigação e a sua pertinência, definiu-se a questão de investigação que gira em torno deste estudo.

Questão: Em que medida o conhecimento das conquistas do movimento feminista em Portugal podem potenciar uma cidadania global?

1.1.3. Objetivos da investigação

Para a dar resposta à questão de investigação formulada, definiram-se os seguintes objetivos:

- Reconhecer o papel da mulher ao longo do tempo.
- Conhecer a luta dos movimentos feministas na luta pela igualdade social.
- Identificar as conceções que os alunos têm sobre o género e se foram condicionados pelos padrões socialmente estabelecidos, refletindo sobre alguns estereótipos.
- Inferir as conceções dos alunos sobre igualdade, equidade e justiça social.
- Compreender o conceito de feminismo.

1.2. Motivação

As questões envoltas da equidade e justiça social serão sempre atuais na sociedade até que estas se alcancem em plenitude. Procurar alcançar a igualdade, sem distinção de género, sexo... revela-se uma temática em que todos têm algo a refletir, pois trata-se de um assunto preocupante em todo o mundo, principalmente, devido ao facto de em alguns países a mulher não ter direito a qualquer intervenção social, política ou outra, como ocorre no Afeganistão, na Arábia Saudita, no Iêmen, no Iraque, no Paquistão, entre outros. Os países europeus e americanos, uns mais outros menos, mas foram concedendo as liberdades e os direitos pelas quais as mulheres sempre lutaram. Porém, ainda há muito para refletir e muito para intervir. A mulher não pode ser vista como um ser inferior, afastado dos direitos sociais, educacionais, profissionais ou políticos, uma vez que não existe qualquer justificação plausível para tal. Esta foi a motivação que deu o mote para a realização deste estudo, o procurar abordar um tema que fosse uma preocupação social.

Na nossa prática, procuramos consciencializar os alunos para essa problemática, procuramos criar momentos de empatia e sensibilizá-los para serem uma voz em luta permanente pela justiça e pela igualdade, pois só assim, se irá alcançar o respeito entre todos os cidadãos e entre todas a culturas mundiais.

Capítulo II – Movimento Feminista: História e Geografia de Portugal na promoção da Cidadania Global

No decorrer deste capítulo será apresentada a fundamentação teórica alusiva ao assunto que motivou a realização do presente estudo. Deste modo, focar-nos-emos em sete tópicos que se assumem como fundamentais para o estudo em questão: em primeiro lugar, pensar sobre a função social da História refletindo sobre, a importância da disciplina de HGP no currículo; em segundo lugar, compreender o potencial de educar para a Cidadania Global; em terceiro lugar, traçar uma breve descrição da evolução do papel da mulher ao longo da História; em quarto lugar, dar a conhecer o movimento feminista em Portugal a partir do século XX; em quinto lugar, analisar como é apresentado o papel da mulher ao longo da matriz curricular de História e Geografia de Portugal; em sexto lugar, será abordado o feminismo na contemporaneidade: e em sétimo e último lugar, será apresentado o feminismo como sendo um conceito em evolução .

2.1. A função social da História e Geografia de Portugal

Hoje em dia evidencia-se cada vez mais importante e necessário motivar os alunos para a aprendizagem e para o gosto pela História, não só porque é interessante, mas sobretudo porque é fulcral para compreender o Homem e o Mundo.

Para que tal se concretize, devemos utilizar estratégias de ensino motivadoras, despertando o interesse nos alunos sobre os conteúdos de História para que os compreendam e inculcam o gosto de aprender, descobrir e pesquisar sempre mais.

Deve ser desconstruída a ideia ainda comum nos alunos de hoje em dia de que “a História não serve para nada”, mostrando para o que é que ela serve efetivamente e de que modo é que ela deveria ser melhor considerada na escola e na sociedade uma vez que esta é, por excelência a disciplina que nos ajuda a compreender os problemas do mundo contemporâneo.

A melhor forma para motivar os alunos a gostar de História é mostrar-lhes o quanto esta disciplina é importante e o valor que a sua aprendizagem acarreta, mas se vivemos no presente e fazemos planos para o futuro, então para que nos serve ter conhecimento do passado?

“Se pensarmos na História como uma disciplina que tem como objetivo a simples apreensão de factos e conceitos, fazendo referência aos acontecimentos da Humanidade ao longo dos séculos, nesse caso a História terá uma importância muito limitada na vida – e nos projetos de vida – dos nossos jovens. É necessário dar a conhecer aos alunos uma outra ideia, a da História como a ciência que explica, contextualiza e orienta. Demonstrar que muito do que somos hoje se explica através do que os nossos antepassados nos foram deixando. Demonstrar que as sociedades humanas são o resultado do que aconteceu ao longo dos tempos e que esse conhecimento é uma orientação em termos de presente, porque preenche a necessidade humana de explicação, mas também em termos de futuro, porque facilita outra necessidade humana, a de orientação. A História dá sentido ao presente.” (Amaral, Alves, Jesus & Pinto, 2012, p.4)

Para Miguel Monteiro Barros, presidente da Associação de Professores de História (2019), partir dos anos 80 notou-se uma desvalorização da disciplina de História, evidenciada com uma redução das horas letivas a ela dedicadas. Esta mesma redução não acompanhou uma adaptação dos programas e como consequência, foram afetadas algumas áreas que a História preconiza enfatizar como: o raciocínio crítico, essencial ao desenvolvimento de uma consciência histórica de carácter humanista e como a análise de fontes que visam trabalhar os diversos contrastes e a articulação entre o passado e o presente, por exemplo. E é neste momento que faz falta que os alunos aprendam a pensar historicamente, ou seja, contra intuitivamente, pois é aqui que o maior problema do ensino desta disciplina reside. Por suas palavras, diz Barros (2019) que, “Aprender a pensar historicamente faz-se analisando, comparando e criticando fontes. Retirando este fator da equação, o que temos? Uma História narrativa de discurso fechado, que a maioria dos jovens se limita a inferiorizar, sem questionar.”

Barros (idem) faz também uma breve análise ao documento *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória* da Direção Geral de Educação onde conclui que:

“no Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória parece querer reverter-se, pelo menos em teoria, a situação atual, ao afirmar-se que as humanidades constituem o cimento que fixa todos os conhecimentos, e que este é um perfil de base humanista. Mas este manifesto de intenções não chega – é preciso reverter o processo iniciado em 1998 e tal só acontecerá se houver coragem política para estabelecer tempos mínimos obrigatórios para

o ensino da História (...). A decisão sobre o número de horas letivas a atribuir às diversas disciplinas de História é demasiado importante para ser tomada localmente, nomeadamente pelos diretores das escolas, já que esses decisores, preocupados com questões de desenvolvimento local e regional, nem sempre entendem a necessidade de uma abordagem humanista do ensino ou o papel crucial que a consciência histórica de carácter humanista possui na formação dos cidadãos e na manutenção e consolidação da democracia. O mundo mudou muito e, para enfrentar os desafios das novas realidades virtuais, é absolutamente necessário reforçar o (bom) ensino da História. Não ser capaz de pensar historicamente significa não saber filtrar e interpretar criticamente a informação a que se é exposto, ficando-se mal equipado e permeável à demagogia e à mentira factual, como é o caso das fake news.”

Por sua vez, José Mattoso defende que, “(...) o que interessa não é gostar da História, mas estar convencido que sem ela não se pode compreender o mundo em que vivemos (...). É a História que nos habitua a descobrir a relatividade das coisas, das ideias, das crenças e das doutrinas, e a detetar por que razão, sob aparências diferentes, se voltam a repetir situações análogas, se reproduz a busca de soluções parecidas ou se verificam evoluções paralelas. O historiador está sempre a descobrir no passado longínquo e recente o mesmo e o outro, a identidade e a variância, a repetição e a inovação (...)” (Mattoso, 1999, p.14-17).

Concordamos com Barros (2019), quando este refere que:

“A essencialidade da História reside na sua capacidade em nos levar a entender quem somos e de como aqui chegámos, na sua capacidade para derrubar mitos e explorar períodos deliberadamente esquecidos ou versões inventadas do nosso passado coletivo, sem medos e sem fantasmas no armário. Não conseguiremos processar corretamente o Portugal de 2019 se não analisarmos crítica e refletidamente o Portugal de 1128, de 1385, de 1415, de 1580, de 1640, de 1820, de 1910, de 1926, de 1974, de 1985... O estudo da História tem de passar, necessariamente, por análises e reflexões críticas sobre o exercício do poder e de como o seu abuso pode levar à opressão. Deve também passar pelo estudo dos direitos humanos e das suas violações, da igualdade e dos preconceitos que levaram a intolerâncias, perseguições e destruições. “

Em suma, esta é a história que pretendemos ensinar e transmitir, em incessante questionamento e renovação que faz vingar nos cidadãos críticos e pensantes o dever histórico, pois a ignorância é perigosa e pode revelar-se fatal para as democracias. Assim sendo, o papel do professor não se pode limitar à simples exposição e gestão do diálogo, deve sim, assumir uma postura de professor-investigador social, pois, desta forma, poderá despertar na maioria dos alunos, não só o gosto pela História mas também despertá-los para competências mais avançadas, segundo princípios já experimentados com sucesso em sala de aula. Despertar nos alunos o sentido de responsabilidade pelos factos passados, como as lutas sociais, é responsabilizá-los por uma herança deixada por gerações passadas, como por exemplo, o direito ao voto.

Por fim, as Aprendizagens Essenciais da disciplina de História e Geografia de Portugal sustentam a importância de ao longo dos diferentes ciclos de estudo, os alunos desenvolverem uma mescla de competências específicas da área, transversais a diversos temas e anos de escolaridade, visando a realização de aprendizagens significativas e globais. Assim sendo, pretende-se que:

“o aluno compreenda o papel fundamental que a História e a Geografia desempenham no estudo do país, no que respeita às suas características físicas e humanas e à sua evolução histórico-cultural, promovendo a inclusão, o respeito pela diversidade, a cooperação, a valorização dos direitos humanos e a sensibilização para a finitude do planeta.” (DGE, 2018, p. 2)

2.2. Educar para a Cidadania Global

A Educação para a Cidadania Global (ECG) visa proporcionar aos alunos competências e oportunidades para reivindicarem os seus direitos e assumirem deveres como cidadãos participativos e responsáveis na sociedade.

“A Organização das Nações Unidas identificou a Cidadania Global como uma das suas três principais prioridades e a sua estratégia está a ser adotada progressivamente por profissionais de educação, governos, sociedade civil e academia a nível mundial. Em setembro de 2015, a mesma organização adotou os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, um documento formado por 17 objetivos para transformar o nosso mundo até 2030. O objetivo 43, relativo a uma ‘Educação de Qualidade’, inclui a necessidade de garantir

que todas as crianças adquiram conhecimentos e competências necessárias para promover o desenvolvimento sustentável, inclusivamente, entre outros, por meio da educação para o desenvolvimento sustentável e estilos de vida sustentáveis, direitos humanos, igualdade de género, promoção de uma cultura de paz e de não violência, cidadania global e valorização da diversidade cultural e da contribuição da cultura para o desenvolvimento sustentável. (Esteves, A., Barbosa, A. et al, 2018, p.6)

A aprendizagem tem início na infância e prolonga-se até à vida adulta através de abordagens formais, informais e não-formais de educação que se revelam essenciais para a consecução da ECG. Segundo a UNESCO (2015), “A Educação para a Cidadania Global pretende ser transformativa, envolvendo os alunos na construção de conhecimentos, capacidades, atitudes e valores basilares para a promoção do respeito pelos direitos humanos, justiça social, paz, diversidade, igualdade de género e sustentabilidade ambiental”. Neste âmbito, a ECG visa “capacitar os indivíduos para a reflexão crítica sobre os legados e os processos das suas culturas, para imaginarem soluções futuras diferentes e para assumirem responsabilidade sobre as suas decisões e ações” (Andreotti, 2014, p. 63). O interesse pela Cidadania Global, cada vez mais enfatizado, tem vindo a fortalecer algumas dimensões conceptuais fundamentais, identificadas por via de estudos práticos e teóricos efetuados nesta área pela UNESCO. “Estas dimensões fundamentam-se em três domínios do processo de aprendizagem, sendo eles: a dimensão cognitiva, a dimensão socioemocional e a dimensão comportamental. A dimensão cognitiva propõe dar os meios aos alunos para que estes possam adquirir conhecimento, compreensão e pensamento crítico sobre questões globais, regionais, nacionais e locais e sobre a interligação e interdependência dos diferentes países e populações” (UNESCO, 2015, p. 15). Por sua vez, a dimensão socioemocional tem por base a noção de que o aluno deve desenvolver um “sentimento de pertença a uma humanidade comum, partilhando valores e responsabilidades, empatia, solidariedade e respeito pelas diferenças e pela diversidade” (idem). A dimensão comportamental tenciona levar o aluno a “agir de forma eficaz e responsável a nível local, nacional e global para um mundo mais pacífico e sustentável” (ibidem). Uma prática em que estas dimensões sejam corretamente articuladas vai ao encontro da concretização dos objetivos da Educação para a Cidadania Global.

Segundo o documento da Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania Global da República Portuguesa (2017, p.10), “a escola no seu todo deve assentar as suas práticas quotidianas em valores e princípios de cidadania, de forma a criar um clima aberto e livre para a discussão ativa das decisões que afetam a vida de todos os membros da comunidade escolar. A diversidade de metodologias e de práticas pedagógicas adotadas na escola deve ser indutora à aplicação em experiências reais de participação e de vivência da cidadania, de forma adequada a cada nível de educação e ensino.”

Em síntese podemos concluir que mais importante do que acumular conhecimentos, desenvolver competências, aptidões cognitivas e físicas, e estimular habilidades, educar para a cidadania é: contribuir para a emancipação do indivíduo e capacitá-lo para selecionar, criticar e analisar a informação que lhe chega; estimular o sentido de responsabilidade cívica; criar hábitos de convivência, solidariedade, tolerância e respeito pelos outros; conhecer os seus direitos e cumprir as suas obrigações e aceitar e compreender a pluralidade de culturas e a sua identidade nacional e pertença à comunidade internacional. Para que isto se concretize, é urgente implementar pedagogias inovadoras e eficientes centradas nos alunos, no sentido de lhes proporcionar, efetivamente, uma série de conhecimentos, capacidades, valores e atitudes virados para a educação, visando assim, a cidadania global.

2.3. O papel da mulher ao longo da História Ocidental

As mulheres não foram apenas um objeto de história. Neste momento, importa perceber “a sua condição, os seus papéis, os seus poderes, a sua forma de ação o seu silêncio, a sua palavra e a sua diversidade de representações (...) exatamente na mesma medida que a história dos homens.” (Duby & Perrot, 1990)

A princípio, o cultivo da terra foi a principal atividade praticada pelas mulheres, assim como a recolha de frutos e raízes comestíveis e a domesticação dos animais. A caça e a pesca eram atividades masculinas tendo sido por muito tempo o principal meio de sustentação da comunidade. Na verdade, a contribuição da caça e da pesca era ocasional, enquanto que a recolha de frutos e raízes, atividade feminina, era muito mais regular. Já havia, portanto, no paleolítico uma divisão natural de trabalho. As mulheres, tal como os

homens asseguravam o sustento do grupo embora cuidassem ainda das tarefas domésticas.

“A imagem de alguém a enfrentar um leão é mais atrativa do que a de alguém de joelhos a apanhar frutas, mas no final, quem permitiu que a humanidade continuasse viva eram as frutas. Não é preciso esquecer a força masculina para lembrar a feminina nem vice-versa. É possível celebrar ambas.” (Miles, 1988, s.p.)

Já durante a Antiguidade Clássica é importante abordar duas das civilizações que mais influenciaram a história do Mundo Ocidental – A civilização Grega e a Civilização Romana.

Na Grécia, apesar do inovador regime – a democracia - o papel da mulher não muda muito. A grande parte da tradição do casamento no Ocidente vem da Grécia Antiga. A união em Atenas do século V a.C. era regulamentada por um contrato onde em caso de infertilidade ou adultério da mulher, o divórcio era autorizado. A cerimónia decorria, por norma, em casa dos pais da noiva e era o pai que entregava a sua filha ao seu futuro marido. Assim o diz Claudine Leduc “a dádiva graciosa parece ser o princípio organizador do sistema Helénico da reprodução legítima. Do século IX ao século IV, a mulher é sempre dada (*dídomi*) por um homem a seu marido, e o homem autorizado a dá-la, dá sempre, além disso (*epidídomi*), bens materiais.” Na adolescência, as meninas gregas eram criadas separadas dos seus irmãos e isoladas no Gineceu, uma espécie de sala reservada para elas e de onde raramente saíam. Para saírem deste espaço, as mulheres tinham de ir sempre acompanhadas dos seus maridos ou dos pais, vestidas da cabeça aos pés e agiam com a maior descrição. Os rapazes, quando tinham 18 anos, eram conduzidos pelos pais às autoridades públicas, apresentando-os como candidatos à cidadania. Depois de examinados moral e fisicamente, e de confirmados os seus registos familiares, os seus nomes eram registados na demos. Cortavam o cabelo, recebiam uma túnica de cidadão, e numa cerimónia pública eram-lhes entregues o escudo e a lança. Seguidamente, eram conduzidos a um santuário e ali prestavam o seu juramento de efebo. Já as mulheres estavam excluídas da esfera pública, remetendo-se as mais ricas ao gineceu. No domínio religioso a participação da mulher era mais significativa, quer no espaço privado da *oikos* (casa) quer no domínio da *polis* onde lhe cabia um papel ativo nas cerimónias religiosas. Ainda neste campo, podia desempenhar o papel de sacerdotisa. Aquelas que eram menos

abastadas, gozavam de maior liberdade, uma vez que tinham de sair do espaço doméstico, o que, contudo, não significava o fim da segregação sexual. Assim se concluiu que durante toda a vida as mulheres ficavam sob a tutoria de alguém, primeiro do pai, depois do irmão, de seguida do marido e por fim, do próprio filho, caso se tornassem viúvas. Em caso de infidelidade por parte da mulher, o seu marido estava autorizado a matá-la em público. Por sua vez, os homens, decidiam tudo dentro e fora de casa. Eles podiam ter amantes, de ambos os sexos, sem constrangimentos.

Na Civilização Romana, diz Giulia Sissa, (1990, p.85) que “a mulher é passiva em relação ao padrão anatómico, filosófico e psicológico: o homem.” Acrescenta ainda: “há que habituar-nos a isto: os grandes homens dizem mal das mulheres, as grandes filosofias e os saberes mais autorizados consagram as ideias mais falsas e mais desdenhosas e respeito do feminino.” Entende-se, desta forma, que perante a sociedade a mulher tinha algum “poder”, no entanto o que a realidade dos factos que nos deixaram escritos nos transmitem foi que isso não aconteceu.

“O género humano passa a ser homogéneo do ponto de vista da cidade e das suas funções sociais que a constituem, mas no seu seio subsiste a oposição masculino/feminino, reduzida doravante à maneira menos boa que têm as mulheres de realizar cada uma das tarefas comuns aos dois sexos. Do ponto de vista conceptual, a imagem da mulher nada ganha com isso, sendo, pelo contrário, sistematicamente diminuída” (Sissa, 1990, p.95).

A partir dos sete anos e até aos onze anos, as crianças iam à escola, excetuando os de famílias ricas que estudavam em casa com o apoio de um mestre. A educação era destinada a inculcar o respeito pela família, mas principalmente pelo pai. Em termos familiares a mulher apresenta-se como sendo “o começo e o fim da sua própria família”, uma vez que, “Um pai de família (*paterfamilias*) não é assim designado pelo facto de ter gerado filhos legítimos: podia-se ter descendência sem ser pai (...). O acontecimento jurídico que faz de um homem romano um *pater* não é, portanto, o nascimento de um filho, mas a morte do seu próprio *pater*, morte em cujo momento ele próprio deixa de ser um filho” (Thomas, 1990, p.136). Por outro lado, no caso das mulheres romanas, estas “eram absolutamente estranhas a esta ordem sucessória (...) contrariamente ao pai, a mãe não

possuía herdeiros seus submetidos ao seu poder no momento da morte e chamados a assegurar-lhe uma continuidade.” (Thomas, 1990, p. 136-141).

Durante a Idade Média, a intervenção feminina não seria muito diferente da já antes dita. Para os homens a mulher era considerada um mero instrumento de procriação e objeto de propriedade e posse exclusiva do seu marido. “As palavras reservadas para definir a mulher servem unicamente para evocar a sua função principal: até a sua fraqueza física, garantia de submissão ao homem, favorece a procriação (...). Como um ser governado pelos seus órgãos, e em particular pelos seus órgãos sexuais” (Thomasset, 1990, p.65). A mulher era considerada como um ser próximo da carne e dos sentidos e, por isso, uma pecadora. Ela era feita para obedecer, não era bom que ela soubesse ler nem escrever, deviam apenas saber fiar e bordar. Todas as mulheres suspeitas de bruxaria eram julgadas e queimadas na fogueira. Para o Clero o sexo feminino era considerado débil e suscetível às tentações do diabo e, por isso, deveriam estar sempre sob a tutela masculina. “As mulheres são governadas pelo seu sexo. A morte, o sofrimento, os trabalhos entram no mundo através dele. (...) Por isso, controlar ou castigar as mulheres, e antes de mais o seu corpo e a sua sexualidade desconcertante ou perigosa, é tarefa para os homens. A prudência e o saber masculinos não deixam de o fazer, e de forma suficiente. (...) O corpo da mulher não se pode manter casto, deve tender unicamente para a procriação. As suas funções são orientadas para esta finalidade.” (Duby & Perrot, 1990, p.27). No seu dia-a-dia, as mulheres tinham vários papéis sociais, incluindo os de esposa, mãe, camponesa, enfermeira, artesã, assim como vários postos de comando como rainhas e abadessas, mas mesmo assim, à frente delas estava sempre um representante masculino. Em termos familiares, as filhas eram totalmente excluídas da sucessão. Quando se casavam, recebiam um dote que seria administrado pelo marido. O casamento era visto na maior parte das vezes como um pacto entre famílias com objetivo único e simples de procriação. As mulheres nobres tinham a tarefa de serem donas de casa, função complicada na altura, pois a economia doméstica era difícil e exigia muita habilidade e organização. Por sua vez, as mulheres camponesas quando casadas, deviam acompanhar os seus maridos para o campo e em todas as suas atividades. Quando ficavam viúvas, trabalhavam sozinhas ou

com os seus filhos. Em suma, a mulher na Idade Média caracteriza-se mais uma vez como “um produto secundário e, por conseguinte, inferior ao homem” (Thomasset, 1990, p.68).

Na Idade Moderna, as mulheres eram “estritamente controladas pelo olhar masculino, mas também pelos constrangimentos económicos e sociais” (Duby & Michelle Perrot, 1991, p.21). Quando a mulher nascia, ficava sob a proteção de um homem. O pai era o primeiro responsável por ela, era quem a sustentava e protegia até que a filha estivesse preparada para casar. “Independentemente das suas origens sociais, a partir do momento em que nascesse de um casamento legítimo, qualquer rapariga passava a ser definida pela sua relação com um homem. O pai e depois o marido eram legalmente responsáveis por ela, sendo-lhe recomendado que a ambos honrasse e obedecesse. Considerava-se que tanto o pai como o marido serviam de amortecedores entre ela e as duras realidades do violento mundo exterior. Além disso considerava-se que ela era economicamente dependente do homem que controlasse a sua vida. O dever de um pai, segundo o modelo, era sustentar a filha até ela casar, altura em que ele mesmo, ou alguém em seu nome, negociava com o noivo o acordo de casamento da sua filha”. (Hufton, 1991, p.23) No que diz respeito ao trabalho da mulher, este era praticado maioritariamente pela classe mais baixa da população. As mulheres precisavam de um dote para casar e isto, nas classes pobres, estava diretamente relacionado ao trabalho, uma vez que era a própria mulher a oferecer o seu dote. O casamento era a ambição de todas as mulheres trabalhadoras, pois, idealmente, era uma garantia de condições de vida melhores, uma vida de trabalho repartido e, portanto, de melhores rendas. Ainda que houvessem mulheres a trabalhar para se sustentarem a si próprias era impensável designá-las de *mulheres independentes* tal como diz Hufton (1991): “Apesar da obrigação de trabalharem para seu próprio sustento, a sociedade não podia conceber que as mulheres pudessem ou devessem viver com total independência. De facto, uma mulher independente era olhada como antinatural e detestável” (p.26). A vida das mulheres não era, à vista disto, nada fácil. “Ainda não passava de uma criança e já a sua família e a sociedade em que vivia lhe faziam ver que a vida era uma luta contra a roda trituratora de pobreza, e que, a longo prazo, tinha necessidade de um marido que lhe proporcionasse abrigo e ajuda no processo de sobrevivência. Era a compreensão dessa realidade que levava cerca de oitenta por cento

das raparigas do campo a deixar a casa da família por volta dos doze anos de idade.” (Hufton, 1991, p.27) Por isso, e como forma de refúgio, “a vida religiosa e a vida do espírito são muitas vezes, espaços deliberadamente escolhidos pelas mulheres para escaparem às monotonias do poder familiar e conjugal” (Duby & Perrot, 1991, p.21). As mulheres eram vistas como dependentes da figura masculina e inferiores na sociedade, era o homem que tinha a capacidade de sustentar a família e as mulheres apenas apareciam com duas únicas funções, a de ser esposa e a de ser mãe. “A função do seu marido era proporcionar-lhe abrigo e sustento. Ele pagava os impostos e representava o agregado na comunidade. O papel da mulher era o de companheira e de mãe. Nos estratos sociais mais elevados, as mulheres tornavam-se donas de casa, com criados para dirigir, propriedades para administrar com a ajuda de feitores e agentes, e ofereciam hospitalidade em nome dos seus maridos. A aparência e dignidade da esposa confirmava o estatuto do marido.” (Hufton, 1991, p.48).

A origem do feminismo está relacionada com a Revolução Francesa. As feministas acreditavam que os ideais de igualdade, fraternidade e liberdade se deveriam de estender a toda a sociedade. Naquele período, o ativismo era voltado para a conquista de direitos civis.

“É possível encontrar na historiografia dos séculos XV e XVIII o aparecimento de temas dedicados à denúncia da condição de opressão das mulheres, tendo como principais fatores a superioridade e a dominação imposta pelos homens. Porém, ainda não se pode atribuir aos mais variados escritos que surgiram nesse período, o rótulo ou o conceito de "feminista". Por outro lado, os estudiosos do tema creditam ao contexto social e político da Revolução Francesa (1789) - e, portanto, do Iluminismo - o surgimento do feminismo moderno” (Cancian, 2016, s.p.).

Em 1791, por exemplo, a revolucionária Olímpia de Gouges compôs uma célebre declaração, proclamando que a mulher possuía direitos naturais idênticos aos dos homens e que, por essa razão, tinha o direito de participar, direta ou indiretamente, da formulação das leis e da política em geral. Embora tenha sido rejeitada pela Convenção, a declaração de Gouges é o símbolo mais representativo do feminismo racionalista e democrático que reivindicava igualdade política entre os gêneros masculino e feminino.

A contemporaneidade apresenta-se como sendo “a imagem de um século sóbrio e triste, austero e opressivo para as mulheres, é uma representação espontânea. É certo que esse século repensou a vida das mulheres como desenrolar de uma história pessoal submetida a uma codificação coletiva precisa e socialmente elaborada. Seria, porém, errado pensar que essa época é apenas o tempo de uma longa dominação, de uma absoluta submissão das mulheres. De facto, esse século assina o nascimento do feminismo” (Fraisse & Perrot, 1991, p.9). Mas ainda que este momento da história marcasse o início da revolta das mulheres, estas ainda viviam sob extrema submissão para com o sexo masculino. Compreende-se assim, que a figura feminina ainda não usufruía dos direitos morais e igualitários quando comparadas com os homens, pois apenas serviam para servir os seus interesses, ao mesmo tempo que eram isentas de qualquer direito ou autonomia. Ainda assim em todo o mundo, as mulheres não desistiram e uniram-se em movimentos que visavam a igualdade social. O século XX será o “momento histórico em que a vida das mulheres se altera, ou mais exatamente o momento em que a perspectiva de vida das mulheres se altera: tempo da modernidade em que se torna possível uma posição de sujeito, indivíduo de corpo inteiro e atriz política, futura cidadã” (Fraisse & Perrot, 1991, p.9). Assim, se no início do século se pensa que todas as mulheres devem ter uma mesma distinção, uma única tarefa, a de esposa e de mãe, o final do século, consciente das transgressões e da diversidade de escolhas femininas, propõe uma norma mais subtil, a que faz de cada história feminina um destino controlado. Poder-se-ia entender que é dada a liberdade ao indivíduo feminino, a quem se reconhece a escolha de um percurso pessoal. Nada é, no entanto, menos certo: o destino das mulheres joga-se numa repartição regulada em que medicina, sociologia, psicanálise e estética se juntam para lhes repetir a essência do seu ser feminino (Fraisse & Perrot, 1991, p.10).

Chegando já bem perto da atualidade, as mulheres no século XX foram “devoradas pela guerra, pela revolução ou pela ditadura, mas igualmente expectadoras e atrizes de uma formidável modificação das relações entre os sexos” (Thébaud, 1991, p.9). Neste século, as mulheres emanciparam-se, assumiram o poder e o compromisso de em todas as etapas das suas vidas manterem a postura exigida pelas responsabilidades a que se

propunham desempenhar. Nos Estados Unidos “o desafio competitivo que o modelo da mulher americana lançava, tanto ao velho estilo de vida patriarcal como ao novo estilo de vida coletivista, tinha menos a ver com a bandeira do que com a sua representação em produtos, em moda, nas notícias e no cinema. Na sua realidade tão diversa, as mulheres modernas emergiram das lutas anteriores pela emancipação política, económica e sexual. As décadas em torno da viragem do século geraram os mais eficazes movimentos feministas, assim como operários e socialistas, jamais vistos nos Estados Unidos. A década de 1910 assistiu a conquistas sem precedentes das mulheres nas profissões qualificadas e de colarinho branco. No início do século XX, a linguagem do *feminismo emancipado* tornou-se familiar. Por volta dos anos 20, empenhados agentes da modernidade tinham de ter em conta os anseios e símbolos de liberdade e de individualidade das mulheres” (Cott, 1991, p.95). Com todas as conquistas e vitórias que as mulheres foram alcançando estas conseguiram afluir ao ensino secundário e superior bem como ao mercado de trabalho. O facto de as mulheres poderem ter um emprego e ganhar um salário foi para elas já, não só uma grande conquista, mas também, “a possibilidade de ganharem um salário permitia às mulheres mais do que nunca escapar a um casamento por necessidade económica (Cott, 1991, p.101), o que fazia com que a mulher se tornasse independente e se afastasse, do casamento por interesses, dando primazia aos casamentos por sentimentos. É certo que a Grande Guerra influenciou decisivamente estas conquistas uma vez que, a entrada “forçada” nas fábricas de armamento as fez consciencializar da sua importância.

A luta pela emancipação também se ganhou pela publicidade nas capas de revistas e nos cartazes que remete com efeito para a coincidência entre “a mulher como potencial sujeito e a mulher como possível objeto” (Passerini, 1991, p.382). Portanto, a mulher começa a apresentar-se como figura com individualidade e vai caindo a ideia de que ela tem de ser tratada como um objeto, o que se atesta pelos inúmeros textos legislativos sobre os direitos da mulher promulgados durante este século em diferentes países.

“Obtida a igualdade jurídica, o mais difícil estava por fazer: mudar as práticas, exercer realmente os poderes e liberdades concebidas à custa de tantas lutas (...). Politicamente, a maior parte das mulheres ocidentais desenvolveu com o correr do tempo um sentido cívico – se não um interesse político – tão afirmado como os dos homens. Em certos países como

os Estados Unidos ou a Suécia, são mesmo as mulheres que em maior número participam nas eleições.” (Mariette Sineau, 1991, p.566)

Era a vitória feminina, as mulheres estavam definitivamente a alcançar aquilo pelo que tanto lutaram e ansiaram, de modo que a mulher começou a interagir cada vez mais na sociedade a tal ponto que “no final do século XX, o princípio de uma igualdade jurídica entre homens e mulheres deixou de ser uma ideia nova no Ocidente” (Sineau, 1991, p.551).

Com a conquista do direito de voto, o direito a trabalhar e participar ativamente na política assegurados, o foco feminista ganha novo impulso. “Enquanto no primeiro momento as mulheres estavam centradas, essencialmente, na igualdade política, na segunda onda, as militantes estavam preocupadas com o fim da discriminação e a completa igualdade dos sexos” (Borges & Figueiredo, 2015, p.1).

Hoje em dia, em pleno século XXI, são muitos os desafios colocados à sociedade. O mundo evoluiu em muitos aspetos, nomeadamente, no facto de a mulher ser já ativa interveniente na vida social, política, cultural, económica, entre outras, mas será que a igualdade de género já se alcançou em plenitude? Pinto (2014, p.13) conclui que:

“parece haver uma paulatina mudança de paradigma e perspetivas sobre as funções que as mulheres podem desempenhar nas nossas sociedades, mas ainda com a persistência de papéis mais tradicionais. Por outro lado, há ainda um combate significativo a travar na luta contra a violência contra mulheres e também para fazer face a fatores acrescidos de risco como a pobreza e o isolamento, sobretudo na terceira idade. É também interessante assinalar as importantes ramificações que me parece que as problemáticas relativas à igualdade de género e aos direitos da mulher apresentam com as questões mais amplas do contexto familiar e da sociedade no seu todo. Isto, desde logo, pela tal ideia de que são ainda as mulheres quem mais assume o papel de cuidador, mas também por outros fatores, como o facto de a violência que afeta mulheres, nomeadamente a violência doméstica, em regra afeta também de forma direta ou indireta, as crianças, e até os idosos, que integram o mesmo agregado familiar.”

Ao falar de igualdade de direitos e de feminismo é importante dar conta de algumas evidências a esse respeito, como é o caso do que aconteceu a Katherine Switzer, uma maratonista norte-americana. Esta mulher, sabendo que a conhecida Maratona de Boston estava vedada a mulheres, inscreveu-se usando apenas as suas iniciais e na companhia do

seu treinador e do namorado, Tom Millers, participou na competição. Tudo correu bem até que o diretor da Maratona de Boston se apercebeu do sucedido e tentou de forma furiosa e bruta a todo o custo expulsá-la da corrida. Katherine Switzer terminou a corrida em 4h20min. Isto aconteceu em 1960 e só cinco anos depois é que a Maratona de Boston permitiu que mulheres participassem oficialmente na mesma. A protagonista da situação durante a corrida afirmou que “Tenho de terminar esta corrida nem que seja para chegar de joelhos, porque se eu não terminar ninguém vai acreditar que as mulheres conseguem fazer isso; ninguém vai acreditar que as mulheres devem estar aqui.” Ela tornou-se numa ativista pelas corredoras mulheres e lutou por integrá-las nos jogos olímpicos. Adianta ainda que “Nós sabemos que se nós dermos o poder às mulheres, elas são capazes de qualquer coisa”.

Outro exemplo de um caso de urgência de luta pela mudança de pensamentos extremistas no mundo é o caso de Malala Yousafzai. Esta menina é uma ativista lutadora pelo direito à educação para as mulheres no seu país e por esse motivo em 2012, com apenas 14 anos foi baleada com três tiros na cabeça enquanto regressava para casa. Naquele dia, quase morreu, mas hoje ela sabe que a luta continua e desistir não é palavra que exista no seu dicionário. Já ganhou um Prémio Nobel da Paz e uma das suas frases celebres mais inspiradoras é a seguinte: “Uma criança, um professor, um livro e um lápis podem mudar o mundo.”

Podemos ainda falar de Marielle Franco, uma socióloga e política brasileira, filiada ao Partido Socialismo e Liberdade que se elegeu vereadora do Rio de Janeiro com a quinta maior votação. Marielle defendia o feminismo, os direitos humanos e criticava a intervenção federal no Rio de Janeiro e a Política Militar, tendo denunciado diversos casos de abuso de autoridade por parte de polícias contra moradores de comunidades carentes. A 14 de março de 2018, foi assassinada a tiros junto do seu motorista.

Perante isto, importa perceber qual o papel da História na relação entre o presente e o passado. Já muito foi modificado, mas também ainda há muito para modificar, como se comprova pelos testemunhos mais recentes acima expostos, e relacionar o passado com o presente e o futuro pode ajudar a alertar a sociedade enquanto agentes transformadores do mundo.

“A história é uma ciência que estuda a vida do homem através do tempo. Ela investiga o que os homens fizeram, pensaram e sentiram enquanto seres sociais. Nesse sentido, o conhecimento histórico ajuda na compreensão do homem enquanto ser que constrói seu tempo. A história é feita por homens, mulheres, crianças, ricos e pobres; por governantes e governados, por dominantes e dominados, pela guerra e pela paz, por intelectuais e principalmente pelas pessoas comuns, desde os tempos mais remotos. A história está presente no cotidiano e serve de alerta à condição humana de agente transformador do mundo” (Aguar, 2019, s.p.).

Assim, podemos reter que a luta pelo feminismo deve continuar, cabe-nos a nós, hoje, mulheres e homens continuar esta luta pelo alcance de um mundo justo e igualitário porque, no mundo, há mais para lá da Europa e da América, há muito por fazer, sermos a voz das muitas vozes caladas.

Em suma, é fulcral ter sempre presente esta relação entre o passado, o presente e o futuro, pois só assim, se entende realmente a História. É importante conhecer várias histórias, vários casos verídicos e várias evidências para que consigamos perceber o Homem e a História do Homem, entendo assim, o mundo. Sabendo isto, estamos capacitados para sermos agentes transformadores nesta sociedade que ainda tem sede de mudança, nomeadamente, no que diz respeito à igualdade de direitos entre os sexos.

2.4. O feminismo em Portugal a partir do século XX

Nos finais do século XIX, um dos mais influentes intelectuais da chamada “Geração de 70”, Ramalho Ortigão, escrevia sobre aquela que era a representação popular da mulher na altura:

“Ela é na casa um ente subalterno e passivo, que se manda, que se força, que se espanca se desobedece (...). Ninguém a instrui, ninguém a distrai, ninguém procura tornar-lhe a existência doce e risonha, dar-lhe o nobre orgulho de ser amada, querida, necessária no mundo para mais alguma coisa do que lavar a casa, coser a roupa e cozinhar a comida” (s.p.).

Com a entrada no século XX o papel da mulher em Portugal pareceu continuar nos mesmo moldes, uma vez que, ela era ainda considerada um ser passivo, inferior e preso aos tradicionalismos. Para Esteves (2001), “sem quaisquer direitos políticos e confinadas

ao tradicional, e imutável, papel de esposas, mães, irmãs ou filhas, as mulheres portuguesas, na transição do século XIX, estavam remetidas para um plano de inferioridade legal, social e cultural, pois eram consideradas umas menores perante a lei, sujeitas à tutela dos pais ou dos maridos, e enfrentavam uma elevada taxa de analfabetismo – 85,4%, em 1890; 85%, em 1900; 81,2%, em 1911 - , que as condicionava nas já escassas escolhas profissionais” (p.87).

No mesmo documento, o historiador Esteves (2001), refere que “A tentativa de inverter este panorama insustentável começou então a mobilizar adeptas entre a pequeníssima elite feminina, composta por escritoras, médicas, professoras e educadoras, que não só questionavam os preceitos ancestrais que procuravam fundamentar a subordinação das mulheres aos homens, como aspiravam desempenhar um papel interventivo na sociedade, em consonância com as suas reais capacidades (...). No acirrar da intervenção combativa das mulheres não se pode ignorar a divulgação dos ideais feministas, em crescendo no Mundo e a pronta adesão de intelectuais, de ambos os sexos, que passaram a refletir em amiúde sobre eles, dando-lhes credibilidade e projeção.” Sobressaem, assim, as denúncias de Elina Guimarães, de Alice Pestana, de Bernardino Machado, de Maria Valeda, de Carolina Michaelis, de Adelaide Cabete de Fernão Botto Machado, de Maria Lamas de Magalhães Lima, de Ana Castro Osório, entre outros. Assim, vai sendo já possível traçar com precisão o percurso das organizações femininas e das suas protagonistas, a partir da fundação da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, em Agosto de 1908. À medida que vão sendo mais numerosos os estudos sobre mulheres, nomeadamente, sobre as origens do feminismo português, torna-se evidente que ele foi mais influente, diversificado e dinâmico do que tem transparecido quando estão em causa os anos que antecederam o derrube da Monarquia.

Também a escritora e feminista Ana Castro Osório, no seu livro, *Às Mulheres Portuguesas* (1905), refere que, já no seu tempo, o feminismo em Portugal era ainda uma palavra de que os homens se riam ou se indignavam, consoante o temperamento, e de que a maioria das próprias mulheres se culpavam como se de falta grave cometida se tratasse. E, no entanto, nada mais justo, nada mais razoável, do que este caminhar para a autonomia.

“O homem português não estava habituado a se deparar no caminho da vida com as mulheres, suas iguais pela ilustração, suas companheiras de trabalho, suas colegas de vida pública; por isso as desconhece, as despreza por vezes, as teme quase sempre. Assim quis a sucessão de séculos, em que a mulher foi a reclusa do convento ou da família, tendo na vida um só fim – agradar. Deste modo a estimou o homem, que fez do amor carnal o seu culto e da mulher a sacerdotisa desse culto. Mas sacerdotisa que se tornou em escrava, em deusa que se cobre de injurias e se lança no monte das velhas coisas inúteis, de modo que, a paixão dos sentidos, foi como fumo desfeito no céu sem nuvens” (Osório, 1905, p. 11).

No que concerne ao acesso da mulher ao voto e a outros direitos levou anos a acontecer. Carolina Beatriz Ângelo foi a primeira mulher a votar em Portugal, pois aproveitou uma lacuna na legislação portuguesa para o fazer. No primeiro ato eleitoral da recém-nascida República, em 1911, era permitido o voto a todos os chefes de família que soubessem ler, maiores de 21 anos e chefes de família. Como não era referido o sexo, Carolina Beatriz Ângelo, médica, viúva, e por isso, chefe de família, foi uma das pessoas que votou. O próprio juiz Castro proferiu uma sentença revolucionária e ela foi a única mulher a votar. Em 1913, a República mudou a lei e interditou o voto das mulheres. Perante tal ato, Carolina Beatriz Ângelo foi capa da revista *A Capital*, a 25 de março de 1911, com o seguinte título: “No limiar da Urna; As mulheres querem entrar; Se a lei não nos abre a porta, também não nos põe na rua; Assim o entende uma denodada sufragista portuguesa!”.

No ato eleitoral de 1913 as mulheres já não poderiam votar, pois tinha sido aprovada a legislação que especificava que apenas os homens o podiam fazer. Em 1928 esta é uma das reivindicações fundamentais do Congresso Feminino de Portugal, mas há outras preocupações que ganham importância relacionadas, nomeadamente, com a questão do corpo e da saúde da mulher.

Segundo João Gomes Esteves (2004) na comunicação proferida no seminário que celebrava os 80 anos do I Congresso Feminista e da Educação, "A década de 20 é a época de ouro dos feminismos em Portugal". Os anos vinte teriam marcado a rutura com a década anterior do feminismo republicano pelo facto de terem surgido novos rostos do feminismo como foi o caso de Elina Guimarães um nome incontestável do feminismo português, capaz de fazer a ponte entre várias gerações e matizes de feminismos.

Elina Guimarães foi uma escritora, jurista, ativista feminista e vice-presidente da direção do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP). Em 1926 acabou a licenciatura em Direito, mas nunca chegou a exercer. Defensora acérrima da participação das mulheres na vida política, foi uma continuadora dos ideais de Ana de Castro Osório e de todas as que na 1ª República lutaram por uma democracia que tardava a chegar, onde a educação das raparigas era primordial. Elina colaborou em imensos jornais e revistas, que é impossível enumerar. A sua vida foi uma permanente intervenção a favor da liberdade de expressão, na educação das mulheres para os seus inalienáveis direitos como cidadãs. Fez conferências em Portugal e estrangeiro e, sem exagero, pode dizer-se que Elina Guimarães é o feminismo do séc. XX na sua mais completa expressão. Os seus conhecimentos dos direitos das mulheres do ponto de vista da jurista foram essenciais para despertar e informar muitas gerações de mulheres sobre os seus direitos. Esteve ligada a muitos movimentos e instituições feministas e de direitos das mulheres, desde o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, onde foi secretária-geral até à International Council of Women, International Alliance for Women's Suffrage, Federation International des Femmes Diplômées em Droit. Foi condecorada em 1985 com a Ordem da Liberdade.

É também na década de XX que surgem outros três congressos - os congressos abolicionistas de 1926 e de 1929 e o segundo congresso feminista em 1928. Foi o êxito do I Congresso Feminista em 1924 que permitiu avançar com estas iniciativas, organizado pelo Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, fundado em 1914, por Adelaide Cabete. Esse Congresso teve um enorme impacto a nível nacional e internacional. Ao decidir realizar aquele Congresso, no mesmo ano do seu 10º aniversário, o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas marcou uma etapa importante na história do feminismo português, promovendo, pela primeira vez, em Portugal, uma realização que visava "discutir e propagar as ideias feministas". O feminismo era então assumido na palavra e na ação das mulheres que lutaram, nas primeiras décadas do século XX, pelos direitos das mulheres. De forma corajosa, desafiando o preconceito e o conservadorismo, como se destaca uma das frases da intervenção de abertura de Adelaide Cabete (1924): "Àqueles timoratos que perguntam onde irá o Feminismo responder-lhes-emos: o Feminismo terminará onde acabam todas as ideias de Progresso e toda a esperança generosa, terminará onde acabam

todas as aspirações justas". Adelaide Cabete foi médica, professora, pedagoga e militante republicana e feminista. Fez aos 23 anos o exame da instrução primária e concluiu aos 33 anos, a licenciatura em Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, com a tese *A Proteção às Mulheres Grávidas e Pobres*. Como médica, distinguiu-se no apoio às mulheres grávidas, na divulgação dos cuidados materno-infantis e no combate ao alcoolismo, publicando sobre o assunto várias obras. Foi professora de Higiene no Instituto Feminino de Odivelas. Como republicana e feminista, desenvolveu uma intensa atividade pela dignificação do estatuto da mulher. Colaborou na imprensa feminista da época e, designadamente, na revista *Alma Feminina*, que também dirigiu (1920-1929). Promoveu os primeiros congressos abolicionistas da prostituição, participou na fundação da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas e no Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Representou o governo português no 1º Congresso Feminista Internacional em 1923 que decorreu em Itália.

Durante o Estado Novo, podemos afirmar que a mulher era tratada como um ser inferior ao homem:

“Elas governavam a casa, eles mandavam no mundo. Os direitos eram tão limitados que só era possível sair do país com autorização do marido (...). Ser do outro sexo, estar em segundo plano, ou mesmo em terceiro, ter um papel definido pelo denominador, obedecer sempre e deixar-se violentar sempre. A cartilha é longa e passou de mães para filhas, numa herança disciplinada e castradora. Na história das mulheres há desigualdade, discriminação e muita violência (...). No país do Estado Novo, a mulher existia para ser mãe extremosa, a esposa dedicada, uma verdadeira fada do lar. Desde pequenina que era treinada para ser assim, submissa ao poder patriarcal do pai, do irmão e, mais tarde, do marido. O único futuro que podia ambicionar era o de fazer um bom casamento que garantisse o sustento da família, que, custasse o que custasse, tinha de se manter unida, estável e forte; uma metáfora do próprio regime. Oliveira Salazar não permitia que a ordem social fosse questionada, todos os assomos de feminismo iam sendo silenciados (...). Na ideologia vigente, os direitos da mulher eram quase nenhuns. Não podia votar. Não podia ser juíza, diplomata, militar ou polícia. Para trabalhar no comércio, sair do país, abrir conta bancária ou tomar contraceptivos, a mulher era obrigada a pedir autorização ao marido. E ganhava quase metade do salário pago aos homens.” (Pinto, Araújo & Tomás, 2014 s.p.).

Aquando da Guerra Colonial, “Mães, irmãs, mulheres, filhas, amigas, meras desconhecidas... sem combaterem nem pegarem em armas, as mulheres viveram a guerra colonial como se lá estivessem. Rezaram e fizeram promessas pelos homens mobilizados, escreveram-lhes centenas de aerogramas, adiando o amor, às vezes sem volta, tornaram-se madrinhas de guerra sem sequer os conhecerem (...). Arriscaram-se por eles, protegendo-lhes a retaguarda, contestando a guerra, desertando sem saberem quando voltariam ao seu país, mergulhando na clandestinidade e aderindo à luta aramada, sujeitas às sevícias da polícia política e a perderem a juventude nas masmorras da prisão. Trataram deles quando voltaram, mutilados e traumatizados, aguentaram verdadeiros infernos, porque o casamento era para a vida. Cada uma à sua maneira, todas essas mulheres foram pioneiras, desbravando caminhos outrora vedados. Em certos aspetos, a guerra acabou por contribuir para a emancipação feminina, com as mulheres a ocuparem os lugares do mercado do trabalho deixados vagos pela mobilização e emigração, a tomarem as rédeas das suas vidas, a intervirem mais no espaço público. Porém, neste caso como noutros, a História tem privilegiado os homens nas narrações dos acontecimentos mais marcantes. O relato da Guerra Colonial tem, por isso, contado, quase exclusivamente, pelos homens ex-combatentes. Ora, sendo um facto que, com a exceção de um punhado de enfermeiras paraquedistas, os homens foram, fisicamente, mobilizados para combater no Ultramar, acontece que, enquanto o faziam, as mulheres assumiram a gestão do lar, o sustento da família e o amparo dos mais necessitados. E ainda encontraram forças para lhes dar ânimo enquanto estavam longe. Elas não cruzaram os braços, envolveram-se, apoiando o esforço de guerra, ou opondo-se ao regime.” (Branco, 2015, p.21)

Só com o 25 de Abril é que as mulheres conquistaram alguns dos direitos essenciais que há tanto ansiavam.

“Na história do nosso país, as mulheres ocuparam quase sempre um papel secundário, sendo apresentadas, na maioria das vezes, como figurantes nos grandes episódios da construção da nação. Esta conceção do século feminino vai vigorar durante muitos anos no nosso país, e tornar-se-á particularmente evidente durante o Estado Novo (...). Durante quase meio século, ao sexo feminino eram associados os papéis de dona-de-casa, mãe e companheira, e pouco mais. Neste panorama tão restritivo das liberdades da mulher, poucas foram aquelas que se atreveram a enfrentar o regime. Esta situação difícil em que a mulher se encontrava

duraria até ao dia 25 de Abril de 1974, altura em que a democracia chegou a Portugal.” Como refere Manuela Tavares (2000, p. 21), relativamente ao Golpe Militar de 25 de abril de 1974, “Tratava-se do romper do cerco de 48 anos, de um regime onde a mulher era o esteio da família, cabendo-lhe ser mãe, educar os filhos, assistir o marido, da qual emanava a autoridade.” (Couto, 2015, s.p.)

Finda a ditadura, e após os direitos terem sido concebidos à mulher na nova Constituição de 1976 com a formação da democracia, é fulcral perceber os contornos desta transição. Assim sendo, a Comissão da Condição Feminina (CCF, 1990, p.21), já na altura, afirmou: “A constituição da República Portuguesa de 2 de abril de 1976, quer no texto original, quer na revisão de 1989, representa um passo fundamental no progresso do estatuto da mulher.” Assim se comprova nos seguintes artigos da Lei da Constituição de 1976:

“Artigo 13º - 1. Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei. Artigo 36º - 1. Todos têm o direito de constituir família e de contrair casamento em condições de plena igualdade. Artigo 48º - 1. Todos os cidadãos têm o direito de tomar parte na vida política e na direção dos assuntos públicos do país, diretamente ou por intermédio de representantes livremente eleitos. Artigo 49º - 1. Todos os cidadãos podem apresentar, individual ou coletivamente, aos órgãos de soberania ou a quaisquer autoridades petições, representações, reclamações ou queixas para defesa dos seus direitos, da Constituição e das leis ou do interesse geral. Artigo 68º - 1. O Estado reconhece a maternidade como valor social eminente, protegendo a mãe nas exigências específicas da sua insubstituível ação quanto à educação dos filhos e garantindo a sua realização profissional e a sua participação na vida cívica do país. Artigo 68º - 2. As mulheres trabalhadoras têm direito a um período de dispensa do trabalho, antes e depois do parto, sem perda da retribuição e de quaisquer regalias. Artigo 74º - 1. O Estado reconhece e garante a todos os cidadãos o direito ao ensino e à igualdade de oportunidades na formação escolar.”

No final do século XX o que se tinha conquistado tinha sido para a mulher avaliado apenas como satisfatório, pois afinal os direitos que a mulher alcançou não estavam a ser postos em prática como desejavam na sociedade, o que mostrou que ainda havia muito por fazer.

“Nenhuma mulher ocupa lugares de chefia máxima nos partidos políticos representados na Assembleia da República.” (CCF, 1990, p.53) “As eleições para as autarquias locais de 17 de dezembro de 1989 foram eleitos 300 homens e 5 mulheres para a presidência de 305 Câmaras Municipais.” (CCF, 1990, p. 53)

Quanto às estatísticas do nível escolar da população portuguesa com mais de 15 anos, em 1989 analisamos a seguinte tabela de percentagens:

	Homens	Mulheres	Total
Não sabem ler nem escrever	9,4	17,7	13,6
Sabem ler e escrever sem ter ido à escola	0,7	0,9	0,6
Escolaridade obrigatória	79,2	71,1	74,9
Secundário	6,0	5,1	5,5
Médio	0,8	2,6	1,8
Superior	3,5	2,3	2,9
Outro	0,4	0,3	0,3
Total	100	100	100

Tabela 1 – Nível escolar da população portuguesa com mais de 15 anos em 1989 (CCF, 1990, p.71).

A partir dos dados acima apresentados é possível observar que a mulher vai mostrando as suas capacidades e se vai equiparando ao homem. É interessante ver que havia mais mulheres a saber ler e escrever sem ter ido à escola do que os homens o que mostra que elas se interessavam pela educação e pela instrução mesmo sem ter acesso à mesma, bem como elas se sobressaírem na realização do ensino médio em relação aos sexo contrário.

Como antevisto, na década de 80 houve já uma grande afluência ao ensino superior por parte dos jovens portugueses, mas a década de 90, fica conhecida na História como a *Década da Massificação do Ensino*, uma vez que houve uma grande afluência às universidades. Nos anos 80 o interesse pelo estudo e pela instrução numa perspetiva não só de ampliação do saber como também da ânsia de alcançar condições melhores de vida do que as das gerações anteriores, fez dos anos que se seguiram a 1990, anos onde a maior

parte da população jovem procurou profissionalizar-se através das universidades. A partir daí e cada vez mais, a população apresentou um espírito crítico mais progressista, um nível de instrução maior e o próprio desenvolvimento do país começou a estar sujeito a outro tipo de exigências, que fossem ao encontro da evolução da população. “A universalização do direito à educação constitui uma das concretizações mais significativas resultantes da modernização das sociedades, sendo hoje a liberdade para aprender, enquanto expressão do desejo de elevação pessoal, vista como um elemento fundamental na concretização dos direitos cívicos e políticos” (Sebastião & Correia, 2007, p.1) .

No que concerne ao feminismo na década de 90, Tavares, afirma que: “Os anos de 1990 são apontados como a década em que os movimentos feministas se globalizaram. Diversas análises atribuem esse processo à sua crescente afirmação nas esferas da política internacional com a realização das Conferências das Nações Unidas sobre Direitos das Mulheres, sendo que a mais importante foi a Conferência de Pequim (...). Em Portugal, pela primeira vez, a interação entre os feminismos e o movimento LGBT surgiu no contexto do Fórum Social Português através da criação da Rede Lilás, da participação na Marcha de Orgulho Gay, na Coordenadora da Marcha Mundial de Mulheres(...). Nos anos de 1990, assistiu-se ao desenvolvimento da ênfase na paternidade e na partilha de tarefas, no fundo uma reentrada dos homens no lar, agora não como chefes ou dominadores, mas como parceiros emocionais e das tarefas quer sejam casais homossexuais ou heterossexuais” (2008, p.396).

2.5. Feminismo – conceito em evolução

Segundo o dicionário de Língua Portuguesa da Porto Editora (2012, p.366), o feminismo trata-se da “defesa da igualdade de direitos entre a mulher e o homem” e feminista define-se por “pessoa que é partidária do feminismo”. Por sua vez, Ergas (1991, p.588) apresenta outra ideia: “Na verdade, o feminismo não é um substantivo cujas propriedades possam ser definidas de forma exata e definitiva; poder-se-ia dizer, antes, que o termo feminismo indica historicamente conjuntos variados de teorias e práticas centradas em volta da constituição e da legislação dos interesses das mulheres”. Para Soares (2016, p.5), “Numa breve e simples explicação o Feminismo é um movimento

político, social e filosófico que tem como objetivo principal defender a igualdade dos direitos entre homens e mulheres. Este movimento político luta para o fim da valorização de um gênero sobre outro, faz elevar questões de modo a mostrar qual o verdadeiro papel da mulher na sociedade e tem como principal objetivo promover a igualdade entre os sexos. Sendo muitas vezes confundido com o femismo, que é a supremacia do gênero feminino, sendo assim, o sinónimo de machismo.” Para Beauvoir este tema apresenta-se como:

“O tema é irritante, principalmente para as mulheres. E não é novo. A querela do feminismo fez correr rios de tinta e está agora mais ou menos encerrada. Não toquemos mais nisso. No entanto, ainda se fala dela (...). Se hoje não já não há feminilidade é porque nunca houve. Significará isso que a palavra *mulher* não tenha conteúdo algum? É o que afirmavam vigorosamente os partidários de filosofia das luzes, do racionalismo, do nominalismo: as mulheres, entre os seres humanos, seriam apenas os designados arbitrariamente pela palavra *mulher* (...). A minha ideia é que todos, homens e mulheres, o que quer que sejamos, devemos ser considerados seres humanos,” (Beauvoir 1, 2015, p.11)

A verdade é que por muito que já se tenha conquistado, a sociedade ainda tem preconceitos e ainda se encontra dividida. “Basta andar de olhos abertos para comprovar que a humanidade se reparte em duas categorias de indivíduos, cujas roupas, rostos, corpos, sorrisos, atitudes, interesses e ocupações são manifestamente diferentes: talvez essas diferenças sejam superficiais, talvez se destinem a desaparecer. O certo é que por enquanto elas existem com uma evidência gritante.” (Beauvoir 1, 2015, p.13). Por outro lado, “As mulheres de hoje, estão em vias de destruir o mito da feminilidade; começam a afirmar concretamente a sua Independência; mas não é sem dificuldade que conseguem viver integralmente a sua condição de ser humano. Educadas por mulheres, no seio de um mundo feminino, o seu destino normal é o casamento, que ainda as subordina praticamente ao homem; o prestígio viril está longe de se ter apagado: assenta ainda em sólidas bases económicas e sociais. É, pois, necessário estudar com cuidado o destino tradicional da mulher” (Beauvoir 2, 2015, p.4). No que respeita o feminismo das novas gerações e da atualidade, Soares diz assim:

“Hoje, por muito que não se acredite, basta estar atento para ver as desigualdades que nos rodeiam, que estão ao nosso lado, mesmo vivendo num mundo tão moderno como o nosso vai haver sempre uma mentalidade de “homem não limpa” vs “mulher não luta”, “homem não dança” vs “mulher não joga futebol” (Soares, 2016, p.7).

Estes são os pensamentos e opiniões das mentes mais fechadas que não gostam de se expor ao novo. Assim, com toda esta abertura ao tema e com todo o mediatismo, começa a aparecer o dito “mau feminismo”. Personalidades públicas de todo o mundo utilizam o termo que está em voga de maneira a promover-se socialmente e digitalmente. Criam um feminismo manipulado. Este tipo de feminismo vai apenas contribuir para o bem próprio e nunca comum, promovendo assim, mais concretamente, um movimento feminista que vai contra todos os princípios do feminismo. Por outro lado, Soares afirma também que, “as novas gerações também trazem muitos aspetos positivos ao feminismo. No feminismo há vertentes para todos os gostos e o seu lado positivo é que estas vertentes se apoiam umas às outras” (Soares,2016, p.7).

Dependendo da sua cultura, o feminismo pode encontrar-se em vários “estados”. Em diferentes partes do mundo as lutas são pelo direito a remunerações salariais iguais, direito à educação, direito à liberdade de expressão, entre outros, enquanto noutras culturas estão a ser lutadas batalhas pelo simples direito à igualdade entre sexos. Nem todos os países se encontram no mesmo nível, o que torna por vezes as lutas “ingratas”, mas a luta deve ser feita por todos para que se alcance a justiça. “A igualdade só será uma realidade com o apoio de muitos homens como Tom Millers que percebem que os direitos das mulheres são direitos humanos e estão dispostos a lutarem por eles” (Silva, 2019 s.p.). Por seu turno, para Soares (2016 p. 8) “Quando dizem que as feministas já conseguiram o que queriam estão errados, ainda há muito que mudar, os estereótipos ainda se encontram presentes no dia-a-dia e em certas alturas somos quase que conduzidos por esse preconceito inconscientemente.”

Para Inês Santos Silva, *Diretora Executiva da Aliados – The Challenges Consulting e fundadora da comunidade Portuguese Women in Tech* (2019), “A luta pela igualdade de género, começou há centenas de anos. Desde então, mulheres lideram países, empresas e exércitos, estão na fronteira da exploração espacial e 126 anos depois da Nova Zelândia ter

sido o primeiro país a legalizar o voto das mulheres, hoje votamos no mundo inteiro (o último país a permitir foi a Arábia Saudita, em 2015). No entanto, atualmente a média da OCDE para a diferença salarial entre homens e mulheres é ainda de 14% (em Portugal é de 18,3%) e até Março de 2019, em Portugal já tinham morrido 12 mulheres vítimas de violência doméstica.” Ora estes resultados não estão em conformidade com o que o feminismo preconiza, pois, este conceito trata-se de “um movimento político, filosófico e social que defende a igualdade de direitos entre todos, independentemente do seu sexo. O desconhecimento sobre o que realmente é o movimento feminista e o que quer alcançar, faz com que homens e mulheres continuamente se assumam não feministas e se excluam desta luta” (Silva, 2019).

Na luta pela defesa dos direitos, pela promoção e pela dignificação das mulheres, existem algumas organizações não governamentais feministas em Portugal, como:

- Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres
- UMAR - União de Mulheres Alternativa e Resposta
- Liga Republicana das Mulheres Portuguesas
- Associação Portuguesa de Mulheres Juristas
- Centro de Cultura e Intervenção Feminista
- APEM - Associação Portuguesa de Estudos sobre as Mulheres
- Faces de Eva – Centro de Estudos sobre a Mulher da Universidade Nova de Lisboa
- CIG – Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género

Estas organizações têm como objetivo mostrar às novas gerações que devemos lutar por uma sociedade livre, justa e igualitária. São espaços onde se preconiza a afirmação da mulher portuguesa e se discute a condição feminina. Realizam-se reuniões que contam com a presença de cronistas com diferentes percursos formativos e profissionais, com competências e experiências variadas, que contribuem voluntariamente para a divulgação de informação e sensibilização da sociedade civil para a igualdade de género e para a defesa dos direitos das mulheres.

Em suma, o feminismo tem várias vertentes, ainda assim, todas elas convergem para o mesmo ideal, o ideal da igualdade de direitos entre sexos. Em Portugal o feminismo ainda tem um longo caminho para frente, por isso, devemos conhecer e orgulhar-nos das

conquistas passadas, alcançadas por grandes ativistas e ter sempre em mente a promoção de ambientes e direitos iguais para todos os géneros. A igualdade de género só será uma realidade com o apoio de todos, homens, mulheres, jovens e idosos. Devemos, por isso, lutar por um mundo onde todos percebam que os direitos das mulheres são direitos humanos e temos de estar dispostos a lutar por eles.

2.6. O papel da mulher na matriz curricular de História e Geografia de Portugal

Refletindo sobre a importância dada à da mulher no ensino da História os currículos parecem estar estruturados de forma a fazer realçar mais os feitos masculinos, calando as lutas feministas. Será, certamente, por meio do ensino da História, que se pode lutar por uma sociedade igualitária e esta disciplina é privilegiada para isso. Se queremos transmitir valores de igualdade revela-se necessário que demos meios aos alunos que evidenciem isso mesmo. Assim, importa analisar e refletir sobre o modo como a mulher é apresentada ao longo dos conteúdos históricos abordados, em particular, no 2º Ciclo de Ensino Básico na disciplina de HGP.

No que concerne ao *Programa e Metas Curriculares de História e Geografia de Portugal de 5º e 6º anos*, verificamos que nos domínios relativos ao 5º ano, aborda-se a mulher no domínio seguinte: *As primeiras comunidades humanas da Península Ibérica*, quando se caracteriza o modo de vida das primeiras comunidades humanas bem como as primeiras divisões de tarefas. Um outro domínio que aborda a mulher é *A formação do Reino de Portugal*, nesta fase vão já sendo abordados alguns nomes de rainhas, nomeadamente, o de D. Teresa devido à sua aproximação à nobreza galega. O mesmo acontece nos domínios: *Portugal no século XIII e XIV*, *Portugal no século XV e XVI* e *Portugal: da União Ibérica à restauração da independência*, sendo que, vão sendo apresentadas algumas rainhas ou outras figuras e feitos femininos, mas sempre de forma interpelada, não tendo sequer nenhum subdomínio onde o seu nome ou feito apareça escrito. Observando o Programa do 6º ano, verificamos que a mulher é abordada no domínio *O Estado Novo*, quando se apresenta o modo de vida dos homens e das mulheres na época bem como as exigências feitas à sociedade neste período. Aparece também no domínio *O 25 de abril de 1974 e o regime democrático*, quando se analisa a Constituição de 1976 e se

percebe que passa a existir igualdade de direitos, direitos esses que as mulheres há tanto ansiavam, bem como se aborda o facto de elas terem ocorrido à mesa eleitoral em massa nas primeiras eleições após a revolução dos cravos. Fora isto, a mulher vai aparecendo sempre implícita ficando ao encargo de quem faz os manuais de fazer sobressair ou não mais a figura feminina, as suas lutas e conquistas.

Em termos de manuais de 5º ano foram analisados o manual *Conhecer Portugal 5* da Areal Editores e o manual *HGP em Ação 5* da Porto Editora. Assim, após revista de ambos é possível fazer uma caracterização genérica do aparecimento da figura feminina no seu conteúdo. No que diz respeito ao texto escrito e às informações fornecidas para os alunos estudarem, a mulher aparece apenas nos momentos em que o programa “obriga”, fora disso, em ambos os livros as informações dirigidas às mulheres das várias épocas históricas, aparecem apenas em pequenos “cartões de curiosidades”. Relativamente às imagens e às fontes históricas é de referir que se observa uma notória tendência para a colocação de figuras masculinas nos seus feitos históricos, ainda assim, a figura feminina vai aparecendo mostrando como vivia a mulher nos diferentes momentos da história.

Relativamente, aos manuais analisados de 6º ano a nossa seleção tendeu para o manual *Viagens no Tempo* da Areal Editores e *História e Geografia de Portugal 6º* da Editora Santilana. Após observação de ambos os livros, é possível concluir que, contrariamente, aos manuais de 5º ano, estas editoras divergem um pouco em termos de conteúdo. No caso do manual *Viagens no Tempo*, é de mencionar que a nível de texto a figura feminina aparece além do que obriga o programa em pequenas janelas intituladas de “*Sabias que...?*”, o que condiciona a chegada de informação aos alunos, uma vez que, só os jovens que se interessarem em saber mais além do texto principal é que vão conhecer as peripécias da mulher ao longo do tempo e , só por aí, já não se está a praticar a igualdade. Podemos afirmar também que o aparecimento de imagens de mulheres é muito escasso, surgindo maioritariamente imagens com representações masculinas mesmo quando estas se relacionam com a vida em sociedade. Sentimos falta por exemplo, da abordagem de Carolina Beatriz Ângelo, quando se leciona as eleições da 1ª República Portuguesa, fundamental para mostrar que as mulheres sempre estiveram na mira dos acontecimentos, não deixando escapar qualquer oportunidade de mostrarem ao mundo as suas

reivindicações. Por outro lado, o manual *História e Geografia de Portugal 6º* da editora Santilana, não só aborda Carolina Beatriz Ângelo como se vai preocupando em colocar no texto principal as tais “curiosidades” que iam aparecendo em leitura facultativa nos outros, o que já é um grande sinal de inclusão e igualdade. Também as imagens e fontes históricas aparecem de forma equilibrada para ambos os sexos.

Assim, podemos concluir que ainda há muito a fazer. Se queremos abordar a igualdade em plenitude é necessário que esta venha desde a raiz e os manuais seriam meios privilegiados para isso. Com isto, não pretendemos de modo algum, fazer sobressair a mulher em relação ao homem, apenas que se consiga equilibrar a balança, isso sim é o que o feminismo nos quer transmitir. É certo que muitos gloriosos feitos históricos foram realizados por homens, até porque, desde o início dos inícios da História eles foram sendo sempre mais associados à força e à valentia, no entanto, é importante perceber o que andaram as mulheres a fazer também todo esse tempo, é necessário incrementar nos alunos o espírito crítico para que possam ser eles também a avaliar se as atividades de ambos os sexos ao longo da História foram ou não justas, para que se consiga construir um mundo onde impere a justiça, um mundo melhor, onde todos gostemos realmente de viver.

Capítulo III – Metodologia de investigação

No desenrolar deste capítulo iremos descrever a metodologia de investigação adotada e expor as opções metodológicas que orientaram o presente estudo. Seguidamente, iremos proceder à descrição do estudo, bem como à caracterização dos participantes, à descrição das técnicas e instrumentos de recolha de dados utilizados e, por último, aos procedimentos de análise de dados. Terminamos com uma breve síntese.

3.1. Opções metodológicas

Perante o problema apresentado procuramos descrever o percurso metodológico em que nos apoiamos. Acreditamos, de um modo muito amplo, que a “a investigação é uma tentativa sistemática de atribuição de respostas às questões” (Tuckman, 2005, p.5). Mais especificamente, consideramos que a investigação em educação “é uma atividade de natureza cognitiva que consiste num processo sistemático, flexível e objetivo de indagação e que contribui para explicar e compreender os fenómenos educativos. É através da investigação que se reflete e problematiza o processo de ensino/aprendizagem, que se suscita o debate e se edificam as ideias inovadoras” (Coutinho, 2005, p. 48).

Assim, desenvolver uma investigação implica percorrer um caminho, tendo por base a intencionalidade do investigador e levando a cabo variadas ações que conduzem a um conjunto de conclusões. Durante este processo é preciso efetuar opções metodológicas, opções estas que consistem nas escolhas feitas pelo investigador para que este possa responder às questões de investigação e avançar no conhecimento. Tuckmam (2005, p.5) acrescenta que “a investigação diz respeito à relação entre duas ou mais variáveis. É realizada a partir da identificação de um problema, examinando as variáveis relevantes já selecionadas através de uma revisão da literatura, construindo uma hipótese plausível, criando um *desing* de investigação para estudar o problema, recolhendo e analisando os dados apropriados e, então, extrair as conclusões acerca da relação entre as variáveis.”

Nesta linha, primeiramente é necessário considerar o paradigma que está na base da investigação efetuada. Como afirma Coutinho (2005), o conceito de paradigma de

investigação estende-se a um conjunto articulado de postulados, de valores conhecidos, de teorias comuns e de regras que são aceites por toda a comunidade científica num determinado momento histórico. É de salientar então, que o paradigma de investigação associado a este estudo é de natureza interpretativa ou qualitativa, com algum tratamento quantitativo, uma vez que se alicerça numa realidade construída e subjetiva e o seu objeto de análise é formulado em termos de ação, de processo. Este tipo de paradigma preconiza a valorização dos intervenientes e dos seus comportamentos como cita Lessard-Hébert, (Goyette, & Boutin, 2005, p. 47) “a investigação interventiva baseia-se num postulado dualista, dando valor aos comportamentos observáveis, conquanto relacionados com significados criados e modificáveis pelo espírito.”

Tendo por base que definir a metodologia nos auxilia na reflexão sobre este assunto e a traçar o caminho que pretendemos percorrer, há que, seguidamente, justificar a abordagem metodológica adotada, associada evidentemente, ao paradigma interpretativo já referenciado. Um dos motivos pelos quais optamos por esta metodologia prende-se com o facto de ser concretizada pelo meio da observação participante, envolvendo a recolha de dados e a análise documental. Ademais, privilegiou-se esta metodologia por acompanhar a evolução dos participantes aquando da implementação das atividades. Note-se que a metodologia qualitativa assume-se como sendo de extrema importância uma vez que, segundo (Gonçalves, 2010), tem por base uma perspetiva compreensiva, ou seja, assenta na necessidade de compreender e interpretar o significado dos fenómenos sociais, possibilitando a interpretação, a descrição, e a análise crítica/reflexiva sobre os mesmos e aumentando o carácter reflexivo das práticas e propostas educativas do campo em estudo.

Ao nível do método da investigação, este estudo corresponde a um estudo de caso. Coutinho (2005, p. 301) assegura que o estudo de caso consiste num desenho de investigação empírica baseada no raciocínio indutivo que depende maioritariamente do trabalho de campo, que não é experimental e que se baseia em fontes de dados múltiplos e variados. Afirma ainda que este tipo de abordagem se assume como a adequada sempre que o investigador se depara com situações nas quais se questiona *como?* e *porquê?* e ainda quando se pretende uma análise ou descrição do fenómeno a que se tem acesso.

3.2. Descrição do estudo

O presente estudo foi concebido para as aulas de História e Geografia de Portugal, numa escola localizada no concelho de Viana do Castelo com alunos do 6º ano de escolaridade, no âmbito da Prática de Ensino Supervisionada. O estudo decorreu ao longo de quatro sessões, entre o dia 8 de maio de 2019 e o dia 22 de maio de 2019.

O desenvolvimento do estudo decorreu em três fases principais: a primeira fase consistiu na aplicação de um inquérito por questionário aos participantes com a intenção de aferir as suas ideias prévias sobre a igualdade de direitos entre os sexos e o feminismo. Este questionário foi aplicado antes da implementação das atividades do estudo de forma a contribuírem para a (re)definição das estratégias a aplicar. A segunda fase prendeu-se com a implementação de uma série de propostas didáticas no âmbito da Educação para o Desenvolvimento e para a Cidadania, em particular com a finalidade de sensibilizar os alunos para as lutas feministas ao longo do tempo. A terceira fase, após a sequência didática realizada, consistiu no preenchimento de um questionário final pelos participantes de modo a possibilitar o entendimento dos inquiridos sobre se houve ou não mudança conceptual relativamente ao tema em estudo.

A realização desta investigação foi previamente planificada, onde se descreveram as atividades a desenvolver com os participantes, bem como os objetivos inerentes. Assim, a sequência didática implementada dividiu-se em quatro sessões que a seguir descreveremos.

3.2.1. Primeira sessão – 8 de maio de 2019 – “A mulher na História”

Objetivos específicos: Reconhecer o papel da mulher ao longo do tempo; Conhecer a luta dos movimentos feministas na luta pela igualdade social.

Duração: 90 min.

Descrição da proposta: Esta proposta divide-se em duas partes, sendo a primeira para a exploração de uma apresentação em *PowerPoint* que aludia ao papel da mulher ao longo das várias épocas históricas e a segunda para o preenchimento de um bilhete de identidade

sobre uma mulher feminista portuguesa, com vista a permitir que os alunos tomassem conhecimento de algumas mulheres feministas portuguesas.

Parte I – Atividade “A mulher na História: desde a Pré-História à atualidade”

Grande grupo → Na apresentação em *PowerPoint* que pretendeu-se dar a conhecer o papel da mulher desde a Pré-História até à Idade Contemporânea (*fig. 11*). Pretendeu-se também dar a conhecer algumas mulheres e movimentos como o Feminismo que tiveram como fundamental preocupação a luta pela igualdade no Mundo e, particularmente, em Portugal. Esta apresentação dispõe, não só de informações acerca do assunto, como também de imagens e de vídeos que foram objeto de análise com vista à sensibilização dos alunos para esta temática. A dinâmica nesta exploração foi, fundamentalmente, o diálogo aberto com a turma proporcionando a mobilização de conhecimentos esperando-se também que os alunos apresentassem as suas ideias e pontos de vista acerca do assunto, a partir do que foi apresentado. Com isto, pretendeu-se sensibilizar os alunos para a luta que muitas mulheres travaram através das suas ações, coragem e bravura para que se alcançasse a igualdade de direitos. É certo que as lutas feministas ainda não foram conseguidas na plenitude, dado que em muitas zonas do mundo a mulher continua a ser um objeto, sem direitos e sem liberdade de pensamento. Apesar disso, no mundo ocidentalizado as conquistas da mulher foram enormes, sobretudo nos últimos 100 anos. Assim, importa sensibilizar os mais jovens dessa realidade para que todos, juntos, defendamos a igualdade para que esta se vivencie em todo o mundo. Este material pode encontrar-se como anexo no final deste relatório (anexo 9 – *PowerPoint* aula 1 do estudo).



Figura 11 – Diapositivo 1 - A mulher na História: desde a Pré-História à atualidade
Parte II – Atividade “BI Feminista”

A turma foi dividida em grupos. A cada grupo foi entregue um envelope com uma fotografia, um modelo de um bilhete de identidade personalizado (fig. 12) e uma folha com algumas informações sobre uma mulher feminista portuguesa (ver anexo 10 – informações sobre mulheres feministas aula 1 do estudo). Cada grupo deveria retirar a informação necessária para completar o BI. No final, todos os Bilhetes de Identidade foram apresentados à turma, sendo que se esperava que cada grupo fosse capaz de identificar os aspetos mais relevantes sobre as lutas que cada mulher desenvolveu. Os trabalhos seriam afixados na escola para que todos pudessem conhecer algumas feministas portuguesas que lutaram pela igualdade de direitos.


Bilhete de Identidade		
	Nome: _____ Data de nascimento: ____/____/____ Data da sua morte: ____/____/____ Nacionalidade: _____	Foto
Ficou conhecida por: _____ _____ _____ _____ _____		

Figura 12 – Modelo Bilhete de Identidade personalizado.

3.2.2. Segunda sessão – 13 de maio de 2019 – “Retrato de um domingo em família: que concepções de género?”

Objetivo específico: Identificar as concepções que os alunos têm sobre género e se foram condicionados pelos padrões socialmente estabelecidos, refletindo sobre alguns estereótipos.

Duração: 45 min.

Descrição da proposta: Esta proposta iniciou-se com um breve diálogo com a turma no sentido de se aferir o que os alunos sabiam sobre o conceito de género. Para tal, sugeriu-se a leitura em voz alta de uma história (ver anexo 11 – história aula 2 do estudo). Esta destacava algumas personagens e a tarefa que se propôs foi que os alunos, em grupos, fossem capazes de desenhar essas personagens a realizar as tarefas que estão descritas no texto que foi originalmente criado para o efeito (ver anexo 12 – ficha de trabalho aula 2 do estudo). No final, as ilustrações foram apresentadas à turma e, conseqüentemente, refletiu-se sobre o assunto em causa, tendo esta reflexão sido orientada pelas seguintes questões:

- Porque é que desenharam a mãe na cozinha e o pai a lavar o carro? Não podia ser ao contrário?
- Uma menina não pode jogar futebol? E os rapazes não podem dançar ballet?
- O cor-de-rosa é cor de menina e o azul é cor de menino?
- As raparigas não podem ter o cabelo curto? E os rapazes não podem ter o cabelo comprido?
- Que conclusões podemos retirar desta atividade?
- Será que a sociedade está condicionada pelos padrões socialmente estabelecidos?
- Não será isto uma forma de discriminação?
- O que podemos fazer para contrariar este padrão?
- Dada esta atividade, em que medida podemos relacionar com a lutas feministas já conhecidas?

3.2.3. Terceira sessão – 15 de maio de 2019 – “O trabalho de cada um” e “Cartazes pela igualdade”

Objetivo específico: Inferir as concepções dos alunos sobre igualdade, equidade e justiça social.

Duração: 90 min.

Nesta aula foram realizadas duas atividades distintas sendo elas, “O trabalho de cada um” e “Cartazes pela Igualdade”.

Atividade – “O trabalho de cada um”

Descrição da proposta: Para a realização desta proposta, sugeriu-se a divisão da turma em grupos, preferencialmente mistos. Seguidamente, foi dado a cada grupo uma ficha (ver anexo 13 – ficha de trabalho aula 3 do estudo) onde se pretendia que os alunos associassem profissões a género. Feito isto, os alunos partilham as suas ideias registadas pela professora numa tabela no quadro. Para terminar e já em grande grupo, foi feita a reflexão desta atividade apoiada nas seguintes questões exemplo:

- Porquê que algumas profissões são normalmente ocupadas por homens ou por mulheres? Porquê que é que existem essas diferenças?
- Alguém da turma gostaria de ocupar profissões diferentes daquelas que são “normalmente” ocupadas por pessoas do outro género?
- Existem homens ou mulheres conhecidas socialmente que tenham profissões diferentes das “normais”? Quem, por exemplo?
- Essas pessoas podem desempenhar essas funções normalmente ou não? Porquê?
- Será possível mudar este estereótipo de “profissões de homens e profissões de mulheres”? De que forma?

Depois de refletir sobre a atividade, importa clarificar junto dos alunos o conceito de género, registando-o no seu caderno.

Género: Categoria baseada na distinção dos sexos (masculino ou feminino).

(Dicionário da Língua Portuguesa, 2018, Porto Editora, Porto)

Atividade - “Cartazes pela igualdade”

Descrição da proposta: A partir das atividades já experienciadas pelos alunos ou por outras atividades ou situações do conhecimento deles fora do contexto de sala de aula, propôs-se a realização de uma intervenção gráfica para sensibilizar os alunos para a igualdade de género. Sugeriu-se aos alunos a realização de uma campanha para promover a igualdade de género e que os cartazes por eles elaborados seriam afixados na escola. Para a sua concretização, os alunos deviam mobilizar os conhecimentos e as reflexões obtidas pelas atividades desenvolvidas.

Descrição da proposta, “Passo a Passo”:

Passo 1 – Identificação dos problemas – Os alunos em grande grupo, expõem situações de desigualdade entre rapazes e raparigas que gostassem de ver combatidas. Essas situações serão anotadas no quadro.

Passo 2 – Criação de mensagens – Divide-se a turma em grupos, preferencialmente mistos. Depois, é-lhes pedido que criem mensagens que chamem a atenção das pessoas para um dos problemas indicados, apresentando também propostas de resolução.

Passo 3 – Criação de cartazes – Os alunos devem registar as mensagens realizadas numa cartolina A4 ilustrando o seu cartaz a fim de o tornar mais apelativo. No final, os cartazes feitos pelos alunos seriam afixados na escola.

3.2.4. Quarta sessão – 22 de maio de 2019 – “Feminismo, o que é isso afinal?”

Objetivo específico: Compreender o conceito de feminismo.

Duração: 90 min.

Descrição da proposta: Grande grupo – A proposta apresentada para esta aula prendeu-se, fundamentalmente, com a análise dos *Cartoons* submetidos ao concurso *Comic and Cartoon on Gender Equality* da ONU sobre igualdade de género (2015). A

intervenção inicia, assim, com uma apresentação em *Power Point* (ver anexo 14 – *PowerPoint* aula 4 do estudo) que contempla as cinco imagens vencedoras do concurso. As mesmas (fig. 13) seriam projetadas e procurou-se que os alunos as analisem e debatam sobre o que as imagens querem transmitir. Apenas depois desse diálogo aberto, é que aparecia a descrição da visão do autor da imagem.



Figura 13 – Cartoons sobre situações de desigualdade entre os sexos.

Estas imagens pretendiam introduzir que as lutas feministas ainda hoje se justificam. Através da análise dos *Cartoons* torna-se claro que a mulher ainda tem que lutar pela igualdade perante o homem e o que o feminismo pretende fazer vingar é a plena igualdade de direitos sociais e de oportunidades para a mulher. Não basta a igualdade na lei, mas ela urge no dia a dia. Para terminar esta abordagem foi dado a conhecer à turma algumas organizações portuguesas que encabeçam a luta pelo feminismo e igualdade de direitos em Portugal, mostrando a necessidade de continuar a trabalhar estas questões bem como ser uma luta de todos, mulheres, homens, jovens e idosos.

3.3. Caracterização dos participantes

Os participantes deste estudo foram 19 alunos do 6º ano de escolaridade de uma turma proveniente de um meio semi-rural, pertencente ao concelho de Viana do Castelo.

Os dados para a realização da caracterização dos alunos que participaram neste estudo foram recolhidos através do questionário que lhes foi entregue inicialmente (ver anexo 15 – Questionário inicial entregue aos alunos), após consentimento da direção da escola e dos Encarregados de Educação dos alunos da turma. Este surgiu com o objetivo não só para a caracterização dos participantes, mas também para aferir as ideias que estes tinham sobre os conceitos ligados à temática da Igualdade de direitos e, em particular, sobre as lutas feministas.

Como se pode extrair dos dados das tabelas que se seguem (ver tabela 2), dos 19 alunos da turma, 10 são do sexo feminino (52,6%) e 9 são do sexo masculino (47,4%).

Sexo	<i>f</i>	%
Feminino	10	52,6
Masculino	9	47,4
Total	19	100

Tabela 2 – Sexo dos participantes.

Quanto às idades, existem 8 alunos com 10 anos (42,1%) e 11 alunos com 11 anos (57,9%) (ver tabela 3).

Idade	<i>f</i>	%
10 anos	8	42,1
11 anos	11	57,9
Total	19	100

Tabela 3 – Idades dos participantes.

Relativamente à constituição do agregado familiar (ver tabela 4), verificou-se que 42,1% dos alunos vive com o pai, a mãe e os irmãos, 15,8% vive com o pai, a mãe, os irmãos e os avós, duas frações de 10,5% vive ou com a mãe, os avós e os tios ou com a mãe, os avós e os irmãos. Depois existem quatro casos distintos: um aluno que vive com o pai e a

mãe; um aluno que vive com os avós, os irmãos e os primos; outro aluno que vive com os avós, os tios e os primos e por fim, um aluno que vive com o pai, a mãe, os avós, os tios e os primos.

Com quem vivem	f	%
Pai e mãe	1	5,3
Pai, mãe e irmãos	8	42,1
Pai, mãe, irmãos e avós	3	15,8
Avós, irmãos e primos	1	5,3
Mãe, avós e tios	2	10,5
Mãe, irmãos, avós e tios	2	10,5
Avós, tios e primos	1	5,3
Pai, mãe, avós, tios e primos	1	5,3
Total	19	100

Tabela 4 – Agregados familiares dos alunos da turma.

No que diz respeito ao número de irmãos (ver tabela 5), 78,9% têm entre um a três irmãos e 21,1% dos alunos não têm irmãos.

Têm irmãos	f	%
Sim	15	78,9
Não	4	21,1
Total	19	100

Tabela 5 – Irmãos dos participantes.

Quando questionados sobre a profissão dos seus pais ou encarregados de educação, três alunos referiram que não sabem qual a profissão do pai e um aluno diz não saber a da mãe. É interessante observar que as profissões com maior número de pais são “construtor/a civil” e “gerente de empresa” (15,8%) e as profissões com maior número de

mães é “funcionário/a de empresa” (26,3%) e “doméstico/a” (21,1%) (ver tabela 6). Numa análise superficial, não deixa de ser curioso o facto se serem os homens a gerirem as suas empresas e as mulheres serem as funcionárias das mesmas, por exemplo, assim como haver um homem a ser “empregado/a de limpeza”, profissão predominantemente desempenhada por mulheres. Isto mostra que ainda há muito a fazer de facto, mas também não se está no “degrau 0” e por isso se revela tão fundamental abordar as questões de igualdade nas escolas, para que se vá continuando a caminhar rumo à igualdade plena.

Profissão	Pai	%	Mãe	%
Doméstico/a	0	0	4	21,1
Construtor/a Civil	3	15,8	0	0
Agricultor/a	0	0	1	5,3
Eletricista	1	5,3	0	0
Funcionário/a de empresa	0	0	5	26,3
Vendedor/a	1	5,3	0	0
Comerciante	0	0	1	5,3
Gerente de empresa	3	15,8	0	0
Enfermeiro/a	0	0	2	10,5
Professor/a	1	5,3	2	10,5
Médico/a	0	0	1	5,3
Engenheiro/a	2	10,5	0	0
Informático/a	1	5,3	0	0
Carpinteiro/a	1	5,3	0	0
Taxista	1	5,3	0	0
Advogado/a	0	0	1	5,3
Empregado/a de limpeza	1	5,3	0	0
Canalizador/a	1	5,3	0	0
Costureiro/a	0	0	1	5,3
Não sabe	3	15,8	1	5,3
Total	19	100	19	100

Tabela 6 – Profissões dos pais ou encarregados de educação dos participantes.

No que concerne às habilitações literárias dos Encarregados de Educação dos alunos constata-se que 6 deles não souberam responder a esta questão, que existe apenas uma mãe doutorada, um pai e uma mãe mestres e 1 pai e 4 mães licenciados. As restantes habilitações dos pais dos alunos vão desde o 4º ano de escolaridade ao 12º ano de escolaridade e podem consultar-se na tabela 7.

Habilitação literária	Pai	%	Mãe	%
Não sabe	6	31,6	6	31,6
4º ano	2	10,5	2	10,5
6º ano	2	10,5	1	5,3
9º ano	3	15,8	1	5,3
12º ano	4	21,6	3	15,8
Licenciatura	1	5,3	4	21,6
Mestrado	1	5,3	1	5,3
Doutoramento	0	0	1	5,3
Total	19	100	19	100

Tabela 7 – Habilitações literárias dos pais dos alunos.

A última questão colocada aos alunos relativamente à sua identificação incidiu sobre a sua escolha de profissão no futuro. Das raparigas, duas gostavam de ser professoras, duas gostavam de ser farmacêuticas, uma gostava de ser cozinheira, outra cantora, outra enfermeira, outra informática e, por último, uma cabeleireira. Por sua vez, dos rapazes, dois gostariam de desempenhar como profissão ser pilotos, um gostava de ser polícia, outro professor, outro farmacêutico, outro carpinteiro, outro arquiteto, outro cirurgião, outro enfermeiro e, por fim, outro surfista (ver tabela 8).

Profissão	Rapariga	Rapaz	Total	%
Polícia	0	1	1	5,3
Professor/a	2	1	3	15,8
Piloto/a	0	2	2	10,5
Farmacêutico/a	2	1	3	15,8
Cozinheiro/a	1	0	1	5,3
Cantor/a	1	0	1	5,3

Enfermeiro/a	1	0	1	5,3
Carpinteiro/a	0	1	1	5,3
Informático/a	1	0	1	5,3
Arquiteto/a	0	1	1	5,3
Cirurgião/ã	0	1	1	5,3
Engenheiro/a	0	1	1	5,3
Surfista	0	1	1	5,3
Cabeleireira	1	0	1	5,3
			19	100

Tabela 8 – Profissões que os alunos gostavam de desempenhar no futuro.

3.4. Técnicas e instrumentos de recolha de dados

Foram utilizadas para a recolha de dados nesta investigação a observação direta, o inquérito por questionário impresso e a análise documental. “A observação, o questionário, a entrevista e o estudo dos documentos constituem os utensílios de trabalho quotidiano do perito, quer ele seja homem de ação, auditor, avaliador, consultante ou investigador” (Ketele & Roegiers, 1999, p. 12). A observação direta “consiste na recolha de informação, de modo sistemático, através do contacto direto com situações específicas” (Aires, 2015, pp. 24). Deste modo, é crucial definir anteriormente qual o objetivo final, para que, em contexto, o investigador selecione a informação essencial e se desprenda da informação “acessória”. Posto isto, optou-se por esta técnica, pois tem um “carácter intencional e sistemático e permite-nos obter uma visão mais completa da realidade de modo a articular a informação proveniente da comunicação intersubjetiva entre os sujeitos com a informação de carácter objetivo” (Aires, 2015, p. 25).

No que concerne ao inquérito por questionário, foram selecionadas um conjunto de questões, apresentadas em dimensões, com o objetivo de questionar os alunos sobre diversas situações (profissionais, sociais, familiares, etc.) e para obter opiniões relativas a um determinado tema, neste caso, a igualdade e as lutas feministas. Para Coutinho (2014, p.140) este, “é o instrumento típico dos planos do tipo survey/correlacionais em que se pergunta aos sujeitos a informação que se pretende”.

Relativamente à análise documental, importa esclarecer que “embora a expressão «análise documental» possa remeter-nos para o pólo teórico devido à utilização do termo «análise», ela é igualmente utilizada para designar um tipo de recolha de dados nas ciências humanas” (Hébert, Goyette & Boutin, 2005, p. 143). Deste modo, o investigador analisa documentos realizados pelos participantes, sendo esta uma técnica “que tem, com frequência, uma função de complementaridade na investigação qualitativa, isto é, utilizada para «triangular» os dados obtidos através de uma ou duas outras técnicas” (idem, p. 144).

3.4.1. Procedimentos de análise de dados

De seguida, descrevemos as dimensões dos questionários utilizadas. Tanto no Questionário Inicial como no Questionário Final, apresentam um cabeçalho com uma breve síntese introdutória, explicando em que consistem os mesmos e para o que servem bem como se menciona que as respostas são estritamente confidenciais e que, portanto, podem responder com sinceridade. Em ambos os questionários vão sendo colocadas questões de caráter aberto e de caráter fechado.

No que concerne ao Questionário Inicial, este encontra-se dividido em duas partes: a primeira parte intitula-se de “Identificação” e inclui sete questões de resposta fechada, destinadas a aferir o género, a idade, a constituição do agregado familiar, o número de irmãos, a profissão dos pais/encarregados de educação, as habilitações literárias dos pais/encarregados de educação e, por fim, a profissão que cada participante gostaria de desempenhar no futuro. Por sua vez, a segunda parte do mesmo questionário intitula-se de “Igualdade de Direitos” e o seu objetivo é identificar os conhecimentos prévios dos alunos relativamente a esta temática. A primeira questão desta dimensão pretende aferir se os alunos conhecem o termo “Género” e caso respondam “Sim” devem, através de uma resposta aberta, especificar o que significa para si; depois é questionado aos alunos se consideram que os seus pais/encarregados de educação os educaram de acordo com o género ou não; a seguir é pedido que os alunos assinalem numa listagem apresentada os brinquedos que tiveram na infância; posteriormente pretendeu-se saber se a educação que foi dada aos participantes era a mesma dada aos seus irmãos em casa, dando exemplos concretos e achamos importante também recolher informação sobre a divisão das tarefas

em casa de cada aluno. Feito isto, e ainda nesta dimensão, o questionário contemplava uma tabela com várias afirmações acerca da temática, à qual os alunos teriam de responder se concordam ou discordam com cada uma das delas. Depois, procuramos saber a opinião dos alunos sobre se existe igualdade de direitos em Portugal, se para eles é importante que a mesma exista e se consideram que as mulheres e os homens devem ter os mesmos direitos. Por fim, direcionamos as três questões finais para saber se os alunos tinham algum conhecimento sobre personalidades que lutaram pela igualdade, nomeadamente, figuras sonantes das lutas feministas, se se consideram feministas e o que era para eles o feminismo. Depois de lido e analisado este questionário procedeu-se à categorização das respostas abertas.

Por sua vez, o Questionário Final, apresenta três partes, as mesmas que o questionário anteriormente descrito e mais uma, onde se pretendeu aferir as opiniões dos alunos acerca das atividades pedagógicas desenvolvidas em aula. À semelhança do anterior, apresenta também questões de caráter aberto e fechado. Assim, na primeira parte, questionamos os alunos sobre o seu sexo, a sua idade e sobre a profissão que gostariam de desempenhar no futuro. Já a segunda parte contou com algumas questões iguais ao primeiro questionário no sentido de percebermos se houve ou não mudança concetual por parte dos alunos. Deste modo, a primeira questão pretendeu aferir se os alunos sabem o que significa “Género”, depois os alunos teriam de indicar se concordam ou discordam com as afirmações tabeladas, já presentes no Questionário Inicial; quisemos voltar a recolher informação sobre se os alunos consideram que em Portugal existe igualdade de direitos, sobre a sua opinião acerca da importância da mesma existir bem como se consideram que os homens e as mulheres devem ter os mesmos direitos. Já a terminar esta dimensão foi perguntado se os alunos têm conhecimento sobre alguma mulher feminista, se se consideram feministas e através de uma resposta aberta responder o que pensam ser o feminismo. Na terceira e última dimensão, quisemos saber qual a opinião dos alunos sobre as atividades realizadas em sala de aula e para obter essas opiniões apresentamos uma tabela com o nome de cada atividade para os alunos classificarem cada dinâmica e para sabermos qual a atividade que mais gostaram e a que menos gostaram. Posteriormente, através de questões de caráter aberto procuramos aferir

se as atividades propostas os levaram a perceber que ainda existe desigualdade; quisemos perceber o que mais os marcou e porquê, o que sentiram ao longo da abordagem desta temática e por fim, saber se eles contaram aos pais/encarregados de educação as atividades que estavam a ser realizadas das aulas de HGP e em caso afirmativo, saber as posições que defenderam. Importa referir, ainda, que na análise deste questionário se precedeu também à categorização das respostas abertas.

3.5. Em síntese

Os dados recolhidos através da utilização das técnicas já especificadas, revelaram-se fulcrais não só para aceder a informação essencial para o estudo, mas também, para aferir quais as ideias prévias dos participantes no que diz respeito à Igualdade de Género e ao Feminismo. Posto isto, a nossa preocupação foi em ir ao encontro das definições corretas dos conceitos, desconstruir ideias erradas e apresentar uma visão do mundo assente em valores igualitários, tão importantes para alcançar um mundo mais justo. Assim, desenvolvemos atividades que promovessem isso mesmo com os alunos e os resultados revelaram-se satisfatórios e os objetivos foram alcançados, tal como se poderá observar nas fases seguintes deste relatório.

Capítulo IV – Apresentação e análise de resultados

No capítulo que se segue serão apresentados, analisados e discutidos os principais resultados desta investigação, tendo como base a questão de investigação e os objetivos traçados. Deste modo, e tendo presente a revisão bibliográfica efetuada, procedemos à análise dos questionários bem como das atividades realizadas com os alunos ao longo das sessões do estudo anteriormente descritas.

4.1. Análise do Questionário Inicial

Pela análise do Questionário Inicial feito aos alunos, foi possível realizar a caracterização dos participantes, apresentada no capítulo anterior, bem como identificar os conhecimentos prévios dos alunos relativamente à temática da igualdade de direitos e ao Feminismo.

Começamos por perguntar aos participantes se conhecem o termo “Género”. A esta questão, 14 alunos responderam afirmativamente (73,7%) e 5 alunos responderam negativamente (26,3%) como se pode observar na tabela 9.

Conhecem o termo “género”	<i>f</i>	%
Sim	14	73,7
Não	5	26,3
Total	19	100

Tabela 9 – Respostas dos participantes sobre se conhecem o termo “género”.

Os participantes que responderam afirmativamente (73,7%), tinham de através de uma resposta aberta indicar o que entendiam sobre esse conceito. As respostas dos mesmos encontram-se na tabela 10 e podemos observar que ainda que tenham assinalado conhecer o conceito de “Género”, 2 alunos não o souberam explicar e dos que souberam, 12 alunos (85,7%) dizem que “o género pode ser masculino ou feminino”.

O que entendes por género?	f	%
Não sabe	2	14,3
“O género pode ser masculino ou feminino.”	12	85,7
Total	14	100

Tabela 10 – O que os participantes entendem por “género” (n = 14).

A questão seguinte, visava apurar quais os brinquedos com que cada participante brincou na sua infância (ver tabela 11). Não se apresentam os resultados em percentagem pois os alunos assinalaram todos várias opções, pelo que apresentamos os dados em frequência.

Brinquedo	f (sexo feminino)	f (sexo masculino)
carros	1	8
bonecas	9	0
piões	3	9
bolas	3	9
ferro de engomar	6	0
aviões	0	7
carrinho de bebé	5	0
ferramentas	0	8
casa de bonecas	6	0
legos	7	8
patins	8	6
estojo de maquilhagem	9	0
motas	0	6
utensílios de cozinha	8	1

Tabela 11 – Brinquedos dos participantes na sua infância.

Perante estes dados observamos que os brinquedos continuam a ser catalogados de “brinquedo de menina e brinquedo de menino” uma vez que, as respostas dos alunos tenderam maioritariamente para: as bonecas, os carrinhos de bebé e os utensílios de cozinha, por exemplo são mencionados pelas raparigas; e os aviões, as ferramentas e as motas, são mencionados pelos rapazes. Os brinquedos que estão mais próximos a nível de frequência são os legos e os patins, pois ambos os sexos assinalaram ter brincado com esses objetos em semelhante medida.

No que diz respeito à questão sobre se os alunos que tinham irmãos, consideravam que a sua educação era igual à educação dada aos seus irmãos em casa, 15 alunos (100%) respondeu que “sim” (ver tabela 12).

Educação igual à dos irmãos	<i>f</i>	%
Sim	15	100
Não	0	0
Total	15	100

Tabela 12 – Resposta dos participantes sobre se a educação que lhes é dada, é igual à dos seus irmãos.

Mesmo assim, quando lhes foi pedido que apresentassem um exemplo concreto, 7 participantes não o souberam dar (46,7%), 1 aluno respondeu que “Brincam com os meus irmãos como brincam comigo” (6,7%), 3 alunos responderam que “Ensinam-me a ser bem educado/a e aos meus irmãos também” (20%), 2 alunos responderam que “ Eu tive muitos brinquedos e os meus irmãos também” (13,3%) e por último, 2 alunos responderam que “Deram-nos a mesma educação” (13,3%) (ver tabela 13).

Respostas dos alunos que assinalaram <i>Sim</i>	<i>f</i>	%
Não sabe dar um exemplo	7	46,7
“Brincam com os meus irmãos como brincam comigo.”	1	6,7
“Ensinam-me a ser bem educado/a e aos meus irmãos também.”	3	20
“Eu tive muitos brinquedos e os meus irmãos também.”	2	13,3
“Deram-nos a mesma educação”	2	13,3
	Total	15 100

Tabela 13 – Respostas dos participantes que assinalaram *sim* (exemplos concretos) (n = 15).

Vejamos agora as respostas dos participantes no que diz respeito à divisão das tarefas diárias em sua casa (ver tabela 14).

Tarefa	Mãe	Pai	Eu	Outro	Mãe e Pai	Mãe ou outro	Eu ou outro	Total
Cozinhar	7	0	1	2	6	3	0	19
Limpar o pó	5	1	1	4	1	5	2	19
Tratar do jardim	3	2	2	2	1	4	1	15*
Lavar a loiça	5	1	2	1	7	2	1	19
Tratar da roupa	6	1	0	0	9	3	0	19
Ir às compras	9	1	0	0	6	3	0	19
Lavar o carro	1	9	1	2	3	2	1	19
Tratar das despesas	9	6	0	0	3	1	0	19

Tabela 14 – Distribuição das tarefas em casa de cada participante.

*três alunos dizem não ter jardim em casa.

Perante os dados da Tabela 14 foi-nos possível concluir que são as mães que assumem, hoje em dia, grande parte das tarefas domésticas, é ela quem cozinha, quem limpa o pó, e quem vai às compras. O pai, nestes dados, é quem por maioria, lava o carro. Não obstante, há muitas famílias que dividem as tarefas entre o casal e até mesmo com os filhos que neste caso são os participantes deste questionário.

No que concerne à questão onde os participantes assinalaram se concordavam ou discordavam com as afirmações apresentadas, obtiveram-se os resultados seguintes onde apresentamos separadamente as respostas dadas pelos dois sexos (ver tabela 15).

Afirmações	Meninas		Meninos		Total
	Concordo	Discordo	Concordo	Discordo	
Existem profissões destinadas a homens e profissões destinadas a mulheres.	2	8	4	5	19
Os homens são mais agressivos do que as mulheres.	7	3	5	4	19
Homens e mulheres têm as mesmas capacidades.	6	4	6	3	19
Os homens são mais dotados para as questões mecânicas.	5	5	7	2	19
As mulheres são mais dotadas para as questões da decoração.	6	4	6	3	19
O homem sustenta a família com o seu trabalho fora de casa.	2	8	2	7	19
A mulher deve exclusivamente cuidar da família e do lar.	2	8	2	7	19
Jogar futebol não é para raparigas.	1	9	1	8	19
Costurar não é para rapazes.	1	9	3	6	19
A mulher é mais frágil, necessita de mais proteção.	4	6	5	4	19

Tabela 15 – Respostas dos participantes relativas às afirmações do questionário inicial.

Analisando a tabela 15 é visível que as meninas têm uma sensibilidade um pouco maior para as questões da igualdade, no entanto, os alunos desta turma, no geral, foram respondendo em maioria corretamente às afirmações, o que indica que apesar de os resultados não serem 100% satisfatórios, já se vai notando alguma melhoria no que diz respeito à luta por esta temática.

Quando questionados sobre se consideram que em Portugal existe igualdade de direitos, 11 alunos responderam afirmativamente (57,9%) e 8 alunos responderam negativamente (42,1%) (ver tabela 16).

Existe igualdade de direitos em Portugal	<i>f</i>	%
Sim	11	57,9
Não	8	42,1
Total	19	100

Tabela 16 – Respostas dos participantes sobre se existe igualdade de direitos em Portugal.

Por sua vez, à pergunta: “Na tua opinião é importante existir igualdade?”, todos os alunos (100%) responderam *Sim* (ver tabela 17).

É importante existir igualdade	<i>f</i>	%
Sim	19	100
Não	0	0
Total	19	100

Tabela 17 – Opinião dos participantes sobre se é importante existir igualdade.

Quando questionados sobre se consideram que as mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens, 18 alunos responderam que *Sim* (94,7%) e apenas 1, respondeu que *Não* (5,3%) (ver tabela 18).

As mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens	<i>f</i>	%
Sim	18	94,7
Não	1	5,3
Total	19	100

Tabela 18– Opinião dos participantes sobre se as mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens.

Seguidamente, foi pedido aos participantes que assinalassem com uma cruz caso conhecessem ou já tivessem ouvido falar de algumas das mulheres feministas apresentadas no Questionário Inicial feito aos alunos. Analisando a tabela 19, é notório que poucos alunos conheciam alguma das mulheres feministas uma vez que, a maioria dos alunos (10 alunos) nunca ouviu falar de nenhum dos nomes da tabela.

Mulheres feministas	<i>f</i>
Ana Castro Osório	1
Carolina Beatriz Ângelo	1
Simone Beauvoir	3
Maria Valleda	2
Elina Guimarães	1
Maria Lamas	1
Não ouviu falar de nenhum nome	10

Tabela 19 – Respostas dos participantes sobre se conhecem alguma mulher feminista.

À questão: “Consideras-te feminista?”, 6 alunos responderam de forma afirmativa (31,6%), 7 alunos responderam de forma negativa (36,8%) e 6 alunos não responderam a esta pergunta (31,6%) (ver tabela 20).

Consideras-te feminista	<i>f</i>	%
Sim	6	31,6
Não	7	36,8
Não respondeu	6	31,6
Total	19	100

Tabela 20 – Respostas dos participantes sobre se se consideram feministas.

Na última questão colocada aos alunos no Questionário Inicial, estes tinham de dizer o que é para si o Feminismo (ver a tabela 21). Para a análise procedeu-se à categorização das respostas dadas pelos alunos. Por não saberem, 14 alunos não responderam à pergunta colocada (73,7%). Dos que responderam, 3 alunos disseram que ser feminista era “Ser do sexo feminino” (15,8%) e 2 alunos disseram que para eles ser feminista era “Defender os direitos das mulheres” (10,5%). Posto isto, é notório que este conceito ainda é desconhecido dos alunos.

Para mim Feminismo é...	<i>f</i>	%
“Ser do sexo feminino”	3	15,8
“Defender os direitos das mulheres”	2	10,5
Não sabe	14	73,7
Total	19	100

Tabela 21 – Respostas dos participantes sobre o que é para eles o Feminismo.

4.2. Análise da sequência didática implementada

No duplo papel que é ser professora e investigadora, as técnicas de recolha de dados prenderam-se com a observação direta e com um inquérito por questionário. Uma vez mantido o contacto direto com os alunos, ao implementar as diferentes tarefas, constituiu-se um meio de observação imprescindível de recolha de dados acerca de vários aspetos, registados através de notas de campo, que resultaram à posteriori na construção de um diário de bordo. Assim, a descrição apresentada de seguida, resume os registos efetuados no final das sessões em que decorreu o estudo.

4.2.1. Primeira sessão

A primeira sessão, teve a duração de 90 min. Esta, tal como previsto, iniciou com a projeção de uma apresentação em *PowerPoint* (ver anexo 9 – *PowerPoint* aula 1 estudo) permitindo conhecer o papel da mulher ao longo da história numa viagem de descoberta pelas diferentes épocas históricas. Pretendeu-se ainda, dar a conhecer aos alunos algumas mulheres e movimentos que tiveram como fundamental preocupação, a luta pelo feminismo no mundo e, particularmente, em Portugal. A dinâmica realizada para a exploração do material prendeu-se acima de tudo, com o diálogo aberto com a turma, propiciando a mobilização de conhecimentos e a apresentação de ideias, pontos de vista e opiniões dos jovens acerca do assunto. Nesse sentido, apresenta-se abaixo (ver tabela 22), algumas questões colocadas pela professora, bem como algumas das respostas dos participantes em cada *slide* analisado. É de salientar que foi notório o interesse depositado pelos alunos nesta atividade pois é um tema da qual os alunos nunca tinham falado ou pensado e isso trouxe a sua curiosidade ao de cima.

Slide	Professora	Alunos
1	- Apresentação do tema - O que observam na imagem?	- Essa imagem tem dois homens, porque têm o cabelo curto.
2	- A que é que as mulheres se dedicavam, fundamentalmente?	- Pintavam; - Faziam a fogueira enquanto os homens iam à caça; - A mulher vivia como o homem;


		- Cuidava dos filhos e da casa.
3	- O que retrata a imagem? - Que tarefas desempenham as mulheres? - Num período baseado na sobrevivência o que acham que sustentava por maior período de tempo? Frutos e vegetais ou animais caçados?	- Tem um cesto na cabeça com alimentos; - Está a fazer um cesto e à sua volta tem galinhas; - Lava a roupa e tem cães à volta dela; - A mulher apanha fruta e cuida das crianças; - Os vegetais conservam-se mais tempo.
4	- Cometem a afirmação.	- Os homens eram mais fortes, por isso é que caçavam; - É, de facto, mais atrativo ver um homem a caçar um leão do que ver a mulher a apanhar frutas.
5	- Que papel desempenha a mulher na Civilização Egípcia?	- Mulheres a tocar instrumentos num banquete; - Mulheres a cuidarem da beleza.
6	- Que papel desempenha a mulher na Civilização Grega?	- Trabalham no tear; - Parece que as mães e os filhos estão numa “creche”; - Trabalham no campo.
7	- Que papel desempenha a mulher na Civilização Romana?	- Cuidam dos filhos; - Esta civilização é mais parecida com a da Pré-História, porque as mulheres também iam buscar água; - Cuidam da beleza.
8	- Que papel desempenha a mulher na Idade Média?	- Trabalham no campo; - Um filósofo, disse que a mulher era um ser irracional; - Era um milagre uma mulher saber ler e escrever nesta altura; - A mulher devia obedecer ao marido.
9	- Qual a diferença entre o vestuário das mulheres oriundas das famílias ricas e o das oriundas de famílias pobres?	- O vestuário das mulheres pobres parece do campo; - As ricas parecem rainhas ou princesas;

	- Qual pensam que era o papel da mulher na Idade Moderna?	- Se não mudar, e for como até agora, as mulheres continuam a trabalhar no campo.
10	- Que diferenças podem apontar entre as figuras? - Que diferenças observam entre a Idade Contemporânea comparando com as épocas históricas anteriores? - Podemos observar uma evolução? Em que medida?	- Da ditadura para o seu final, as mulheres reduziram o tamanho das saias; - As mulheres vão para a faculdade; - Na ditadura as mulheres tinham de obedecer aos maridos, cuidavam do lar e dos filhos enquanto o homem ia ganhar o sustento da família; - Foi muito injusta vida da mulher, mas felizmente, as coisas já não são assim.
11	- <i>Slide</i> de síntese	
12	- <i>Slide</i> de transição	
13	- <i>Slide</i> informativo	
14	- O que pensam da atitude de terem ateadado fogo à fábrica só porque as mulheres estavam a fazer uma greve reivindicando melhores condições de trabalho?	- Coitadas, elas só lutaram pelos seus direitos.
15	- O que pensam que significa a palavra “sufragista”?	- São mulheres que sofrem.
16	- Visualização de um vídeo - Comentem o vídeo.	- As mulheres têm as mesmas capacidades que os homens; - As mulheres podem fazer escolhas erradas que os homens não faziam; - Votar é bom para a sociedade; - Todos devemos ter os mesmos direitos e estar unidos.
17	- <i>Slide</i> informativo	
18	- <i>Slide</i> informativo	
19	- O que pensam da atitude dos homens que organizaram a Maratona de <i>Boston</i> para com a mulher que se inscreveu? E se fossem vocês o que tinham feito?	- Está muito errado ela só queria participar na corrida; - Se eu fosse uma mulher da altura levava uma pistola para me defender;


		<ul style="list-style-type: none"> - Eu não fazia nada porque tinha medo; - Esta senhora queria mostrar que as mulheres são capazes; - Ela terminou a corrida e além disso ainda acabou à frende de muitos homens.
20	- Comentem a afirmação.	- As mulheres têm de lutar para se fazerem ouvir.
21	- Qual a vossa opinião sobre o que aconteceu à Malala por ter lutado pelo direito à educação no seu país?	<ul style="list-style-type: none"> - No país dela a mulher não pode estudar; - Não é motivo para se levar um tiro; - Sinto-me triste porque tenho pena dessas crianças.
22	- <i>Slide</i> de transição	
23 até 29	- Trabalho de grupo	- Ver figuras 13, 14, 15, 16, 17 e 18.
30	<i>Slide</i> informativo	
31	Webgrafia	
32	<i>Slide</i> final	

Tabela 22 – Diálogo estruturado com os alunos sobre a análise do PowerPoint.

Após a exploração do *PowerPoint*, a turma foi dividida em grupos para a realização de um trabalho em conjunto. A cada grupo, foi dado um envelope com uma fotografia, um modelo de um bilhete de identidade personalizado e uma folha com informações sobre uma mulher feminista portuguesa. Todos os grupos foram capazes de retirar a informação essencial e preencher devidamente os bilhetes de identidade de cada uma das cinco feministas apresentadas. Quando terminaram a tarefa, apresentaram os seus trabalhos à professora e à turma (ver figuras 14 a 16, os restantes trabalhos seguem em anexo – ver anexo 16 – BI feitos pelos alunos na aula 1 do estudo) No final, todos os trabalhos foram afixados na escola para sensibilização da comunidade escolar.



Bilhete de Identidade



Nome: Maria Valeda

Data de nascimento: 26 / 07 / 1871

Data da sua morte: 08 / 04 / 1955


Nacionalidade: portuguesa

Ficou conhecida por: professora, jornalista feminista, republicana, lírica, pensadora e espiritualista portuguesa. Foi pioneira na luta pela educação das crianças e dos direitos das mulheres e na propagação das ideias republicanas, sendo uma das mais importantes dirigentes do primeiro movimento feminista português.


Num tempo em que a literatura infantil quase não existia em Portugal* Consciente da situação de desigualdade em que as mulheres viviam, numa sociedade conservadora e pouco aberta à mudança, iniciou, com pioneirismo, ainda da década XX, um dos maiores combates da sua vida: a defesa e a igualdade de direitos jurídicos, sociais e políticos entre os sexos.

*Publicou, em 1902, uma coleção de contos para crianças, intitulada «Cor-de-Rosa» e o opúsculo «Emanipação Feminina».

Figura 14 – BI feito pelos alunos sobre Maria Valeda.



Bilhete de Identidade



Nome: Elina Júlia Chaves Pereira Guimarães

Data de nascimento: 08 / 08 / 1904

Data da sua morte: 26 / 06 / 1991

Nacionalidade: Portuguesa

Ficou conhecida por: Elina Guimarães foi uma escritora, jurista, ativista feminista e vice-presidente da direção do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Ela colaborou em inúmeros jornais e revistas que é impossível enumerar. A sua vida foi uma permanente intervenção a favor da liberdade de expressão, na educação das mulheres para os seus reais direitos como cidadãs. Esteve ligada a muitos movimentos e instituições feministas e de direitos das mulheres.

Foi condecorada em 1985 com a Ordem da Liberdade.

Figura 15 – BI feito pelos alunos sobre Elina Guimarães.



Figura 16 – BI feito pelos alunos sobre Ana Castro Osório.

4.2.2. Segunda sessão

Por sua vez, a segunda sessão teve a duração de 45 minutos e iniciou-se com um breve diálogo com a turma no sentido de se aferir o que os alunos sabem sobre o conceito de género. Posteriormente, a professora leu em voz alta uma história que destacava algumas personagens a desempenhar determinadas tarefas, mas nunca referindo se era homem ou mulher (ver anexo 11 – história aula 2 do estudo). De seguida, os alunos foram divididos em grupos e foi-lhes entregue uma folha para a realização da atividade. Os participantes tinham de atribuir um sexo às personagens a desempenhar as tarefas descritas na história (ver figura 17 e anexo 17 – trabalhos dos alunos aula 2 do estudo).

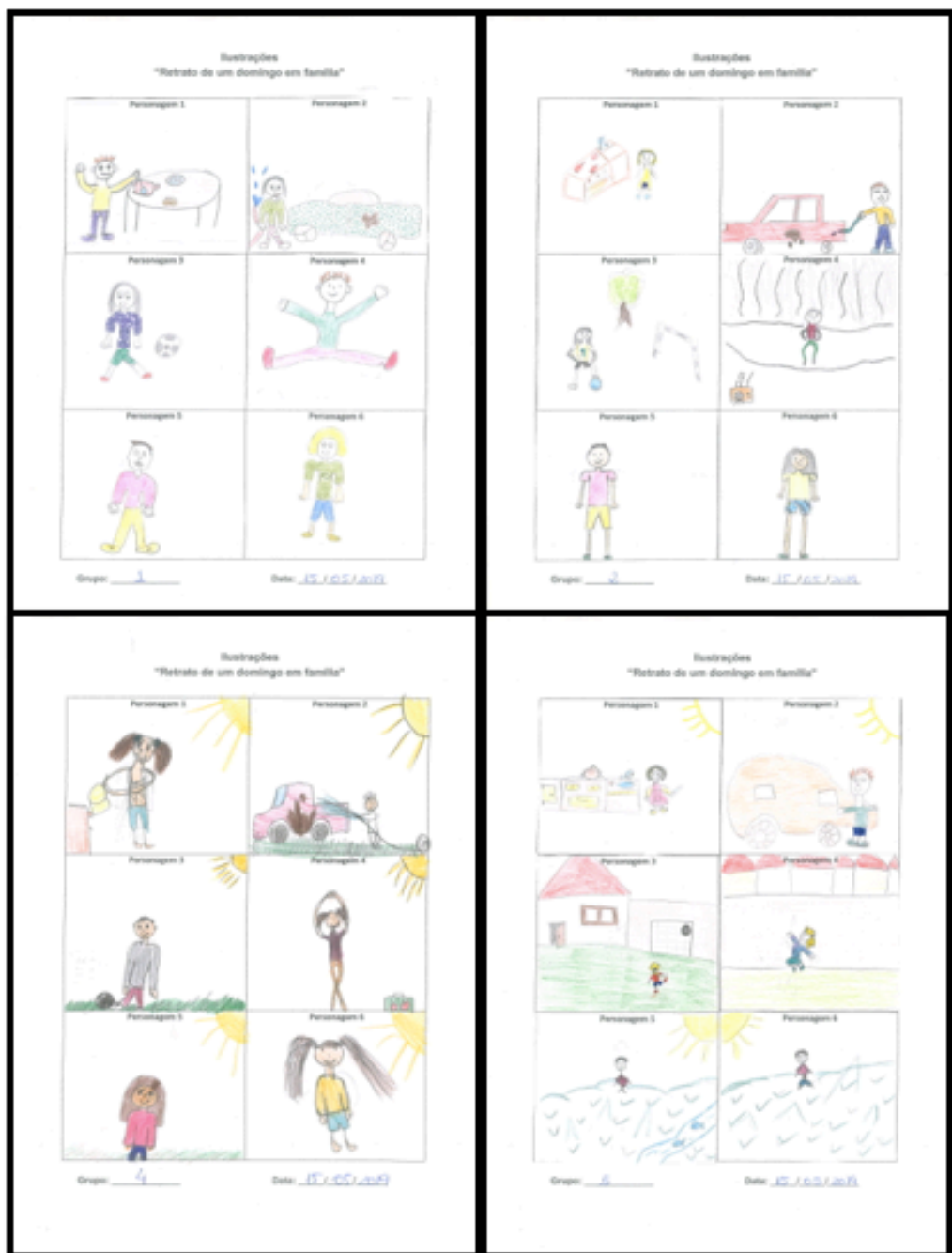


Figura 17 – Desenhos feitos pelos alunos sobre a história lida.

No final os trabalhos foram apresentados à turma e foi feita uma reflexão dos mesmos (ver tabela 23).

Questões orientadoras feitas pela professora	Respostas dos alunos
<p>- Porque é que desenharam a mãe na cozinha e o pai a lavar o carro? Não podia ser ao contrário?</p>	<p>- Porque é o habitual; - Porque eu sempre vi assim; - Em minha casa ambos os meus pais cozinham, mas o carro é sempre o meu pai que lava.</p>
<p>- Uma menina não pode jogar futebol? E os rapazes não podem dançar ballet?</p>	<p>- Podem, mas ainda há preconceitos. - Os rapazes têm mais vergonha de dizerem que gostam de dançar do que as raparigas de assumirem que jogam futebol.</p>
<p>- O cor-de-rosa é cor de menina e o azul é cor de menino?</p>	<p>- Hoje em dia já há muitos rapazes a vestirem cor-de-rosa. - As meninas vestem azul e ninguém comenta, mas um rapaz de cor-de-rosa já são capazes de comentar; - Eu tenho uma camisola cor-de-rosa (resposta de um aluno do sexo masculino).</p>
<p>- As raparigas não podem ter o cabelo curto? E os rapazes não podem ter o cabelo comprido?</p>	<p>- Sim, vê-se muitos rapazes de cabelo comprido e muitas raparigas de cabelo curto e não tem mal nenhum; - Cada pessoa usa o cabelo como gosta, mas o habitual é mulher de cabelo comprido e homem de cabelo curto.</p>
<p>- Que conclusões podemos retirar desta atividade?</p>	<p>- Podemos concluir que ainda há muito a fazer, pois a sociedade ainda tem preconceito de muitas situações relativas ao género. - Cada um é como gosta de ser e não tem de ser gozado por isso, devemos apoiar e respeitar toda a gente.</p>
<p>- Será que a sociedade está condicionada pelos padrões socialmente estabelecidos?</p>	<p>- Sim, há muitas coisas que fazemos porque estamos habituados a ser assim, mas se alguém quiser fazer diferente não tem, necessariamente, de estar mal, devemos aceitar e até aprender com isso.</p>

	- Já foi pior, mas devemos continuar a lutar para alcançar a igualdade.
- O que podemos fazer para contrariar este padrão?	- Divulgar através de cartazes; - Falar com os nossos amigos sobre o assunto. - Falar nesta temática desde a primária.
- Dada esta atividade, em que medida podemos relacionar com a lutas feministas já conhecidas?	- As lutas feministas não devem ficar por aqui, agora somos nós a lutar.

Tabela 23 – Interação entre a professora e os alunos na reflexão da atividade.

4.2.3. Terceira sessão

No que concerne à terceira sessão, esta teve a duração de 90 minutos, sendo que, estes se dividiram para a realização de duas atividades distintas.

A primeira atividade, consistiu na divisão da turma em grupos e, seguidamente, foi-lhes dado uma ficha onde os alunos tiveram de associar profissões ao sexo. Depois de realizada a tarefa, os grupos partilharam os seus resultados e estes foram escritos no quadro conjuntamente, resultando na tabela que se segue (ver tabela 24).

Profissões desempenhadas por mulheres	Profissões desempenhadas por homens	Profissões desempenhadas por ambos	
	Mecânico	Médico/a	Juiz/a
Empregada doméstica	Carpinteiro	Enfermeiro/a	Fotografo/a
Massagista	Construtor civil	Advogado/a	Ator/Atriz
Esteticista	Pedreiro	Dentista	Jornalista
Florista	Motorista	Escritor/a	Polícia
Costureira	Pescador	Pintor/a	Modelo
Funcionárias da escola	Taxista	Professor/a	Lojista
Estilista	Picheleiros	Engenheiro/a	Cantor/a
	Pintores	Cabeleireiro/a	Designer
	Camionistas	Bombeiro/a	Taxista
	Eletricista	Cozinheiro/a	Futebolista

Tabela 24 – Associações feitas pelos alunos de profissões ao sexo.

Feito isto, foi realizada a reflexão da atividade com vista a transmitir aos alunos que todas as profissões podem ser desempenhadas por ambos os sexos. Na tabela 25, pode observar-se algumas das questões feitas pela professora e algumas das respostas que os alunos deram relativamente à atividade: “O trabalho de cada um”.

Questões orientadoras feitas pela professora	Respostas dos alunos
- Porque é que algumas profissões são normalmente mais desempenhadas por homens ou por mulheres? Que diferenças existem?	- Os trabalhos mais delicados são feitos por mulheres e os trabalhos que exigem mais força são feitos por homens; - Antigamente já era assim e ainda continua a ser.
- Alguém da turma gostaria de ocupar profissões diferentes daquelas que são normalmente ocupadas por pessoas do outro género?	- Eu não me importo; - Todas as profissões podem ser realizadas por qualquer sexo.
- Existem homens ou mulheres conhecidas que tenham profissões diferentes das “normais”? Quem por exemplo? - Essas pessoas podem desempenhar essas funções normalmente, ou não? Porquê?	- Sim, a Elisabete Jacinto; (Motorista de pesados que participa em competições) - Sim, o Diogo de Oliveira; (Bailarino de Ballet a nível profissional) - Podem desempenhar essas profissões, mas correm o risco de ser gozadas.
- Será possível mudar este estereótipo de “profissões de homens e profissões de mulheres”? De Que forma?	- É importante que as pessoas saibam que somos todos iguais e que não deve haver discriminação no trabalho; - Sim, não olhando de forma diferente só porque trabalham num sítio onde normalmente trabalha alguém do género contrário.

Tabela 25 – Interação entre a professora e os alunos na reflexão da atividade.

Já a segunda atividade, prendeu-se com a realização de cartazes que sensibilizassem para a temática da Igualdade. Para a sua concretização, inicialmente foi feita a identificação dos vários problemas relativos a desigualdades de género na sociedade (ver tabela 26).

Problemáticas

- Desigualdade de condições no emprego;
 - Desigualdade salarial;
 - Mulheres dificilmente chegam a lugares de chefia;
 - Divisão desigual das tarefas domésticas;
 - Desigualdade entre homens e mulheres (geral);
 - Violência doméstica contra as mulheres.
-

Tabela 26 – Problemáticas relativas à desigualdade.

Seguidamente, os alunos em grupos escolheram uma problemática e criaram mensagens sensibilizadoras e, por fim, elaboraram o seu cartaz com a mensagem e com ilustrações alusivas à temática (ver figuras 17 a 21). É de referir que os alunos se envolveram bastante na atividade e mostraram empenho e dedicação na realização da mesma.

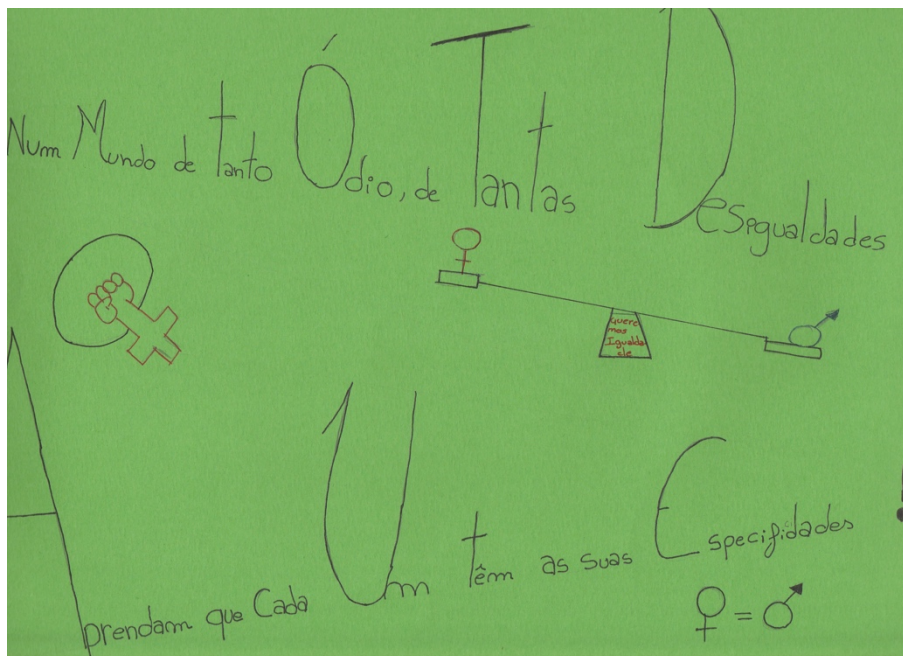


Figura 18 – Cartaz feito pelos alunos.

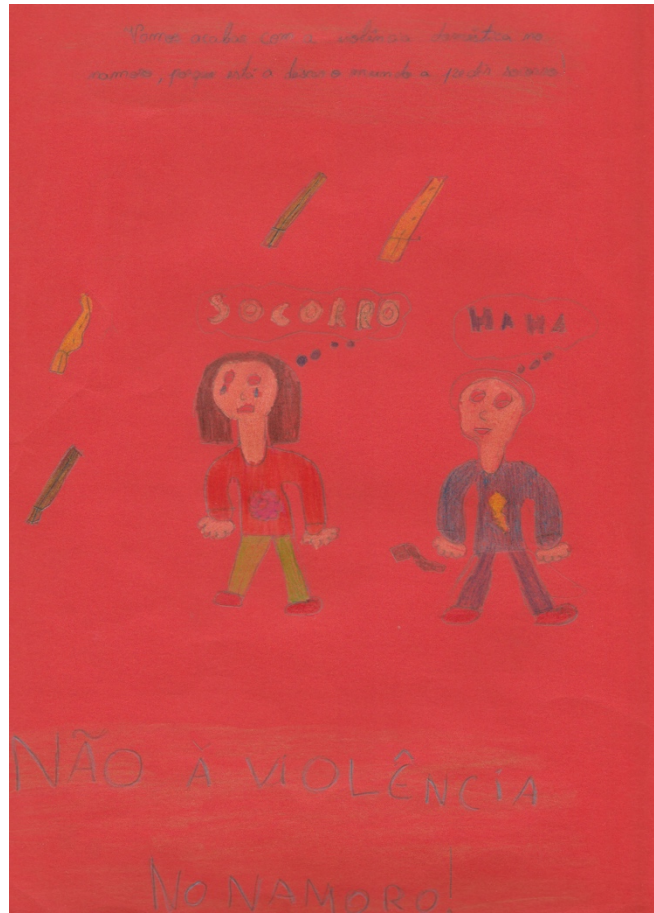


Figura 19 – Cartaz feito pelos alunos.

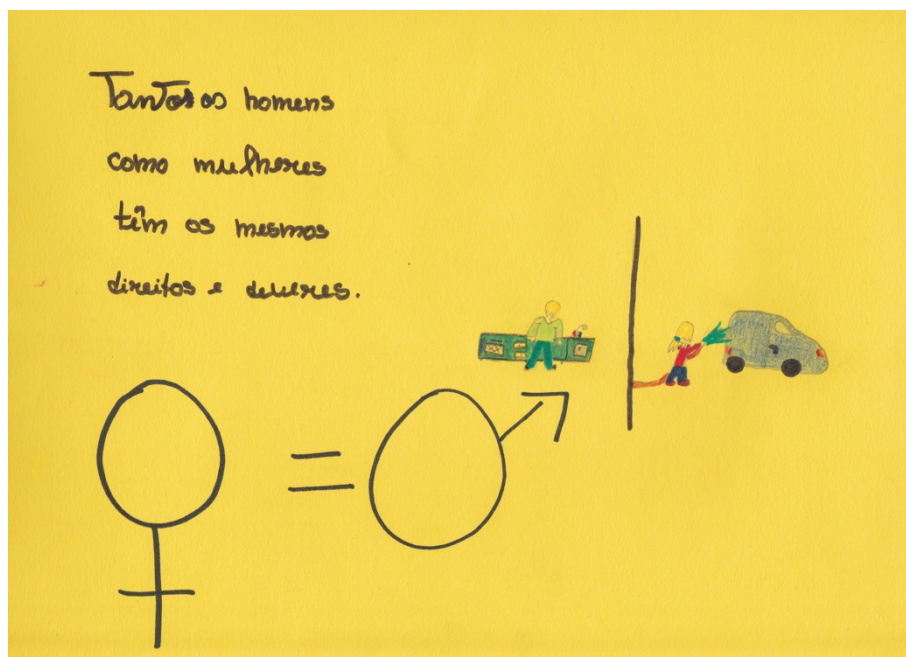


Figura 20 – Cartaz feito pelos alunos.



Figura 21 – Cartaz feito pelos alunos.

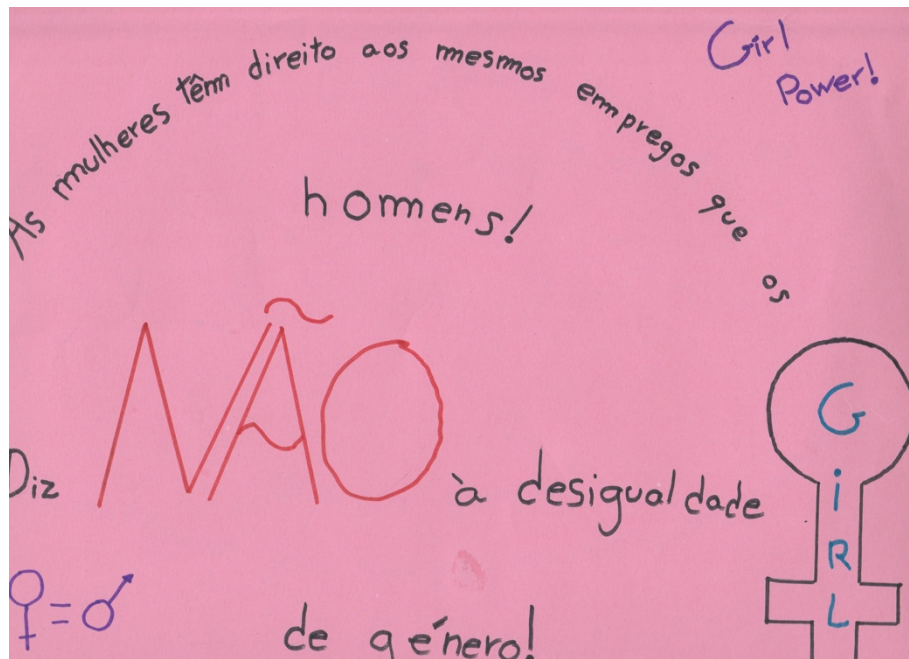


Figura 22 – Cartaz feito pelos alunos.

4.2.4. Quarta sessão

A quarta e última sessão, disse respeito à realização da análise dos *Cartoons* do concurso *Comic and Cartoon on Gender Equality* da ONU sobre Igualdade de Género em 2015. A proposta iniciou-se com a apresentação de um *PowerPoint* (ver anexo 14 – *PowerPoint* aula 4 do estudo) que contemplava as cinco imagens vencedoras do concurso. Os alunos observaram, analisaram e debateram sobre cada imagem de forma interventiva e motivada. Depois, foram abordados o conceito de *Feminismo* e as várias organizações portuguesas que visam a luta pelo feminismo e igualdade de direitos, nomeadamente igualdade de género no nosso país, mostrando não só a necessidade de continuar a trabalhar esta temática, com também evidenciar que esta deve ser uma luta de todos, mulheres, homens, jovens e idosos. Na tabela 27, é possível observar algumas questões feitas pela professora e algumas respostas dos alunos em cada *slide* da apresentação.

<i>Slide</i>	<i>Professora</i>	<i>Alunos</i>
1	Apresentação do tema	
2 e 3	<i>Slide</i> informativo	
4	<ul style="list-style-type: none">- O que simbolizam os símbolos?- O que viu a rapariga?- O que fez a rapariga?- O que aconteceu no fim?- O que podemos concluir e aprender com este <i>cartoon</i>?	<ul style="list-style-type: none">- São os símbolos do sexo feminino e masculino;- A rapariga viu que o balão do rapaz sobe mais alto que o da rapariga;- A rapariga encheu o balão dela;- Os dois balões ficaram ao mesmo nível;- Concluimos que ambos os géneros devem estar ao mesmo nível e nenhum é superior ao outro;- Concluimos que as mulheres são capazes de se igualar ao homem.
5	<ul style="list-style-type: none">- Este <i>cartoon</i> faz lembrar algum filme? Qual?- Que história conta esse filme?- O que está representado no <i>cartoon</i>?- Porque é que o lobo mau está amarrado, eles não são fortes?	<ul style="list-style-type: none">- Faz lembrar o filme da Capuchinho Vermelho;- A Capuchinho é capturada pelo lobo ao ir para a casa da sua avozinha;

	- O que podemos concluir e aprender com este cartoon?	- Os lobos são fortes, mas aqui está representado que as mulheres também conseguem fazer coisas difíceis.
6	- O que é que está a acontecer no <i>cartoon</i> ? - O que nos transmite a imagem? - O que pensam da atitude do homem?	- A mulher foi pedir emprego, mas como era mulher não ficou com o lugar, depois colocou uma máscara de homem e já ficou empregada; - Transmite que há desigualdade no trabalho; - Foi uma má atitude, pois as mulheres são tão capazes quanto os homens.
7	- O que observam no <i>cartoon</i> ? - O que é que a imagem nos quer transmitir? - O que representa o nivelamento dos dois símbolos?	- Uma mulher a conduzir um trator e a nivelar os dois símbolos que estão no chão, pois o do homem estava acima do da mulher; - Transmite que o homem é superior à mulher; - Representa que não há nenhum género superior, ambos estão ao mesmo nível.
8	- Porque é que o homem vai de escadas rolantes e a mulher vai pelas escadas a pé? O que isso simboliza? - É justo haver uma escada para cada género? - Concordam com isto? Porquê?	- Porque cada escada tem o símbolo do género e as escadas a pé para a mulher representa as dificuldades que a mulher enfrenta no dia-a-dia; - Não é justo, porque as dificuldades devem ser partilhadas e não serem só para as mulheres; - Tem de haver igualdade e não distinguir o género.
9	<i>Slide de transição</i>	
10	- O que pensam afinal, ser o feminismo?	- É defender os direitos das mulheres.
11 e 12	<i>Slide informativo</i>	
13	Webgrafia	
14	<i>Slide final</i>	

Tabela 27 – Interação entre a professora e os alunos na apresentação de *PowerPoint*.

Posto isto e para terminar toda esta abordagem, a professora colocou a seguinte questão aos alunos: “Perante todas estas atividades que temos vindo a realizar o que podemos concluir?”. As respostas dos alunos encontram-se na tabela que se segue, a tabela 28.

Respostas dos alunos
- Devemos lutar pela igualdade de género;
- Ainda existe desigualdade de género, e podemos ser nós a contribuir também para que o mundo seja diferente;
- Apesar de no passado as mulheres serem inferiores, nunca deixaram de lutar pelos seus direitos e pela igualdade e cabe-nos a nós agora continuar essa luta para que haja igualdade em todo o mundo;
- Os homens não se podem achar superiores às mulheres;
- As mulheres são tão capazes de tudo quando os homens;
- Devemos divulgar esta temática aos nossos amigos para passar a palavra, pois todos devemos lutar pela igualdade, sejamos homens ou mulheres.

Tabela 28 – Respostas dos alunos em jeito de conclusão da abordagem.

Assim, concluímos dizendo que a abordagem desta temática chegou de alguma forma aos alunos, uma vez que, perante as respostas dadas observamos que os jovens ficaram sensibilizados e cientes de que a luta pela justiça e pela igualdade continua e que podem ser eles também voz ativa nessa conquista.

4.3. Análise do Questionário Final

O questionário que será analisado de seguida, corresponde ao questionário preenchido pelos alunos no final do estudo, cujo objetivo principal consistiu em aferir se houve alguma evolução nas conceções dos alunos relativamente à temática abordada. Assim, através deste, foi possível realizar uma comparação entre os resultados obtidos nos questionários iniciais e os resultados destes questionários, no sentido de tentar compreender também de que forma é que as intervenções realizadas criaram impacto no grupo de alunos com que foi realizado este estudo.

Este inquérito por questionário está realizado em três dimensões distintas: a primeira destinada à caracterização dos participantes, a segunda é composta por algumas questões iguais às do questionário anteriormente feito, para que nos possibilitasse a comparação entre o primeiro e o segundo inquérito e para percebermos se os alunos compreenderam, efetivamente, a temática. A terceira dimensão diz respeito à recolha de opiniões dos participantes relativamente às atividades realizadas em sala de aula em torno da temática em estudo.

Analisando a segunda dimensão do Questionário Final, verificou-se que à questão “Conheces o termo género?”, a grande maioria dos participantes respondeu afirmativamente (94,7%) e apenas um disse não conhecer o termo (ver tabela 29) o que já mostra evolução comparativamente às respostas do Questionário Inicial onde 26,3% referiu desconhecer.

Conhecem o termo “género”	<i>f</i>	%
Sim	18	94,7
Não	1	5,3
Total	19	100

Tabela 29 – Respostas dos participantes sobre se conhecem o termo “género”.

Os participantes que responderam conhecer o termo género, através de uma resposta aberta indicaram o significado para si desse conceito. As respostas dos alunos encontram-se na tabela 30 e podemos observar que ainda que tenham assinalado conhecer o conceito de “Género”, 2 alunos não o souberam explicar (11,1%), e dos que souberam (88,9%) dizem que “O género feminino são as raparigas e o masculino são os rapazes”.

O que entendes por Género?	f	%
Não sabe	2	11,1
“O género feminino são as raparigas e o masculino são os rapazes.”	16	88,9
Total	18	100

Tabela 30 – O que os participantes entendem por “género” (n = 18).

A questão que analisamos de seguida prendia-se com uma tabela com afirmações, a mesma já realizada no Questionário Inicial, onde os participantes tinham de concordar ou discordar com essas mesmas afirmações. Podemos afirmar que houve uma significativa mudança de conceções dos participantes. É interessante perceber que todos os alunos (100%) concordam que homens e mulheres têm as mesmas capacidades, assim como observar que a grande maioria dos alunos já não divide as tarefas ou as atividades como jogar futebol ou costurar pelos sexos, afirmando que ambos podem desempenhar qualquer função ou atividade (o que não aconteceu nas respostas do questionário feito inicialmente) (ver tabela 31).

Afirmações	Meninas		Meninos		Total
	Concordo	Discordo	Concordo	Discordo	
Existem profissões destinadas a homens e profissões destinadas a mulheres.	2	8	3	6	19
Homens e mulheres têm as mesmas capacidades.	10	0	9	0	19
O homem sustenta a família com o seu trabalho fora de casa.	2	8	1	8	19
A mulher deve exclusivamente cuidar da família e do lar.	0	10	1	8	19
Jogar futebol não é para raparigas.	0	10	1	8	19

Costurar não é para rapazes.	0	10	2	7	19
A mulher é mais frágil, necessita de mais proteção.	2	8	3	6	19

Tabela 31 – Respostas dos participantes relativas às afirmações.

No que respeita à questão sobre se os alunos consideram que em Portugal existe igualdade de direitos para ambos os sexos, os resultados foram iguais aos obtidos no Questionário Inicial onde 11 alunos responderam afirmativamente (57,9%) e 8 alunos negativamente (42,1%) (ver tabela 32).

Existe igualdade de direitos em Portugal	f	%
Sim	11	57,9
Não	8	42,1
Total	19	100

Tabela 32 – Respostas dos participantes sobre se existe igualdade de direitos em Portugal.

Por sua vez, quando questionados sobre se é importante existir igualdade de oportunidades e de direitos, todos os alunos (100%), responderam que “sim” (ver tabela 33).

É importante existir igualdade	f	%
Sim	19	100
Não	0	0
Total	19	100

Tabela 33 – Opinião dos participantes sobre se deve existir igualdade.

Quando questionados sobre se consideram que as mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens, todos os alunos responderam afirmativamente (100%) o que evidencia, uma melhoria em relação ao questionário feito inicialmente (ver tabela 34).

As mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens	<i>f</i>	%
Sim	19	100
Não	0	0
Total	19	100

Tabela 34 – Opinião dos participantes sobre se as mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens.

Na questão seguinte, onde à semelhança do feito já anteriormente, os alunos tinham de assinalar uma cruz caso conhecessem ou já tivessem ouvido falar de alguma das mulheres feministas apresentadas. Perante os resultados, pode afirmar-se que houve uma evidente evolução comparativamente às respostas dadas no Questionário Inicial, como se observa na tabela 35. Desta vez, todos os alunos dizem conhecer algumas das mulheres feministas mencionadas no inquérito e apresentadas em aula. Assim, 12 alunos conhecem a feminista Ana Castro Osório, a totalidade dos alunos diz conhecer Carolina Beatriz Ângelo, 8 alunos conhecem a Simone Beauvoir, 10 têm conhecimento da Maria Valeda, 8 da Elina Guimarães e por último, 13 alunos dizem conhecer a feminista portuguesa Maria Lamas.

Mulheres feministas	<i>f</i>
Ana Castro Osório	12
Carolina Beatriz Ângelo	19
Simone Beauvoir	5
Maria Valeda	10
Elina Guimarães	8
Maria Lamas	13
Não ouviu falar de nenhum nome	0

Tabela 35 – Respostas dos participantes sobre se conhecem alguma mulher feminista.

Voltou-se a questionar os alunos sobre se se consideravam feministas. A esta pergunta, 18 alunos dizem considerar-se feministas (94,1%) e apenas 1 responde de forma contrária (5,3%). Estes dados revelam uma grande mudança em relação às primeiras respostas dos alunos onde a maioria ou não respondeu por não saber do que se tratava ou afirmou não se considerar feminista (ver tabela 36).

Consideras-te feminista	<i>f</i>	%
Sim	18	94,7
Não	1	5,3
Total	19	100

Tabela 36 – Respostas dos participantes sobre se se consideram feministas.

Por último, foi pedido aos alunos que através de uma resposta aberta dissessem o que era para si o Feminismo. As respostas dos alunos foram categorizadas e estão apresentadas na tabela que se segue (tabela 37). Por referir não saber, 1 aluno não respondeu à pergunta colocada (5,3%). Dos que responderam, 13 alunos disseram, que ser feminista era “Defender a igualdade de oportunidades” (68,4%) e 5 alunos disseram que entendiam o conceito como “Defender os direitos das mulheres” (26,3%).

Para mim Feminismo é...	<i>f</i>	%
“Defender a igualdade de oportunidades”	13	68,4
“Defender os direitos das mulheres”	5	26,3
Não sabe	1	5,3
Total	19	100

Tabela 37– Respostas dos participantes sobre o que é para eles o Feminismo.

No que concerne à terceira dimensão deste Questionário, que visava apurar a opinião dos alunos relativamente às atividades desenvolvidas em aula, nas tabelas que se seguem

(tabelas 38 e 39) espelham-se os resultados obtidos. Como se pode observar na primeira tabela, os resultados são satisfatórios, visto que as avaliações variam maioritariamente entre “Gostei” e “Gostei muito”.

Atividades	Gostei muito	Gostei	Gostei pouco	Não gostei	Total
“BI Feminista”	6	12	1	0	19
“Retrato de um domingo em família”	14	4	1	0	19
“O trabalho de cada um”	6	11	1	1	19
“Cartazes pela igualdade”	10	6	3	0	19
“Feminismo, o que é isso afinal?”	10	9	0	0	19

Tabela 38 – Classificações atribuídas pelos participantes em relação às atividades.

Por sua vez, na tabela 39, é possível aferir qual foi a atividade que os alunos mais gostaram e a que menos gostaram de realizar. Nesse sentido, a dinâmica preferida dos alunos foi “Cartazes pela Igualdade” (42,1%) e a que menos gostaram foi “O trabalho de cada um” (36,8%).

Atividades	A que mais gostaram	%	A que menos gostaram	%
“BI Feminista”	2	10,5	2	10,5
“Retrato de um domingo em família”	6	31,6	4	21,1
“O trabalho de cada um”	1	5,3	7	36,8
“Cartazes pela igualdade”	8	42,1	4	21,1
“Feminismo, o que é isso afinal?”	2	10,5	2	10,5
Total	19	100	19	100

Tabela 39 – Atividade que os participantes mais gostaram e menos gostaram.

Quando questionados sobre se consideram importante refletir sobre a igualdade de direitos e oportunidades, 18 alunos afirmam ser realmente importante (94,7%) e apenas um, considera o contrário (5,3%) (ver tabela 40).

Refletir sobre igualdade de direitos	<i>f</i>	%
Importante	18	94,7
Pouco importante	1	5,3
Total	19	100

Tabela 40 – Opinião dos participantes sobre a importância de refletir sobre a igualdade de direitos.

À questão anterior, os alunos tinham de apresentar uma justificação para a sua escolha e as respostas encontram-se categorizadas nas tabelas 41 e 42, sendo que, a primeira apresenta as justificações dos alunos que consideraram importante refletir sobre a igualdade de direitos, e a segunda corresponde à justificação do único aluno que considerou o contrário. Para os que acharam importante, 3 alunos (15,8%) justificaram essa importância como sendo “... um assunto pouco falado e é fundamental abordar”, 12 alunos (63,2%), portanto, a maioria, disseram que é “Porque os homens e as mulheres devem ter os mesmo direitos em todo o mundo” e por fim, os restantes 3 alunos (15,8%) mencionam que é “Porque no mundo atual, já tão avançado, não deveria existir desigualdade”.

É importante refletir sobre a igualdade de direitos porque...	<i>f</i>	%
“Porque é um assunto pouco falado e é fundamental abordar”	3	15,8
“Porque os homens e as mulheres devem ter os mesmo direitos em todos o mundo”	12	63,2
“Porque no mundo atual, já tão avançado, não deveria existir desigualdade”	3	15,8
Total	18	100

Tabela 41 – Justificação dos participantes para a importância de se refletir sobre a igualdade de direitos (n = 18).

Por sua vez, a justificação que o aluno que achou pouco importante refletir sobre esta temática foi “Porque já existe Igualdade”.

É pouco importante refletir sobre a igualdade de direitos porque...	<i>f</i>	%
“Porque já existe Igualdade.”	1	100
Total	1	100

Tabela 42 – Justificação dos participantes para a pouca importância de se refletir sobre a igualdade de direitos.

A questão seguinte prendeu-se com a recolha de opiniões dos participantes, às atividades realizadas em sala de aula no sentido de aferir se contribuíram para eles perceberem que ainda existe desigualdade de direitos. A esta questão, 15 alunos disseram que as atividades contribuíram efetivamente para esclarecer o assunto (79%), 4 disseram que contribuíram em parte (21%) e nenhum aluno disse que as atividades em nada contribuíram para compreender estes factos (ver tabela 43).

As atividades levaram-te a perceber que existe desigualdade de direitos	<i>f</i>	%
Sim	15	79
Em parte	4	21
Não	0	0
Total	19	100

Tabela 43 – Respostas dos participantes sobre se as atividades os levaram a perceber que existe desigualdade de direitos.

Por sua vez, a alínea seguinte, pedia que os participantes dissessem através de uma resposta aberta, o que mais os marcou nesta abordagem e porquê. As respostas encontram-se categorizadas na tabela 44. A resposta mais frequente foi “Marcou-me o facto de ainda existir desigualdade de género no Mundo” (31,6%), mas houve outros momentos que marcaram os alunos como: “Marcou-me saber que a Malala levou um tiro

na cabeça por lutar pela educação para as mulheres no seu país” (10,5%); “Marcou-me perceber que ainda existe desigualdade no trabalho” (21,1%); “Marcou-me o facto de o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos ainda estar muito ao encargo da mulher” (5,3%); “Marcou-me saber que muitas mulheres por lutarem pelos seus direitos, foram presas.” (10,5%), e por fim, “Marcou-me saber que uma mulher foi atacada só porque participou numa corrida” (5,3%).

Aspeto marcante os alunos	f	%
“Marcou-se saber que a Malala levou um tiro na cabeça por lutar pela educação para as mulheres no seu país.”	2	10,5
“Marcou-me perceber que ainda existe desigualdade no trabalho.”	4	21,1
“Marcou-me o facto de ainda existir desigualdade de género no Mundo.”	7	31,6
“Marcou-me o facto de o trabalho doméstico e o cuidado dos filhos ainda estar muito ao encargo da mulher”	1	5,3
“Marcou-me saber que muitas mulheres por lutarem pelos seus direitos, foram presas.”	2	10,5
“Marcou-me saber que uma mulher foi atacada só porque participou numa corrida”	1	5,3
“Marcou-me saber de tudo pelo que muitas mulheres passaram para alcançarem os seus direitos.”	2	10,5
	Total	19 100

Tabela 44 – Aspectos marcantes para os participantes.

Seguidamente, foi questionado aos participantes se através das atividades realizadas foram capazes de sentir ou pensar como se fossem alguém que se sentiu inferiorizado ao longo da história pela sua condição. A esta questão, 17 alunos responderam afirmativamente (89,5%) e 2 alunos responderam negativamente (10,5%) (ver tabela 45).

Sentiste-te como alguém que foi inferiorizado pela sua condição?	f	%
Sim	17	89,5
Não	2	10,5
Total	19	100

Tabela 45 – Respostas dos participantes sobre se as atividades os fizeram sentir como alguém que se sentiu inferiorizado pela sua condição.

A última questão desta dimensão prendeu-se com a recolha de informação sobre se os participantes partilharam com os pais/encarregados de educação as atividades que estavam a ser desenvolvidas nas aulas de História e Geografia de Portugal. Neste sentido, 15 alunos referiram que partilharam (79%) e 4 alunos não o fez (21%) (ver tabela 46).

Partilhas-te com os teus pais/encarregados de educação?	f	%
Sim	15	79
Não	4	21
Total	19	100

Tabela 46 – Respostas dos participantes sobre se partilharam as atividades desenvolvidas com os pais/encarregados de educação.

Os alunos tinham também, caso tivessem partilhado, de dizer o que os pais comentaram sobre o assunto e os que não partilharam, deveriam apontar uma justificação para esse feito. Assim, os alunos que partilharam afirmaram que os pais ou disseram que “É importante fazer a abordagem deste tema na educação” (40%), ou que “Concordam com a abordagem da temática” (26,7%), ou que “É importante, pois é um tema pela qual todos devemos lutar” (13,3), ou que, por fim, “É um tema que devia ser falado desde tenra idade” (20%), como se pode observar na tabela 47.

Os pais/encarregados de educação disseram que...	<i>f</i>	%
“É importante fazer a abordagem deste tema na educação.”	6	40
“Concordam com a abordagem da temática.”	4	26,7
“É importante, pois é um tema pela qual todos devemos lutar.”	2	13,3
“É um tema que devia ser falado desde tenra idade”	3	20
Total	15	100

Tabela 47 – Opiniões dos pais/encarregados de educação sobre a abordagem da igualdade de direitos e de oportunidades nas aulas de HGP (n = 15).

Por outro lado (ver tabela 48), os alunos que não partilharam, referiram ou que se esqueceram (75%) ou que não costumam partilhar os assuntos falados nas aulas em casa (25%).

Não partilhei porque...	<i>f</i>	%
“Porque me esqueci.”	3	75
“Porque não costumo partilhar o que falo nas aulas em casa”	1	25
Total	4	100

Tabela 48 – Justificações dos participantes que não partilharam a abordagem da temática da igualdade com os pais/encarregados de educação (n = 4).

4.4. Em síntese

Os dados recolhidos através do Questionário Inicial, revelaram-se fulcrais para aferir as ideias e as conceções dos alunos para posteriormente podermos preparar uma série de atividades e dinâmicas pedagógicas, que fossem ao encontro daquilo que gostaríamos de ver modificado ou reforçar alguns aspetos que consideramos essenciais à boa abordagem da temática da Igualdade de Direitos. As atividades foram minuciosamente organizadas, cada uma com um objetivo diferente, de modo a abranger os vários ramos desta temática.

Pelos nossos registos atestamos que as atividades foram muito bem aceites pelos participantes, foi notório o seu interesse na realização das tarefas e, a par disso, foi conseguido o principal objetivo desta intervenção, que se prendia com a mudança de conceções, com o alargamento de conhecimento dos alunos e com o fomentar do olhar crítico dos mesmos, de maneira que eles próprios, percebessem através das evidências, que ainda há muito a fazer no mundo.

O que nos permitiu dizer com tanta certeza que o trabalho desenvolvido foi positivo, foi o facto de na análise dos Questionários Finais entregues aos alunos ter havido, efetivamente, uma mudança concetual satisfatória e uma boa apreciação das atividades desenvolvidas com a turma para que eles próprios fossem testemunhas da criação de um mundo diferente, onde a igualdade e a justiça imperassem plenamente.

Em suma, foi um trabalho complexo de realizar, mas os resultados da sua concretização foram motivo de grande satisfação para nós, assim como, marcou bastante o nosso percurso nesta experiência.

Capítulo V – Conclusões

No presente capítulo apresentaremos as conclusões do estudo, a partir das quais se dará resposta à questão de investigação que o motivou. Iremos indicar ainda as limitações do estudo bem como algumas considerações finais e sugestões para uma intervenção futura.

5.1. Conclusões do estudo

Depois de realizada a análise dos dados obtidos, cabe ao investigador fazer uma conclusão de todo o estudo. Assim, em primeiro lugar, concluímos que foi possível integrar as temáticas próprias da Educação para o Desenvolvimento na abordagem curricular da disciplina de História e Geografia de Portugal. Neste caso, foi possível articular com sucesso a temática da igualdade de direitos e de oportunidades com a abordagem do pós 25 de abril de 1974. De igual forma foi possível dar resposta à questão de investigação que orientou o estudo, sendo ela “Em que medida o conhecimento das conquistas do movimento feminista em Portugal pode potenciar uma Cidadania Global?” uma vez que aferimos que, inicialmente, as ideias dos alunos sobre a igualdade de direitos e até de género eram predominantemente erradas ou desconhecias como por exemplo as lutas feministas. Na parte final do estudo verificamos que os alunos passaram a mostrar-se mais convictos da luta feita para alcançar a igualdade de direitos e na atuação que todos, juntos, devemos ter para que essa igualdade se efetive. Deste modo, afirmamos que as dinâmicas apresentadas mostram que a abordagem sobre as lutas feministas são um potencial ponto de partida para a sensibilização para a desigualdade de direitos e consequentemente para a Cidadania Global.

Assim, no final da implementação da sequência didática definida verificamos que a maioria dos alunos se foram afastando das suas ideias iniciais, construindo novas conceções aproximadas à lente da Educação para a Cidadania Global.

O percurso investigativo e pedagógico, baseado numa proposta de atividades diversificada, permitiu-nos atingir os objetivos específicos sobre os quais assentou a nossa investigação e que, de seguida, enunciamos.

- **Reconhecer o papel da mulher ao longo do tempo; conhecer a luta dos movimentos feministas na luta pela igualdade social.**

Estes dois objetivos foram interligados pois foi através do conhecimento do papel da mulher ao longo das várias épocas históricas que sensibilizamos os alunos para as lutas realizadas pelas mulheres na perspetiva do alcance da igualdade social. Esta abordagem revelou-se desconhecida dos alunos uma vez que, não tinham conhecimento da vida de algumas mulheres que ao longo dos tempos lutaram pela igualdade, e menos ainda de algumas das lutas enfrentadas. Posto isto, preocupamo-nos em dar a conhecer e sensibilizar os alunos para tudo pelo que as mulheres passaram até alcançarem os seus direitos. Ainda assim, alguns alunos direcionaram as suas opiniões para o facto de ainda hoje, as mulheres não terem os mesmos direitos que os homens, porém, nem todos estavam cientes dessa situação e, como tal, no questionário inicial foram indicadas algumas respostas desviantes no que toca à igualdade de direitos entre sexos constatando-se o desconhecimento relativamente à desigualdade de direitos. Desta forma, tornou-se imprescindível demonstrar situações em que a prática dos direitos não é aplicada da mesma forma ao sexo feminino e ao sexo masculino, apesar da promoção da igualdade entre homens e mulheres estar decretada no Artigo 9º da Constituição da República Portuguesa, deixando os participantes a refletir sobre a sensatez desses acontecimentos. Assim, após a apresentação em *PowerPoint* foi realizada uma reflexão e uma atividade onde os alunos tiveram de descrever a marca deixada por algumas feministas portuguesas na sociedade, através da realização de um Bilhete de Identidade e, no final, foi já possível ver que os alunos ficaram angustiados e sensibilizados perante as situações que descobriram na realização do trabalho de grupo.

Evidenciados estes factos, os participantes compreenderam a importância das “lutas” feministas, objetivando a igualdade de oportunidades e de direitos entre sexos, sendo este o único caminho possível de percorrer para alcançarmos um mundo mais justo.

- **Identificar as concessões que os alunos têm sobre o gênero e se foram condicionados pelos padrões socialmente estabelecidos, refletindo sobre alguns estereótipos.**

Quando nos debruçamos na abordagem deste objetivo, ambicionávamos saber se as opiniões ou escolhas dos alunos em questões como as tarefas domésticas, por exemplo, estavam condicionadas por algum padrão que a sociedade foi estabelecendo ao longo dos tempos. O que se verificou com a atividade foi que à mulher cabiam maioritariamente tarefas como: limpar a casa, ir às compras, cuidar dos filhos, tratar da roupa, cozinhar ou tratar das despesas. Ao homem cabiam maioritariamente tarefas como: lavar o carro ou cuidar do jardim. Isso é o que vemos realmente acontecer na sociedade, mas não tem de ser assim, todas as tarefas devem ser repartidas e realizadas por ambos os sexos porque ambos tem capacidades para o fazer. Foi isso que tentamos transmitir aos jovens e os dados indicam haver já bastantes alunos que viviam numa realidade onde as tarefas eram repartidas e realizadas tanto pelo pai como pela mãe. Posto isto, a opinião dos alunos na reflexão da atividade foi de afirmarem que todos devem fazer seja qual tarefa for e as mesmas não devem ser rotuladas de “tarefa de mulher” ou de “tarefa de homem” na vida doméstica, e além disso nenhum dos dois deve ficar sobrecarregado, mas sim haver partilha de afazeres.

- **Inferir as conceções dos alunos sobre igualdade, equidade e justiça social.**

Dado desconhecimento inicial dos alunos por esta temática, foi necessário mostrar aos mesmos situações onde ainda existe desigualdade entre sexos para que eles se dessem conta de que isso é, ainda hoje, uma realidade e que devem também eles à luz das lutas feministas, fazer a sua própria luta. Assim sendo, iniciamos a sessão com a comparação das profissões “de homens ou de mulheres ou de ambos” e a verdade é que os alunos dividiram as profissões pelos sexos, rotulando-os. Ainda assim, os jovens perceberam que todas as profissões podem ser realizadas por ambos os sexos sem ter de haver qualquer tipo de discriminação. Feito isto e cientes desta luta pela mudança e alcance da igualdade, foram

realizados cartazes para colocar pela escola, sensibilizando a restante comunidade escolar para esta luta através de mensagens e ilustrações apelativas ao tema. Esta atividade foi uma das preferidas dos alunos pois sentiram que estavam a dar o seu contributo nesta luta de uma forma ativa e real.

- **Compreender o conceito de feminismo.**

Com a sessão onde se abordou este objetivo, pretendíamos culminar toda a nossa abordagem da temática da igualdade de direitos e oportunidades. Para isso, foi importante clarificar aos alunos o conceito de feminismo, desconstruindo-o e percebendo tudo que está dele dependente. Exploramos o significado do conceito, o seu objetivo e as associações feministas existentes em Portugal. Feito isto e em jeito de conclusão, consideramos importante ainda analisar as imagens vencedoras de um concurso feito pela ONU de ilustrações sobre desigualdade de direitos. Nesta atividade, foi notório que toda a nossa abordagem valeu a pena, no sentido de, ao analisar as imagens, os alunos já as verem criticamente, saberem perceber o que estava errado e que estas situações não devem continuar a acontecer. Perceberam que a justiça tem de imperar para que o mundo seja um lugar onde todos nós gostemos realmente de viver, pelo que a luta pela igualdade de direitos, muitas vezes encabeçadas por grupos de feministas tem alguma razão de existir e só se deixará de falar em luta pela igualdade de direitos quando ela existir realmente em todo o mundo.

E agora coloca-se a questão que deu título a este trabalho: “É preciso haver feministas?” Sim, é preciso. Perante os resultados obtidos, concluímos que ainda há muito a fazer para que se alcance a igualdade de direitos e de oportunidade entre homens e mulheres, mas este objetivo só pode ser uma realidade se todos, homens e mulheres, lutarem para que assim seja, pois só deixará de haver feministas quando a igualdade acontecer.

5.2. Limitações do estudo e considerações finais

No que concerne às limitações sentidas durante o estudo, podemos apontar como primeira, o tempo disponibilizado. Estava planeado implementar as atividades do estudo em 4 seções, duas de 90 minutos e duas de 45 minutos e esse tempo não foi suficiente, e posto isto, foram necessárias mais duas seções, uma de 90 minutos e outra de 45 minutos para que fosse possível realizar todas as dinâmicas previstas. Aliado a isto, lamentamos que não tenha sido possível aprofundar tanto quando gostaríamos as abordagens desta temática, por exemplo, com a realização de mais atividades de outras tipologias.

Outra limitação sentida foi o facto de em alguns momentos das seções, alguns alunos não se envolverem tanto nas atividades e, nesse sentido, em estudos futuros, deveríamos intervir com mais persistência no despertar do interesse de cada aluno em particular para que o resultado das atividades seja ainda mais satisfatório. Importante seria também, alargar o número de participantes do estudo de forma a aferir opiniões de uma amostra mais significativa bem como realizar uma sequência didática semelhante à implementada em outras turmas e até com faixas etárias diferentes. Além do mais, reforçamos a relevância da aplicação de estudos desta natureza nas outras disciplinas, tal como preveem os documentos orientadores da Educação para o Desenvolvimento e para a Cidadania Global.

Ainda assim, é de referir que trabalhar este tema foi muito benéfico, quer para os alunos como para a professora investigadora. Benéfico para os alunos, pois foi a primeira vez que refletiram e contactaram em contexto formal de aprendizagem sobre a Igualdade de Direitos, de um modo coeso e mais aprofundado, o que lhes permitiu tornarem-se mais conscientes e com vontade de agir neste mundo que ainda tem muito para melhorar. Por outro lado, benéfico para a professora investigadora, pois a realização deste estudo possibilitou a experiência de aprender na prática de que modo é que é possível fazer a transversalidade de trabalhar um problema urgente da nossa atualidade, nomeadamente, da Educação para o Desenvolvimento, durante a abordagem dos conteúdos programáticos da disciplina de História e Geografia de Portugal.

5.3. Sugestões para investigação futura

Acreditamos que seria interessante e enriquecedor alargar este estudo a outras áreas disciplinares pois é possível a interligação das mais diversas disciplinas com as temáticas da Educação para o Desenvolvimento e para a Cidadania Global, como a Igualdade de Género, por exemplo. Além de alargar a mais disciplinas consideramos ainda interessante, alargar o estudo não só geograficamente, mas também, a um maior número de participantes, para se perceber se os resultados com uma amostra maior e mais diversificada alcançariam os mesmos resultados do presente estudo.

Parte III – Reflexão Global

A terceira e última parte deste relatório visa concretizar um momento reflexivo sobre toda a Prática de Ensino Supervisionada, reunindo os aspetos mais e menos positivos, bem como o seu contributo para o desenvolvimento pessoal e profissional.

1. Reflexão global

Chegou o momento de após todas as dúvidas e incertezas, medos e dificuldades, emoções e aprendizagens vividas ao longo deste último ano, parar e refletir sobre aquela que foi uma etapa extremamente marcante na minha vida, a todos os níveis.

Ser professora foi o meu sonho desde sempre. Em criança a minha brincadeira preferida era brincar “à professora e aos alunos”, eu adorava escrever no quadro e fingir que era eu a professora quando, nos intervalos, conseguíamos ficar na sala por uns instantes enquanto a professora ia tratar de algum assunto. Quando o meu irmão nasceu, eu fiquei muito feliz e vi nele, um primeiro aluno fantástico, ou melhor, se calhar uma primeira “vítima” fantástica. À medida que ele ia crescendo eu queria ensinar-lhe as letras, os números e tudo aquilo que sabia a mais do que ele. Agora já é crescido, entrou também na faculdade e escolheu um caminho diferente do meu, mas onde continuamos a ensinar novas coisas um ao outro e enriquecermo-nos com isso. Por sua vez, o sonho da minha mãe era ter sido professora e talvez por isso eu tenha também, herdado este gostinho. Além disso, nada mais me orgulha do que saber que estou a homenageá-la de certa forma e a deixá-la feliz por alcançar este objetivo.

Não só na área da educação, mas em qualquer área de formação, é necessário possuir conhecimentos teóricos e práticos e dominar muitas ferramentas, técnicas e estratégias para que o desempenho profissional vá ao encontro do que se deseja. Foi no decorrer dos três anos da licenciatura e dos dois de mestrado que fui aprendendo e absorvendo tudo isso, compreendendo a importância da impossibilidade da separação da prática e da teoria.

Durante a licenciatura tive contacto com um ensino teórico mais abrangente, mas sem descurar a preocupação de serem proporcionados aos estudantes momentos de contacto com o terreno, ainda que, com menor intensidade que no mestrado, em todo o tipo de contextos educativos, para que pudessem escolher com maior certeza qual o mestrado a seguir. Por seu turno, o mestrado foi completamente diferente, mas igualmente importante sendo que, o primeiro ano foi essencial para adquirir e aprofundar os conhecimentos teóricos específicos das áreas a lecionar na prática profissional futura e o segundo, que na minha opinião foi bastante mais exigente, para experienciar essa mesma prática de modo muito mais efetivo e real, aplicando tudo o que tinha aprendido até então.

Assim sendo, ao longo do último ano letivo foi-me dada a oportunidade de intervir diretamente em dois contextos diferentes, sendo avaliada de modo constante, quer pelos professores supervisores, quer pelos professores orientadores cooperantes, o que criou em mim a sede de procura da melhoria da minha prática pedagógica com base num trabalho reflexivo e na preocupação que tinha com cada chamada de atenção por eles realizada. Ambos os contextos por onde passei, corresponderam aos anos de fecho de dois ciclos de escolaridade tão distintos e tão importantes que resultaram na vivência de experiências em tudo enriquecedoras uma vez que me permitiu adquirir e melhorar um vasto conjunto de competências que se foram demonstrando muito úteis para a minha prática profissional, desde a procura de estratégias para motivar os alunos à atenção pelos seus interesses e expectativas.

Todas as aprendizagens que adquiri me levam a dizer que um professor tem de ser um investigador constante e ao investigar importa saber aferir a informação relevante para que os conhecimentos fiquem evidentes para nós e os possamos explicar com clareza aos nossos alunos. Como diz Tuckman (2005) “os professores, são também *consumidores* de investigação, quando leem e procuram compreender os artigos (...). De facto, qualquer investigador gasta mais tempo, naturalmente, a ler documentos da investigação feita pelos outros do que a planear e a construir a sua própria investigação, precisamos de encontrar e ler a literatura mais relevante. Quando se lê uma investigação é necessário compreendê-la, em termos do problema em estudo, da metodologia e dos resultados da mesma, de modo a interpretar e a utilizar esses resultados” (p.541). Neste sentido, é fulcral que um professor se mantenha atualizado, vá investindo na sua formação continuamente e procure saber sempre mais para poder passar cada vez com maior clareza cada conceito aos seus alunos, além de que o saber enriquece muito o próprio investigador. Ainda que esta não tenha sido a minha primeira experiência a nível profissional na área da Educação, foi a experiência obtida em contexto formal e foi sem dúvida alguma, a mais marcante e a mais desafiadora até ao momento, certamente também por constituir o culminar de todo um processo de aprendizagem de cinco anos.

Relativamente ao estágio no primeiro ciclo do ensino básico, importa dizer que senti, um ritmo de trabalho muito exigente e complexo, o que acabou por se revelar difícil de

gerir. Tive de aprender a controlar emoções, a concentrar-me em muitas coisas ao mesmo tempo, a organizar bem o tempo e a manter a melhor postura, mesmo quando tudo parecia “impossível” de gerir. Toda esta conjuntura serviu para me ajudar a crescer não só pessoalmente, mas também e principalmente, profissionalmente. Já o segundo ciclo do ensino básico, revelou-se mais “calmo”, pois o estágio não era tão intenso a nível de carga horária e foi possível trabalhar a um ritmo mais moderado e, por isso, mais produtivo.

Estas intervenções em contexto educativo foram muito desafiantes, pois assumir uma turma e ter a missão de contribuir para as suas aprendizagens significativas não é tarefa fácil. No início surgem os medos e as dúvidas, uma vez que temos em mãos uma grande responsabilidade, sendo esta um contributo para o desenvolvimento dos alunos. O receio de fazer algo errado não pode ser encarado como um obstáculo, importa sim combatê-lo através de uma consolidação do currículo e da realização de uma planificação completa e concisa. Deste modo, estaremos a antecipar qualquer constrangimento que possa surgir, pois a planificação assume-se como um “(...) vetor fulcral para um bom desempenho da ação pedagógica dado que contribui para o docente clarificar os fatores que influenciam o processo de ensino – aprendizagem, permitindo-lhe dessa forma, exercer um maior controlo sobre essas variáveis” (Vaz, 2011, p. 11).

No que concerne à experiência nos dois contextos, saliento a importância das semanas de observação, anteriores à intervenção pedagógica que nos dão a oportunidade de conhecer a turma e de perceber de que forma está estruturada, bem como conhecer as convicções e motivações dos alunos, para que a posterior planificação vá ao encontro daquilo que os motiva a trabalhar. Além disto, estas semanas permitem-nos conhecer de que forma é que os professores cooperantes agem e lecionam perante aqueles alunos em particular.

Importa referir ainda que a planificação merece igual destaque. Enquanto docente, é fulcral saber o que se pretende com o processo de ensino-aprendizagem, e de pensar o que se pretende com o mesmo bem como, pensar de que modo este se vai desenvolver durante a aula indo sempre ao encontro das características dos alunos e valorizando os seus conhecimentos prévios. Por isso, é necessário planificar com rigor e correção para que a aula corra da melhor forma, reforçando-se assim, que o estágio foi um processo no que diz

respeito ao corroborar da convicção de que “a planificação é um importante auxiliar da prática pedagógica, contribuindo para o sucesso do processo de ensino-aprendizagem, uma vez que permite ao docente fazer uma previsão do que poderá ser a sua aula, definindo o conjunto de objetivos, conteúdos, experiências de aprendizagem, assim como a avaliação.” (Barroso, 2013, p. 3).

Perante estes aspetos, importa abordar aquilo que se revela como o culminar de cada experiência. Falo da reflexão. Tanto as reflexões semanais, no primeiro ciclo como a reflexões de aula no segundo ciclo, quer por escrito, quer por reuniões como os professores cooperantes e supervisores, revelaram-se muito úteis, na medida em que possibilitou questionar se as estratégias utilizadas seriam as mais adequadas e caso não fossem, perceber de que forma poderia melhorar para implementações futuras, sempre com vista a fomentar o sucesso escolar dos alunos.

Como tal, o professor deve ser consciente das suas práticas e passar a olhar para o ensino numa perspetiva construtivista, como orientador e facilitador da construção do conhecimento. Não se pretende transmitir a ideia de que um docente é um mero transmissor de conhecimento, despreocupado com qualquer questão alheia a essa. Todavia, não devemos esquecer que o professor não tem a missão de educar, no sentido de “dar educação”, pois esses valores devem ser dados pelos progenitores ou encarregados de educação. Não obstante, é o docente quem dá o foco à educação para os valores, reforçando-os e, como tal, a Educação para a Cidadania já é parte integrante do Currículo Nacional do 2º Ciclo.

Assim sendo, é muito pertinente que as vertentes educacionais e sociais andem de mãos dadas, pois assim o professor terá de apostar na continua formação, sendo esta entendida como fulcral para a aquisição e desenvolvimento de competências, tornando-o mais capaz no desempenho das funções que lhe são concebidas, aumentando a qualidade de resposta sob o que lhe é exigido pela sociedade.

Um outro aspeto relevante prende-se com a importância da utilização das tecnologias em contexto de sala de aula. Num mundo cada vez mais digital, as tecnologias exercem um forte impacto na sociedade, ao qual a escola não se pode alhear. A tecnologia

revolucionou o modo como as pessoas vivem, comunicam e aprendem e, por isso, os docentes devem acompanhar também esse avanço.

Relativamente à temática escolhida importa dizer que além da pertinência que só por si representa, constituía ainda um interesse muito pessoal. Já tinha abordado anteriormente a Educação para o Desenvolvimento, noutras circunstâncias, e foi muito importante mobilizar novamente esses conhecimentos e perceber de que forma o ensino da História e Geografia de Portugal pode constituir um caminho de promoção destas temáticas, tão urgentes e preocupantes na nossa sociedade. Deste modo, trabalhar com os alunos Educação para o Desenvolvimento, fazê-los “escolher um mundo diferente” consistiu num desafio e num gosto pois, a nível pessoal, valorizo muito a igualdade social, a justiça, a preocupação com o outro, a importância do sentimento de empatia e a necessidade de formar os nossos alunos para que se tornem cidadãos críticos, humanamente conscientes dos problemas do mundo onde vivem e com vontade de agir para fazer a diferença, por mais pequena que seja.

Termino dizendo que enquanto mulher e membro integrante da nossa sociedade, acredito na possibilidade de se fazer diferente, de se fazerem mudanças que levem a cabo o sentido de justiça e igualdade social e acredito que isso começa nos mais jovens. Acredito que poderá ser possível alcançar a liberdade sem que sejam colocadas imposições sociais ou julgamentos perante os sexos. Acredito que todos, mulheres, homens, jovens e idosos e juntos, seremos mais fortes, pois só assim alcançaremos os nossos objetivos sociais. Viva a igualdade. Viva a justiça social. Viva um mundo diferente, é nesse que eu quero viver!

Aires, L. (2015). *Paradigma Qualitativo e Práticas de Investigação Educacional*. Universidade Aberta. Retirado de: https://repositorioaberto.uab.pt/bitstream/10400.2/2028/4/Paradigma_Qualitativo%20%281%C2%AA%20edi%C3%A7%C3%A3o_atualizada%29.pdf. Consultado em 03 de Outubro de 2018.

Alves, E., & Jesus, E., (2017). *HGP em Ação 5*. Porto: Porto Editora, 206pp.

Amaral, C., Alves, E., et al. (2012). *Sim, a História é Importante*. Porto: Porto Editora.

Barros, M. M., (2019). *Porque é que aprender história importa*. Site disponível: Universidade de Évora Retirado de: [https://www.cidehus.uevora.pt/atividades/noticias/\(item\)/27130?fbclid=IwAR2fBptKpMwntVXZn0nnUxbwimTzDjw9DP9HG1MaFJGsnWdDpDPx2MFnIOY](https://www.cidehus.uevora.pt/atividades/noticias/(item)/27130?fbclid=IwAR2fBptKpMwntVXZn0nnUxbwimTzDjw9DP9HG1MaFJGsnWdDpDPx2MFnIOY). Consultado em 23 de junho de 2019.

Barroso, D. (2013). *A importância da planificação do processo ensino-aprendizagem nas aulas de História e Geografia*. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto.

Beauvoir, S., (2015). *O segundo sexo – Vol I*. Lisboa: Quetzal Editores, 416pp.

Beauvoir, S., (2015). *O segundo sexo – Vol II*. Lisboa: Quetzal Editores, 600pp.

Borges, F., Figueiredo, I. (2015). *Feminismo e a mulher na contemporaneidade*. Rio de Janeiro, 15pp.

Branco, S., (2015). *As Mulheres e a Guerra Colonial*. Lisboa: A Esfera os Livros, 384 pp.

Buescu, H. C., Morais, J., Rocha, M. R., & Magalhães, V. F. (2015). *Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico*.

- Campos, A., Catarino, A. & Fortunato, F., (2017). *Conhecer Portugal 5*. Porto: Areal Editores, 208pp.
- Cancian, R., (2016). Feminismo – Movimento que surgiu na Revolução Francesa. *Pedagogia e Educação*. Retirado de: <https://educacao.uol.com.br/disciplinas/sociologia/feminismo-movimento-surgiu-na-revolucao-francesa.htm> Consultado em 22 de novembro de 2019.
- CE. (2016-2019). *Compromisso Estratégico par a Igualdade de Género*. Bruxelas, 48 pp.
- Constituição da República Portuguesa. (1976). *Constituição de 1976*, 67 pp.
- Comissão da Condição Feminina. (1990). Portugal – *Situação das Mulheres*. CCF, 82 pp.
- Cott, N., *A mulher moderna – o estilo americano dos anos vinte*. In: Duby, G., Perrot, M. (1991). *História das Mulheres no Ocidente – Século XX*. Porto: Edições Afrontamento, 95 – 113 pp.
- Coutinho, C. (2005). *Metodologia da Investigação em Educação*. Braga: Universidade do Minho - Instituto de Educação e Psicologia.
- Coutinho, C. (2014). *Metodologia de Investigação em Ciências Sociais e Humanas: Teoria e Prática*. Coimbra: Almedina.
- Couto, A., (2005). *O Lado Feminino do 25 de Abril*. Retirado de: JornalismoPortoNet (JPN) URL: <https://jpn.up.pt/2005/04/26/o-lado-feminino-do-25-de-abril/>. Consultado em 28 de junho de 2019.
- DGE, D. (2018). *Aprendizagens Essenciais de História e Geografia de Portugal: 6.o ano | 2.o Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.
- DGE. (2013). *Educação para a Cidadania – Linhas Orientadoras*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Dicionários Académicos. (2012). *Dicionário da Língua Portuguesa*. Porto: Porto Editora, 840pp.
- Duby, G., Perrot, M. (1990-1991). *História das Mulheres no Ocidente*. (Vol. 1-5). Porto: Edições Afrontamento.
- Duby, G., Perrot, M. (1995). *As mulheres e a História*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 167 pp.
- Esteves, A., Barbosa, A., Madeira, E., Barbosa, G., Oliveira, J., Cardoso, J., . . . Goncalves, T. (2018). *Global Schools: Propostas de integração curricular da Educação para o Desenvolvimento e Cidadania Global no 1.o e 2.o CEB*. Viana do Castelo: Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Viana do Castelo (ESE-IPVC).
- Ergas, Y., *O sujeito mulher: o feminismo dos anos 1960-1980* In: Duby, G., Perrot, M. (1991). *História das Mulheres no Ocidente – Século XX*. Porto: Edições Afrontamento, 583 – 611 pp.
- Esteves, J.G. (2001). *Os primórdios do Feminismo em Portugal: A Primeira Década do Século XX*. Revista PENÉLOPE, nº25, 87-112.
- Fraisse, G., & Perrot, M. (1991). *Introdução: Origens e Liberdades - História das Mulheres no Ocidente – O século IXI*. Porto: Edições Afrontamento, 9 – 20 pp.
- Gagueiro, S. (2008). *Câmara Clara – A Mulher e o Voto em Portugal*. Porto: RTP.
- Gonçalves, T. (2010). Investigar em Educação: Fundamentos e Dimensões da Investigação Qualitativa. Em M. Alves, & N. Azevedo, *Investigar em Educação: Desafios da Construção de Conhecimento e da Formação de Investigadores num Campo Multi-Referenciado* (pp. 39-63). Óbidos.
- Grosso, C., Oliveira, F., Bivar, A., & Timóteo, M. (2013). *Metas Curriculares | Ensino Básico | Matemática*. Lisboa: Ministério da Educação e Ciência.

- Guimarães, M. (1911). *A Capital: diário republicano da noite*. Lisboa.
- Hufton, O. *Mulheres, trabalho e família*. In: Duby, G., Perrot, M. (1991). *História das Mulheres no Ocidente – Do Renascimento à idade Moderna*. Porto: Edições Afrontamento.
- Ketele, J., & Roegiers, X. (1998). *Metodologia da recolha de dados: fundamentos dos métodos e observações, de questionários, de entrevistas e de estudo de documentos*. Lisboa: Instituto Piaget
- Leduc, C. *Como dá-la em Casamento*. In: Duby, G., Perrot, M. (1990). *História das Mulheres no Ocidente – A Antiguidade*. Porto: Edições Afrontamento, 278 – 350 pp.
- Lenzi, T. (2018). *O que é o movimento feminista?* Retirado de: Toda Política URL: <https://www.todapolitica.com/movimento-feminista/> Última atualização: 15 de maio de 2019. Consultado em 3 de julho de 2019.
- Lessard-Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (2005). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. (M. Reis, Trad.) Lisboa: Instituto Piaget.
- Martins, G., Gomes, C., Brocardo, J., Pedroso, J., Carrilho, J., Silva, L., . . . Rodrigues, S. (2017). *Perfil dos Alunos à Saída da Escolaridade Obrigatória*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação e Ciência.
- Mattoso, J. (1999). *A Função Social da História no Mundo de Hoje*. Lisboa: A.P.H.- Associação de Professores de História.
- ME, M. (1991). *Organização Curricular e Programas, Volume 1, Ensino Básico - 2.o Ciclo - História e Geografia de Portugal*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Miles, R. (1988). *The Women's History of the World*. Londres: Haper Collins Publisher, 229 pp.

- Ministério da Educação. (s.d.). *Organização Curricular e Programas - Expressão e Educação: Físico-Motora, Musical, Dramática e Plástica*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação. (s.d.). *Organização Curricular e Programas - Estudo do Meio*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Neto, H., Neto, J., Matos, M., et al. (2016). *História e Geografia de Portugal 6º*. Carnaxide: Santilana Constância, 192pp.
- Osório, A. C. (1905). *Às Mulheres Portuguesas*. Lisboa: Editora Viúva Tavares Cardoso, 304 pp.
- Passerini, L. *Mulheres, consumo e cultura de massas*. In: Duby, G., Perrot, M. (1991). *História das Mulheres no Ocidente – Século XX*. Porto: Edições Afrontamento, 381 – 401 pp.
- Pimentel, I. (2001). *História das Organizações Femininas no Estado Novo*. Lisboa, Temas e Debates, 480 pp.
- Pinto, F., Araújo, D., Tomás, S. (2014). *Desigualdades entre os Homens e as Mulheres antes do 25 de Abril*. Porto: RTP.
- Pinto, H. (2014). *O papel da mulher no século XXI*. São Paulo, EPM, 19pp.
- República Portuguesa (RP). (2017). *Estratégia Nacional de Educação para a Cidadania Global*. Portugal, RP, 15 pp.
- Ribeiro, A., Nunes, J., & Cunha, P. (2013). *Documento de Apoio às Metas Curriculares de História (3.º Ciclo do Ensino Básico)*. Lisboa: MEC - Ministério da Educação e Ciência.
- Ribeiro, A., Nunes, A., Nunes, J., Almeida, A., Cunha, P., & Nolasco, C. (2013). *Metas Curriculares de História e Geografia de Portugal para o 2.º Ciclo do Ensino Básico*. Lisboa: MEC - Ministério da Educação e Ciência.

- Sá, P., (2006). *História da Educação Física Contemporânea – A mulher e o desporto*. Estudo Geral, Universidade de Coimbra, Coimbra, 50 pp.
- Santos, A., Cirne, J., & Henriques, M. (2017). *Viagens no tempo 6*. Porto: Areal Editores, 224pp.
- Sebastião, J., & Correia, S. (2007). *A democratização do Ensino em Portugal*. CIES-ISCTE, Lisboa, 39 pp.
- Silva, I. S. (2019). *Homens feministas, precisam-se!* Site disponível: Observador. Retirado de: <https://observador.pt/opiniao/homens-feministas-precisam-se/>. Consultado em 04 de julho de 2019.
- Sineau, M., *Direito de democracia*. In: Duby, G., Perrot, M. (1991). *História das Mulheres no Ocidente – Século XX*. Porto: Edições Afrontamento, 551 – 181 pp.
- Sissa, G., *Filosofias do Género: Platão, Aristóteles e a Diferença dos Sexos*. In: Duby, G., Perrot, M. (1990). *História das Mulheres no Ocidente – A Antiguidade*. Porto: Edições Afrontamento, 79-126 pp.
- Soares, R. (2016). *Feminismo nas Novas Gerações*. Estudos Interculturais, Instituto Superior de Contabilidade e Administração do Porto, Porto, 15pp.
- Tavares, M. (2000). *Movimentos de Mulheres em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte, 176 pp.
- Tavares, M. (2008). *Feminismos em Portugal: 1947 – 2017*. Tese de Doutoramento, Especialidade em História das Mulheres e do Género, Universidade Aberta, Lisboa, 625 pp.
- Thébaud, F. *Introdução* In: Duby, G., Perrot, M. (1991). *História das Mulheres no Ocidente – Século XX*. Porto: Edições Afrontamento, 9 – 23 pp.

Thomas, Y. *A divisão dos sexos no direito romano*. In: Duby, G., Perrot, M. (1990). *História das Mulheres no Ocidente – A Antiguidade*. Porto: Edições Afrontamento, 127 – 202 pp.

Thomasset, C. *Da natureza feminina* In: Duby, G., Perrot, M. (1990). *História das Mulheres no Ocidente – A Idade Média*. Porto: Edições Afrontamento, 65 – 97 pp.

Tuckman, B. (2005). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 742pp.

UNESCO (2015). *Global Citizenship Education: Topics and learning Objectives*. Paris: UNESCO.

Vaz, M. M. C. (2011). *Conceções de futuros professores acerca da planificação do processo de ensino-aprendizagem*. (Dissertação de Mestrado). Instituto da Educação da Universidade de Lisboa. Lisboa. Disponível em: http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/6304/1/ulfpie040053_tm.pdf

- Anexo 1 - Planificação de português do dia 5 de novembro de 2018
- Anexo 2- Planificação de matemática do dia 19 de novembro e 1018
- Anexo 3 - Planificação de estudo do meio (físico) do dia 4 de dezembro de 2018
- Anexo 4 - Planificação de estudo do meio (social) do dia 15 de janeiro de 2019
- Anexo 5 - Planificação de educação físico-motora do dia 30 de janeiro de 2019
- Anexo 6 - Planificação da atividade sobre a Reflorestação do dia 18 de janeiro de 2019
- Anexo 7 - Planificação de português do dia 4 de abril de 2019
- Anexo 8 - Planificação da História e Geografia de Portugal do dia 24 de abril de 2019
- Anexo 9 - *PowerPoint* aula 1 do estudo
- Anexo 10 - Informações sobre mulheres feministas aula 1 do estudo
- Anexo 11 - História aula 2 do estudo
- Anexo 12 - Ficha de trabalho aula 2 do estudo
- Anexo 13 - Ficha de trabalho aula 3 do estudo
- Anexo 14 - *PowerPoint* aula 4 do estudo
- Anexo 15 - Questionário Inicial entregue aos alunos
- Anexo 16 - BI feito pelos alunos na aula 1 do estudo
- Anexo 17 - Trabalhos dos alunos aula 2 do estudo
- Anexo 18 - Questionário Final entregue aos alunos

Anexo 1- Planificação de português do dia 5 de novembro de 2018

Agrupamento de Escolas: ...				
Escola: ...				
Plano de Aula				
Mestranda: Ana		Ano/Turma: 3º Ano	Período: 1º	Data: 05/11/2018
Área disciplinar: Português			Tempo: das 09h:00 às 10h:30	
Temas/Domínios	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Recursos/Espaços Físicos	Avaliação
Educação Literária	AE - Antecipar o(s) tema(s) com base em noções elementares de género (contos de fada, lengalengas, poemas, etc.)	<p>Os alunos entram na sala e sentam-se nos devidos lugares. A professora saúda-os, escreve a data no quadro e prossegue a aula dizendo:</p> <p>Professora: - Hoje vamos iniciar uma obra nova.</p> <p>Descobrir a obra através de objetos e/ou palavras que caracterizam a obra:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Bloco de madeira; - Fada - Palavra “Mentira” 	<p>Sala de Aula;</p> <p>Apresentação em <i>PowerPoint</i> com diferentes imagens: bloco de madeira; menino; carpinteiro;</p>	Os alunos apresentam sugestões de obras possíveis para os objetos

	<p>em elementos do paratexto e em textos visuais (ilustrações).</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Grilo - Carpinteiro - Nariz <p>Serão projetadas imagens dos elementos anteriormente ditos para que os alunos tentem descobrir a obra a ser abordada.</p> <p>Após descobrirem a obra, a professora mostra e explora a capa e contracapa do livro com os alunos.</p> <p>Professora: - Qual é o título da obra?</p> <p>Alunos: - As Aventuras de Pinóquio.</p> <p>Professora: - E o autor?</p> <p>Alunos: - Carlo Collodi.</p> <p>Professora: - O que podemos ver mais na capa?</p> <p>A professora estagiária deixa que os alunos comentem a ilustração.</p> <p>Professora:</p>	<p>palavra mentira; grilo; nariz; fada;</p> <p>Livro “As aventuras de Pinóquio” de Carlo Collodi;</p>	<p>e personagens apresentados de forma organizada;</p> <p>Os alunos descobrem a obra que será lecionada;</p> <p>Os alunos respondem, de forma ordeira e correta às questões apresentadas pela professora;</p>
--	---	---	---	---

	<p>MCPEB – 21.1 - Ler e ouvir ler obras de literatura para a infância e textos da tradição popular.</p> <p>MCPEB – 22 – Compreender o essencial dos textos escutados e lidos.</p> <p>MCPEB - 23.2 -Manifestar sentimentos, ideias e pontos de vista suscitados pelas histórias ouvidas.</p> <p>AE - Ouvir ler obras literárias e textos da tradição popular.</p>	<p>- Na contracapa temos um pequeno resumo do que acontecerá na história.</p> <p>A professora escolhe um menino para ler.</p> <p>Professora: - Sabem como se chama este pequeno texto que vem na parte de traz dos livros?</p> <p>Alunos: - Sinopse ou resumo.</p> <p>Professora: -Vamos então descobrir mais sobre esta aventura.</p> <p>A professora estagiária lê o primeiro capítulo. Enquanto lê coloca no projetor uma imagem alusiva ao capítulo.</p> <p>De seguida, questiona os alunos: Professora: - De acordo com o início da obra, era uma vez um rei certo?</p> <p>Alunos: - Não. Era uma vez um pedacinho de madeira.</p> <p>Professora: - Na história, fala de um carpinteiro. Como se chama o carpinteiro?</p> <p>Alunos: - Mestre António.</p>	<p><i>PowerPoint</i> com imagem alusiva ao primeiro capítulo;</p>	<p>Os alunos ouvem atentamente a história lida pela professora;</p> <p>Os alunos respondem cada um na sua vez e de forma correta às perguntas apresentadas pela professora;</p>
--	--	---	---	---

<p>Oralidade</p>	<p>AE - Compreender textos narrativos, poéticos e dramáticos, escutados ou lidos.</p> <p>AE - Manifestar ideias, sentimentos e pontos de vista suscitados pelas histórias ouvidas ou lidas.</p> <p>AE - Fazer inferências, esclarecer dúvidas, identificar diferentes intencionalidades comunicativas.</p> <p>AE -Gerir adequadamente a tomada de vez na comunicação oral, com respeito pelos princípios da cooperação e da cortesia;</p>	<p>Professora: - Também chamavam outro nome ao Mestre António lembram-se? Alunos: - Sim, Mestre Cereja.</p> <p>Professora: - E porque o chamavam assim? Alunos: - Porque o Mestre António tinha sempre a ponta do nariz roxa e brilhante como uma cereja Madura.</p> <p>Professora: - O quê que o Mestre António queria construir com o pedaço de madeira? Alunos: - Uma perna de uma mesa.</p> <p>Professora: - Quando o Mestre Cereja ia começar a construir a perna da mesa, o que aconteceu? Alunos: - O pedaço de madeira falou.</p> <p>Professora: - Será que o Mestre António tinha ficado maluco, ou será que o pedaço de madeira tinha mesmo falado com ele?</p>		
------------------	---	---	--	--

		<p>Deixar que os alunos expressem as suas opiniões.</p> <p>Professora: - Vamos descobrir no próximo capítulo.</p> <p>A professora estagiária lê o segundo capítulo e, em seguida, questiona os alunos:</p> <p>Professora: - Quem bateu à porta do Mestre António?</p> <p>Alunos: - Um velhote chamado Gepeto.</p> <p>Professora: - Que nome é que Gepeto não gostava que lhe chamassem?</p> <p>Alunos: - Papas de milho.</p> <p>Professora: - Porque chamavam Papas de Milho ao Gepeto?</p> <p>Alunos: - Por causa do seu chinó (peruca) amarelo.</p> <p>Professora: - Quem chamou “Papas de Milho” a Gepeto?</p> <p>Alunos: - O pedacinho de madeira.</p> <p>Professora:</p>	<p><i>PowerPoint</i> com imagem alusiva ao segundo capítulo;</p>	<p>Os alunos escutam atentamente a leitura da professora;</p> <p>Os alunos respondem de forma ordeira e correta às perguntas apresentadas pela professora;</p>
--	--	---	--	--

		<p>- Mas Gepeto pensava que tinha sido o Mestre António. O que aconteceu em seguida?</p> <p>Alunos:</p> <p>- Ficaram chateados um com um outro, mas logo fizeram as pazes.</p> <p>Professora:</p> <p>- O que queria Gepeto?</p> <p>Alunos:</p> <p>- Um pedaço de madeira para fazer um boneco.</p> <p>Professora:</p> <p>- Onde foi bater o pedaço de madeira?</p> <p>Alunos:</p> <p>- Nas canelas, deixando Gepeto quase coxo.</p> <p>Professora:</p> <p>- O Mestre António e Gepeto voltaram a discutir e a insultar-se um ao outro, mas no fim voltaram a fazer as pazes e, Gepeto, foi para casa com o seu pedaço de madeira e a coxear.</p> <p>-Como será o boneco que Gepeto irá construir? Será alto ou será baixo? Terá olhos grandes? E bigode? Que roupa terá vestida?</p>		
--	--	--	--	--

Escrita	<p>MCPEB – 15 - Redigir corretamente.</p> <p>MCPEB – 19 - Escrever textos diversos.</p> <p>AE - Redigir textos com utilização correta das formas de representação escrita.</p> <p>MCPEB – 3.2 - Recontar, contar e descrever.</p>	<p>- Agora, irão imaginar que são o Gepeto e que vão construir um boneco de madeira. Terão que falar em aspetos físicos e psicológicos da personagem.</p> <p>Os alunos deverão realizar um pequeno parágrafo descritivo onde descrevam como seriam os seus bonecos de madeira se fossem eles a construí-lo.</p> <p>A professora estagiária, projetará um quadro com alguns exemplos de características de personagens para auxiliar os alunos na escrita do seu texto. Numa fase inicial, o texto será escrito no caderno de rascunho dos alunos para posterior passagem numa folha, que lhes será dada assim que o mesmo estiver corrigido. Ambas as professoras estagiárias passam pelos lugares para ver se os alunos escreveram com correção gráfica e se não se desviaram do assunto pedido. Logo que terminem de passar o texto, a professora pede para que os alunos façam uma pequena ilustração do mesmo. Para terminar, a professora irá afixar nas cortiças da sala a imagem de tronco feito pelas estagiárias a imitar um tronco de madeira e nele colocarão todos os textos dos alunos. Para identificar essa atividade será afixado também o seguinte título “Os nossos bonecos de madeira”.</p> <p>Em jeito de conclusão de aula a professora faz uma breve síntese questionando:</p> <p>Professora:</p>	<p>Folha de papel; Lápis; Borracha; Lápis de cor; <i>PowerPoint</i> com características físicas e psicológicas para auxiliar os alunos na construção do seu parágrafo descritivo.</p> <p>Imagem de um tronco de madeira;</p>	<p>Os alunos realizam o trabalho proposto pela professora de forma empenhada, em silêncio e apresentando textos com correção e com ideias bem estruturadas e organizadas.</p> <p>Os alunos mostram a sua</p>
---------	---	---	--	--

<p>Oralidade</p>		<p>- Então meninos, qual foi a nova obra que nós exploramos hoje? Alunos: - As aventuras de Pinóquio. Professora: - Ainda se lembram quem foi o autor? Alunos: - Carlo Collodi.</p> <p>Professora: - Quais eram as personagens que entravam no excerto que lemos da história? Alunos: - Gepeto, pedaço de madeira e o mestre António.</p> <p>Professora: - O que aconteceu na história?</p> <p>Realização de um breve resumo oral com as partilhas dos alunos.</p> <p>Para trabalho de casa a professora pede que os alunos resolvam as páginas 30 e 31 do manual de português que se referem à obra lecionada.</p>	<p>Manual de português;</p>	<p>atenção na aula dada, respondendo corretamente às questões de síntese feitas pela professora estagiária.</p> <p>Os alunos realizam o trabalho de casa corretamente.</p>
------------------	--	---	-----------------------------	--

Anexo 2- Planificação de matemática do dia 19 de novembro de 2018

Agrupamento de Escolas: ...				
Escola: ...				
Plano de Aula				
Mestranda: Ana		Ano/Turma: 3º Ano	Período: 1º	Data: 19/11/2018
Área disciplinar: Matemática			Tempo: das 11h:00 às 12h:00	
Temas/Domínios	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Recursos/Espaços Físicos	Avaliação
Números Naturais	Metas curriculares de matemática: 3. Conhecer a numeração romana.	Os alunos entram na sala e sentam-se nos devidos lugares. A professora saúda-os e prossegue a aula dizendo: Professora: - Hoje vamos fazer uma viagem ao passado e por isso trouxe-vos uma imagem que retrata uma aula de como se aprendia antigamente, ora vejam! A professora inicia a aula apresentando um <i>Power Point</i> que começa com uma imagem que retrata uma aula da Roma antiga e pretende-se que os alunos observem a imagem e tentem perceber as diferenças que a imagem tem comparada com os dias de hoje. Devem também aperceber-se que o que	Sala de Aula; Apresentação em <i>Power Point</i> ;	Os alunos observam a

	<p>3.1. Conhecer e utilizar corretamente os numerais romanos.</p>	<p>está escrito no “quadro” da imagem: letras (numeração romana). Nessa imagem estarão alguns elementos atuais como um computador, uma caneta, uma calculadora e umas sapatilhas e a professora pede aos alunos que tentem encontrar esses elementos que, numa imagem tão antiga era impossível que existissem. Os alunos ficarão desta forma com a ideia de que a imagem é mesmo de um tempo anterior (cerca de 2000 anos atrás) ao deles embora a percepção deles do passado ainda não lhes seja muito próxima.</p> <p>Enquanto a imagem é observada a professora pode fazer perguntas como:</p> <p>Professora: - Onde estão a ter a aula?</p> <p>Alunos: - Ao ar livre.</p> <p>Professora: - Já repararam nas roupas e nos sapatos dos meninos e do professor?</p> <p>Deixar os alunos responder.</p> <p>Professora: Hoje em dia é assim que damos aulas?</p> <p>Alunos: Não, ainda que também possa acontecer, o normal é ter aula numa sala de aula.</p>		<p>imagem, fazem partilhas pertinentes e descobrem as diferenças entre a imagem e a atualidade de forma correta e ordeira.</p> <p>Os alunos respondem às questões da professora de forma organizada e correta.</p>
--	---	---	--	--

		<p>Professora: - Então esta imagem não é muito atual não acham?</p> <p>Alunos: - Sim.</p> <p>Professora: - Esta imagem retrata uma aula do passado, mas coloquei aqui umas “ratoeiras”. Coloquei alguns objetos que são atuais oram tentem descobri-los.</p> <p>Alunos: - Tem um computador, uma calculadora, uma caneta, e umas sapatilhas.</p> <p>Professora: - Muito bem, sabem antigamente não havia nada disso os meninos escreviam com penas molhadas em tinta, não tinham computadores e só faziam contas de cabeça. E já reparam no que está escrito no quadro? O que será aquilo? Serão letras, números, símbolos... O que acham que significa?</p> <p>Deixar os alunos responder.</p> <p>Professora: - Aquelas letras, são na verdade números, mas números romanos e nós hoje vamos aprender esses números. Chamam-se numeração romana!</p> <p>Posto isto, a professora explica como surgiu a numeração romana e a hindu-árabe.</p>		
--	--	---	--	--

		<p>Os números romanos ou algarismos romanos surgiram na Roma antiga, há cerca de 2000 anos atrás (século I). Criaram-se devido à necessidade de elaborar um sistema numérico, para contabilizar rebanhos, soldados, entre outros. Eles então usaram as próprias letras do seu alfabeto para fazer representações numéricas e a cada letra associaram um valor. A numeração hindu-árabe, que é a nossa, surgiu devido aos hindus, um povo antigo que a inventou, e devido aos árabes outro povo, foi transmitida para a Europa. A europa adotou este novo modelo que já incluía o número zero, número este que por vezes se tornava necessário utilizar e não o existia até aí.</p> <p>Seguidamente, a professora questiona os alunos:</p> <p>Professora: - E vocês já viram algo escrito com estes símbolos que veem na imagem?</p> <p>Os alunos respondem. Professora: - Vejamos onde a podemos encontrar!</p> <p>A professora passa para os próximos <i>slides</i> e neles estarão imagens de monumentos onde podemos encontrar a numeração romana para que os alunos percebam que esta numeração ainda que antiga para nós, é possível contactarmos com ela no nosso dia a dia.</p>		<p>Os alunos ouvem atentamente as informações dadas pela professora e questionam caso tenham dúvidas pertinentes.</p> <p>Os alunos fazem partilhas pertinentes de forma ordeira.</p>
--	--	--	--	--

		<p>Estando o tema a abordar contextualizado a professora cola no quadro uns cartões com o número romano associado ao número hindu árabe (I – 1 / V – 5 / X – 10), para que os alunos vejam como está associada a letra romana ao número hindu árabe. Nesta aula apenas serão ensinados os números 1, 5 e 10, e a partir destes formar-se-ão os outros números até ao 39. A professora depois de explicar os cartões tenta construir o resto dos números no quadro com a ajuda dos alunos. E à medida que se vão decifrando os números a professora vai passando aos alunos as seguintes regras:</p> <ul style="list-style-type: none"> • - os símbolos I e X só se podem repetir até 3 vezes; • - o símbolo V não se repete; • - o símbolo I colocado à esquerda de V ou do X indica que se retira 1; • - o símbolo I colocado à direita do V ou do X indica que se adiciona 1. <p>(o significado de símbolos principais e secundários serão incutidos na aula de terça-feira)</p> <p>No quadro, à medida que os alunos vão ajudando a formar a numeração romana, será escrito algo assim:</p> <p>1 = I 2 = 1 + 1 = II 3 = 1 + 1 + 1 = III 4 = 5 – 1 = IV (explicar regra acima descrita) (...) 11 = 10 + 1 = XI</p>	<p>Cartões com símbolos da numeração romana;</p> <p>Quadro; Caneta de quadro;</p>	<p>Os alunos memorizam o significado dos símbolos I, V e X.</p> <p>Chegam aos restantes números intuitivamente fazendo partilhas de forma ordeira.</p>
--	--	---	---	--

		<p>(...) $27 = 20 + 7 = \text{XXVII}$ (...) $34 = 30 + 4 = \text{XXXIV}$ $39 = 30 + 9 = \text{XXXIX}$</p> <p>Feito isto, a professora dá aos alunos um papelinho tipo um papiro antigo com a numeração romana até ao 39 para os alunos colarem no caderno e ficarem com o registo para estudar.</p> <p>Seguidamente, a professora dá aos alunos uma pequena atividade para realizarem e colarem também no caderno para praticarem e consolidarem a numeração romana até ao 39. Faz-se a correção da mesma em grande grupo e oralmente. Posto isto, a professora projeta um desafio que se trata de ter de mover um fósforo para tornar uma conta correta e dá aos alunos 11 fósforos para que estes possam manipular o material tentado chegar ao resultado esperado. A conta é: $\text{XI} + \text{V} = \text{V}$ ou seja, $11 + 5 = 5$ Mudando apenas um fósforo fica: $\text{XI} - \text{V} = \text{VI}$ ou seja, $11 - 5 = 6$</p> <p>Caso ainda haja tempo, a professora com a ajuda dos alunos constrói um relógio, mas colocando nele a numeração romana. E dá também aos alunos uma pequena ficha com 4 relógios onde terão de colocar as horas que a professora indicar. Quando terminarem a professora escolhe 4 alunos</p>	<p>Papeis com informações para colar no caderno; Caderno; Cola;</p> <p>Ficha de trabalho; Cola; Lápis; Borracha;</p> <p>Fósforos;</p> <p>Relógio;</p>	<p>Os alunos colam no caderno as informações dadas pela professora corretamente e em silêncio.</p> <p>Os alunos realizam e corrigem a ficha corretamente e em silêncio.</p> <p>Os alunos manipulam o material de modo a corrigir a conta corretamente.</p> <p>Os alunos ajudam a fazer o relógio</p>
--	--	---	--	--

		<p>aleatoriamente para virem ao relógio construído em grupo para marcarem as horas dadas, fazendo deste modo, a correção do exercício caso não seja possível realizar esta atividade, fica para trabalho de casa.</p> <p>Para terminar, a professora faz uma breve síntese da aula dada, questionando os alunos:</p> <p>Professora: - Então meninos o que aprendemos hoje?</p> <p>Alunos: - A numeração romana.</p> <p>Professora: - E quando é que ela apareceu em Portugal?</p> <p>Alunos: - Há muito tempo atrás.</p> <p>Professora: - E como se chama a nossa representação dos números?</p> <p>Alunos: - Representação hindu árabe.</p> <p>Professora: - Muito bem e então digam-me lá como é que represento o número 5 em numeração romana?</p> <p>Alunos: - V.</p>	<p>Números romanos até ao 12; Ficha de trabalho.</p>	<p>trazido pela professora corretamente e de forma ordeira.</p> <p>Os alunos realizam e corrigem a ficha em silêncio.</p> <p>Os alunos mostram a sua atenção na aula dada, fazendo partilhas pertinentes e respondendo corretamente às questões colocadas pela professora estagiária.</p>
--	--	---	--	---

		<p>Professora: - E o 10?</p> <p>Alunos: - X.</p> <p>Professora -Muito bem, vejo que aprenderam muitas coisas novas, amanhã continuamos nesta viagem ao passado.</p>		
--	--	---	--	--

Anexo 3 – Planificação de estudo do meio (físico) do dia 4 de dezembro de 2018

Agrupamento de Escolas: ... Escola: ... Plano de Aula				
Mestrando: Ana	Ano/Turma: 3º ano	Período: 1º	Dia da semana: Terça-feira	Data: 4 /12 / 2018
Área disciplinar: Estudo do Meio (Físico)			Tempo: das 14:00 às 15:00	
Temas/Domínios	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Recursos/ Espaços Físicos	Avaliação
Bloco 1 – À descoberta de si mesmo: - O seu corpo.	PEMEB - Conhecer alguns órgãos do sistema reprodutor — localizar esses órgãos em representações do corpo humano.	Os alunos entram na sala e sentam-se nos devidos lugares. A professora saúda-os e prossegue a aula fazendo um pequeno diálogo com eles: Professora: - Hoje vamos aprender um sistema novo! Quais são os sistemas do corpo humano que já conhecem? Alunos: - Digestivo, circulatório, respiratório e excretor. Professora: - E acham que já estudaram de todos os sistemas do corpo humano ou ainda falta algum? Qual será? Que função terá?	Sala de Aula;	Os alunos dialogam com a professora e fazem partilhas pertinentes de forma organizada.

		<p>(deixar os alunos responder)</p> <p>Professora: - Nos sistemas que já estudaram havia alguma diferença entre os rapazes e as raparigas?</p> <p>Alunos: - Os sistemas já estudados são iguais tanto nos rapazes como nas raparigas.</p> <p>Professora: - Então quais são as diferenças evidentes entre os rapazes e as raparigas?</p> <p>Alunos: - As partes íntimas.</p> <p>Professora: - Pois é, e vocês sabem como se chama o sistema que engloba as partes íntimas do homem e da mulher?</p> <p>(deixar os alunos responder)</p> <p>Professora: - Chama-se sistema reprodutor e hoje vamos estudá-lo e perceber que órgãos o constituem. Vocês fazem ideia de qual seja a função deste sistema?</p> <p>(deixar os alunos responder)</p>		
--	--	---	--	--

		<p>Professora: - Vamos então descobrir mais sobre este sistema, estejam atentos!</p> <p>Após esta conversa introdutória com os alunos, a professora avança para a apresentação de um <i>PowerPoint</i> onde se poderá observar, ler e analisar qual a função do sistema reprodutor, que é a geração de novos seres fazendo assim com que as espécies não acabem, bem como, os órgãos que constituem o aparelho reprodutor feminino (ovários, vagina e útero) e o aparelho reprodutor masculino (testículos, pênis e uretra) entre outras explicações a nível da função dos órgãos, do que é a fecundação, e uma pequena abordagem ao desenvolvimento embrionário. A professora explica que um óvulo e um espermatozoide, juntos, contêm toda a informação para gerar uma nova vida. Que através da união sexual, um espermatozoide penetra no óvulo e que a este fenómeno se dá o nome de fecundação. Explica que da fecundação resulta um embrião que se desenvolve transformando-se num feto. No caso do ser humano, aproximadamente 40 semanas após a fecundação nasce um novo ser, cujo desenvolvimento ocorre no útero, dentro do ventre materno. O feto flutua dentro de um líquido que o protege. É através do cordão umbilical que recebe o oxigénio e os nutrientes vindos do sangue da mãe.</p> <p>Os slides vão surgindo, aparecendo primeiramente imagens e a professora vai mediando o diálogo com a turma de modo que sejam os alunos a chegar aos conceitos e apenas depois, se lançarão pequenos resumos.</p> <p>A professora vai fazendo questões do tipo:</p>	<p>Apresentação em <i>PowerPoint</i>;</p>	<p>Os alunos prestam atenção às informações dadas pela professora e questionam de forma organizada sempre que tiverem dúvidas e quiserem fazer partilhas pertinentes ao tema.</p>
--	--	---	---	---

		<p>Professora:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que podemos observar na imagem? - Que função terá este órgão? - Estes órgãos pertencerão aos rapazes ou às raparigas? - Imaginam para que serve o cordão umbilical? - Já viram a vossa mãe grávida? O que nos podem contar sobre isso? - Quanto tempo estiveram no ventre da vossa mãe, sabem? <p>...</p> <p>Em traços gerais, a professora vai passando os slides, vai analisando com os alunos o que lá está e vai explicando aos alunos dúvidas que possam eventualmente surgir.</p> <p>Seguidamente, a professora dá aos alunos uma pequena folhinha com a informação dada sobre o sistema reprodutor para os alunos colarem no caderno para poderem estudar, e depois faz uma breve análise do que lá está escrito consolidando deste modo, a matéria.</p> <p>Posto isto, passa para a atividade seguinte que se trata da construção do sistema reprodutor num retrato de um humano. A professora leva impresso em tamanho grande dois corpos, um de rapaz e um de rapariga, leva órgãos soltos e legendas. A docente cola os corpos no quadro e com a ajuda dos alunos constrói os aparelhos reprodutores masculino e feminino com as respetivas legendas. Posteriormente, ficará afixado nas cortiças da sala para os alunos consultarem sempre que for conveniente.</p>	<p>Folha com informações; Cola;</p> <p>Peças do corpo humano;</p>	<p>Os alunos colam a folha dada pela professora no caderno e analisam-na atentamente.</p> <p>Os alunos ajudam a docente na construção do</p>
--	--	---	---	--

		<p>Para explorar um pouco mais a parte do desenvolvimento embrionário, a professora passa no projetor um vídeo alusivo a esse tema. À medida que o vídeo vai passando podem ser analisados os momentos que vão sendo retratados.</p> <p>Vídeo: https://www.youtube.com/watch?v=l1qvUPYDnOY</p> <p>A professora vai dizendo:</p> <p>Professora:</p> <ul style="list-style-type: none">- Reparem, o ovo está a começar a dividir-se em células.- Conseguem ver a placenta? E o cordão umbilical?- O feto já tem 6 meses.- Está a ficar muito crescido e vejam como já tem as partes do corpo bem definidas.- Vocês já estiveram assim no ventre das vossas mães, é interessante, não é?- Olhem o feto já tem cabelo e pelinhos, está quase, quase a nascer! <p>...</p> <p>Seguidamente, a professora dá aos alunos uma ficha de trabalho sobre o sistema estudado.</p> <p>Caso ainda haja tempo, a docente corrige a ficha oralmente em grande grupo com os alunos. Senão, leva para corrigir em casa, e passa para a parte final da aula.</p> <p>Para terminar, a professora faz uma breve síntese com os alunos:</p>	<p>Vídeo;</p> <p>Ficha de trabalho.</p>	<p>sistema reprodutor mostrando desse modo que memorizaram e compreendem os órgãos correspondentes a cada aparelho reprodutor.</p> <p>Os alunos prestam atenção ao vídeo, analisando-o e fazendo partilhas pertinentes.</p> <p>Os alunos realizam a ficha de trabalho corretamente e em silêncio.</p>
--	--	---	---	---

		<p>Professora: - Qual foi o sistema que estudamos hoje?</p> <p>Alunos: - Sistema Reprodutor.</p> <p>Professora: Qual a função desse sistema no nosso organismo?</p> <p>Alunos: - Continuar as espécies através da geração de novos seres.</p> <p>Professora: - Quais são os órgãos que constituem o aparelho reprodutor masculino?</p> <p>Alunos: - Uretra, pênis e testículos.</p> <p>Professora: - Quais são os órgãos que constituem o aparelho reprodutor feminino?</p> <p>Alunos: - Vagina, ovário e útero.</p> <p>Professora: - Que nome se dá à união do óvulo com o espermatozoide?</p> <p>Alunos: - Fecundação.</p> <p>Professora:</p>		<p>Os alunos mostram a sua atenção na aula dada, respondendo corretamente às questões colocadas pela professora.</p>
--	--	---	--	--

		- Muito bem, vejo que aprenderam muitas coisas novas hoje, espero que tenham gostado da aula, até amanhã.		
--	--	---	--	--

Anexo 4 – Planificação de estudo do meio (social) do dia 15 de janeiro de 2019

Agrupamento de Escolas: ...				
Escola: ...				
Plano de Aula				
Mestranda: Ana	Ano/Turma: 3º Ano	Período: 2º	Dia da semana: Terça-feira	Data: 15/01/2019
Área disciplinar: Estudo do Meio (Social)			Tempo: das 14:00h às 15:00h	
Temas/Domínios	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Recursos/Espaços Físicos	Avaliação
3. O passado do meio local.	- Identificar figuras da história local presentes na toponímia, estatuária, tradição oral...	Os alunos entram na sala e sentam-se nos devidos lugares. A professora saúda-os e prossegue a aula dizendo: Professora: - Hoje vamos fazer uma viagem ao passado e ao presente, vamos observar estas imagens, vejam se conhecem. A professora inicia a aula com a apresentação de um <i>PowerPoint</i> sobre o passado do meio local e sobre o património histórico e cultural, fundamentalmente de Perre. A apresentação começa com a visualização de imagens do património de Perre nos seus vários tipos,	Sala de Aula; Apresentação em <i>PowerPoint</i> ;	Os alunos observam as imagens e dialogam com a professora com

	<p>- Conhecer vestígios do passado local.</p>	<p>mas os alunos apenas vão observar as imagens e no final em conjunto é que vamos tentar perceber o que é isto de património. Nesta fase inicial o importante é que eles percebam que aqueles tipos de património são algo muito importante, pois foram os antepassados que nos deixaram para que hoje a nossa identidade fosse esta. A professora vai fazendo questões do tipo:</p> <p>Professora:</p> <ul style="list-style-type: none"> - E se agora uma pessoa estivesse interessada em comprar este edifício/terreno para construir aqui uma casa e deitasse tudo isto abaixo? - Já pensaram que se calhar os vossos pais brincaram aqui... é uma memória boa para eles, imagino. E é interessante para vocês saberem onde brincaram os vossos pais. Agora pensem se o presidente da câmara mandasse deitar isto tudo abaixo, para fazer passar aqui uma estrada nova. Já nem vocês podiam brincar aqui! O que acham sobre isto? - E se nunca ninguém tivesse inventado a receita do tão delicioso arroz doce de Perre? Hoje não nos deliciávamos com ele. O que acham se eu mandar queimar todas as receitas de arroz doce que existem? - Já pensaram que se não houvesse estes monumentos, vocês não podiam fazer visitas de estudo, porque não tinham nada para ver... <p>...</p>		<p>partilhas pertinentes ao tema.</p>
--	---	--	--	---------------------------------------

		<p>Portanto, sem que se diga que isto se trata de património, nem que se diga que existem vários tipos do mesmo, o conteúdo está indiretamente a ser dado e está a fazer-se uma sensibilização para a importância que tiveram os nossos antepassados.</p> <p>Feita esta dinâmica com os alunos, a professora avança agora para a explicação de que tudo que observamos é o património de Perre. Aborda então os vários tipos de património, fazendo referência novamente às imagens vistas no início, por exemplo:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Monumentos. “Um exemplo de um monumento é a igreja paroquial que já vimos, é um património construído porque está edificado, foi feito por alguém!” - Gastronomia. “Olhem a gastronomia, refere-se à comida como o arroz doce ou os rojões que vimos nas imagens.” <p>...</p> <p>A dinâmica desta apresentação prende-se não apenas com a exposição do tema, mas também, com a exploração do mesmo e com o diálogo com os alunos. É importante que os alunos vão partilhando patrimónios que já visitaram, terras onde foram, coisas que já comeram... para que, a aula se torne mais rica e mais dinâmica. Sensibilizá-los para que quando estiverem perante algum património, lhe deem o devido valor e importância dado aquilo ser a nossa identidade, pois foi-nos deixado pelos nossos antepassados.</p>		<p>Os alunos estão atentos às explicações da professora.</p> <p>Os alunos fazem partilhas pertinentes das suas experiências.</p>
--	--	---	--	--

		<p>Os alunos podem partilhar tudo que sabem sobre a sua terra, ajudando até de certa forma, a professora pois, certamente à aspetos que ela não saberá pois não é da terra, mas ela vai moderando o diálogo e fazendo questões orientadoras.</p> <p>Feito isto, a professora passa para a explicação da diferença entre património material e património imaterial e, posto isto, realiza uma atividade com a turma. A professora leva vários tipos de património em imagens e os alunos têm de associar se aquele património se trata de um património material ou imaterial. A atividade é feita no quatro e a professora vai chamando alunos aleatoriamente para a vir realizar.</p> <p>Já na parte final da aula, resta sensibilizar os alunos para a preservação do património. Nesta altura, eles já perceberam que o património é algo muito importante para a sociedade, mas falta perceber de que forma o podemos preservar para que um dia mais tarde as pessoas também tenham oportunidade de poder usufruir dele tal como nós podemos hoje em dia. A professora faz a seguinte questão:</p> <p>Professora: - Já vimos que o património é algo muito importante para uma nação, mas de que forma é que vocês acham que o podemos preservar, para que todas as pessoas um</p>	<p>Imagens jogo;</p>	<p>Os alunos partilham aspetos da história local.</p> <p>Os alunos realizam o jogo, associando as imagens ao conceito correto.</p> <p>Os alunos ficam sensibilizados para a importância da preservação do património.</p>
--	--	---	--------------------------	---

		<p>dia mais tarde possam usufruir dele tal como vocês hoje?</p> <p>(deixar os alunos responder)</p> <p>A professora depois das partilhas dos alunos, coloca um slide referente à preservação do património e sensibiliza os alunos para que o façam.</p> <p>Em jeito de conclusão, a professora termina a aula com uma questão feita aos alunos:</p> <p>Professora:</p> <p>- Imaginem que estavam a brincar num jardim. Encontravam umas moedas de ouro muito antigas, mas muito antigas mesmo! O que faziam?</p> <ul style="list-style-type: none"> • Ficam com elas e passavam a ser ricos para o resto da vida? • Ou levavam-nas a um museu para que todas as pessoas do mundo as podem admirar? <p>(deixar os alunos responder)</p> <p>A aula termina com esta pergunta, o ideal seria que todos os alunos levassem as moedas a um museu, isto faria com a professora percebesse que fez um bom trabalho com a turma em termos de sensibilização.</p>	<p>Apresentação em <i>PowerPoint</i>.</p>	<p>Os alunos respondem à questão da professora, dando a sua opinião sobre o que fariam com as moedas.</p>
--	--	---	---	---

Anexo 5 – Planificação de educação físico-motora do dia 30 de janeiro de 2019

Agrupamento de Escolas: ... Escola: ... Plano de Aula				
Mestranda: Ana	Ano/Turma: 3º Ano	Período: 2º	Dia da semana: Quarta-feira	Data: 30/01/2019
Área disciplinar: Educação Físico-Motora			Tempo: das 14:00h às 15:00h	
Temas/Domínios	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Recursos/Espaços Físicos	Avaliação
Jogos	Participar em jogos ajustando a iniciativa própria e as qualidades motoras na prestação às possibilidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objetivo, realizando habilidades básicas e ações técnico-táticas fundamentais, com	<p>A professora saúda os alunos e prossegue a aula com a realização do aquecimento.</p> <p><u>Aquecimento (15 min.)</u></p> <p><u>Jogo do cima e baixo (5 min)</u></p> <p>Os alunos são convidados a correr à volta do ginásio / campo de jogos exterior e a realizarem as tarefas pedidas pela professora. Quando a professora disser “cima” os alunos têm de saltar e quando a professora disser “baixo” os alunos têm de tocar com as mãos no chão, continuando a correr depois de realizada a tarefa.</p> <p><u>Jogo do Gelo (10 min.)</u></p>	Ginásio ou campo de jogos exterior (mediante condições meteorológicas);	Os alunos realizam atividade movendo-se em corrida pelo espaço e obedecendo às tarefas ditas pela professora.

	<p>oportunidade e correção de movimentos.</p>	<p>Os alunos estão todos a correr aleatoriamente pelo ginásio / campo de jogos exterior. A professora menciona um ou dois alunos para serem o “gelo”, e esses alunos têm como função “congelar” os companheiros como um jogo de apanhada. Quem for “congelado” (apanhado) fica em estátua de pernas afastadas, os outros podem “salvá-lo” passando por baixo das pernas. A docente vai mudando os alunos que fazem de “gelo”.</p> <p><u>Desenvolvimento da Aula (35 min.)</u></p> <p>Nesta parte da aula, a professora divide os alunos em duas equipas equilibradas e, se possível, com o mesmo número de elementos para a realização das atividades. Estas consistirão em jogos de equipa e a professora propõe aos alunos uma competição. A docente dá coletes de duas cores para a divisão das equipas e leva uma tabela para contabilizar os pontos que vão sendo somados por cada equipa. Sempre que uma equipa vence, ganha 1 ponto.</p> <p><u>Jogo dos 5/10 passes (10 min)</u></p> <p>Estando as equipas já formadas, a professora atira uma bola ao ar e o elemento que a apanhar inicia o jogo. Os alunos devem realizar inicialmente 5 passes</p>	<p>Coletes de 2 cores diferentes;</p> <p>Tabela;</p>	<p>Os alunos realizam o jogo tentando fintar e fugir do “gelo”.</p> <p>O aluno que faz de “gelo” tenta apanhar o maior número de colegas movendo-se pelo espaço em corrida.</p> <p>Os alunos ouvem e retêm as informações dadas pela docente.</p> <p>Os alunos realizam a</p>
--	---	---	--	---

<p>Jogos</p>	<p>Jogar em equipa promovendo o <i>fairplay</i>.</p> <p>Tratar os colegas de equipa e os adversários com igual cordialidade e respeito, evitando ações que ponham em risco a sua integridade física.</p> <p>Participar em jogos ajustando a iniciativa própria e as qualidades motoras na prestação às possibilidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objetivo, realizando habilidades básicas e ações técnico-táticas fundamentais, com oportunidade e correção de movimentos.</p>	<p>consecutivos entre a sua equipa para ganhar ponto, posteriormente, se a atividade estiver a correr bem, a professora pede que os alunos realizem 10 passes. Quando uma equipa ganha ponto, dá a vez à equipa adversária de iniciar uma nova contagem. Ganha a equipa que conseguir realizar mais vezes os 5 ou os 10 passes consecutivos. A bola não pode cair ao chão caso aconteça a equipa adversária ganha a bola. A atividade decorre durante 10 minutos e a professora vai apontando na tabela os pontos somados por cada equipa.</p> <p><u>Jogo da corda (5 min)</u></p> <p>A professora aproveita as equipas já realizadas para a realização desta atividade. Assegurando que as equipas estão equilibradas em termos de força. De cada lado e à mesma distância os alunos seguram uma corda com um lenço ao meio. Entre as equipas, antes de começar o jogo, traça-se ao meio duas linhas no chão com cordas. Cada equipa tenta puxar a corda para o seu lado, ganhando aquela que conseguir arrastar a outra equipa, fazendo com que o lenço ultrapasse a linha marcada no chão. É derrotada também uma equipa se os seus elementos caírem ou largarem a corda. A professora vai apontando os pontos conseguidos por cada equipa.</p> <p><u>Jogo do lenço (10 min)</u></p>	<p>Bola pequena;</p> <p>Cordas;</p>	<p>atividade tentado fazer 5 ou 10 passes consecutivos entre a sua equipa.</p> <p>Os alunos realizam habilidades básicas e ações técnico-táticas.</p> <p>Os alunos realizam fintas e desmarcam-se.</p> <p>Os alunos criam linhas de passe.</p> <p>Os alunos exercem força, puxando a corda fazendo com que a equipa adversária trespasse a</p>
--------------	---	---	-------------------------------------	--

Deslocamentos e equilíbrios	Saltar em arcos. Contornar cones. Equilibrar-se em cima de cordas.	<p>Entre as equipas formadas, os alunos combinam números entre si sem os revelar à equipa adversária. Depois, cada equipa coloca-se na margem do campo ou do ginásio com a professora posicionada ao meio com um lenço na mão. A docente vai dizendo alto um número e os alunos que corresponderem a esse número devem correr até ao lenço. O primeiro elemento a tocar no lenço conquista 1 ponto para a sua equipa.</p> <p><u>Circuito (15 min.)</u></p> <p>A professora forma no chão dois circuitos iguais, um para cada equipa. Os alunos devem realizar o circuito e a equipa a terminar primeiro senta-se no chão indicando isso mesmo, que terminou ganhando, desta forma, ponto para a sua equipa. Todos os elementos da equipa têm de realizar o circuito. Este consiste na realização de saltos alternados em arcos, depois passagem por cima de uma corda com os pés, contorno de cones em zig-zag, e saltos a pés juntos em arcos depois voltam, realizando o mesmo percurso. Quando terminam tocam na mão do colega e este sai para a realização da atividade. Um aluno escolhido aleatoriamente, realiza o percurso exemplificando aos colegas antes de iniciar. As equipas realizam o circuito 3 vezes ao comando da professora.</p>	Lenço; Arcos; Cones; Cordas;	<p>linha central marcada no chão.</p> <p>Os alunos ficam atentos e quando ouvem o seu número correm tentando tocar no lenço em primeiro lugar.</p> <p>Os alunos tentam fintar os colegas da equipa adversária.</p> <p>Os alunos realizam o circuito de forma correta, saltando alternadamente entre os arcos, passando em cima da corda</p>
-----------------------------	--	--	---	---

Relaxamento	Relaxar o corpo e diminuir a frequência cardíaca.	<p><u>Relaxamento (5 min.)</u></p> <p>Os alunos formam pares colocando-se de frente um para o outro e ao som de uma música calma um dos elementos de cada par faz gestos suaves ao seu gosto. O companheiro deve copiá-los. Ao comando da professora os alunos trocam e fica o outro a copiar os movimentos.</p> <p>Feito isto, a professora faz a contagem dos pontos e revela a equipa vencedora, presenteando-a com a salva de palmas por parte de toda a turma.</p>	Música.	<p>sem se desequilibrar, contornado os cones mantendo também o equilíbrio e a destreza nas deslocações rápidas e em linha curva e saltam a pés juntos.</p> <p>Os alunos relaxam o corpo e diminuem a frequência cardíaca.</p>
-------------	---	--	---------	---

Anexo 6 – Planificação da atividade sobre a Reflorestação do dia 18 de janeiro de 2019

Agrupamento de Escolas: ... Escola: ... Plano de Aula				
Mestranda: Ana	Ano/Turma: 3º Ano	Período: 2º	Dia da semana: Sexta-feira	Data: 18/01/2019
Área disciplinar: Atividade Reflorestação			Tempo: das 09:00h às 12:00h	
Temas/Domínios	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Recursos/E espaços Físicos	Avaliação
Leitura (Português)	6. Ler textos diversos 8. Organizar conhecimentos do texto.	<p>Neste dia será realizada a atividade que vai ao encontro do tema da escola de Perre que é a Reflorestação, nesse sentido, as estagiárias prepararam uma aula diferente que irá mobilizar os alunos pela escola durante todo o dia.</p> <p>A dinâmica inicia em sala de aula às 9h. Os alunos são recebidos e saudados. As estagiárias vão explicar que o dia de hoje será diferente e pede-lhes que se organizem numa fila para irmos para a biblioteca da escola.</p> <p>Às 9:05h partimos para a biblioteca. Neste espaço, será lido o poema “Cortar” do livro As Fadas Verdes de Matilde Rosa Araújo, um poema alusivo ao corte das árvores e à conseqüente tristeza que a terra sente por</p>	Sala de aula; Biblioteca;	<p>Os alunos vão para a biblioteca em silêncio e de forma ordeira.</p> <p>Os alunos ouvem atentamente a leitura do poema.</p>

<p>Educação literária (Português)</p> <p>1. Os seus itinerários (Estudo do Meio)</p>	<p>21. Ler e ouvir textos literários.</p> <p>22. Compreender o essencial dos textos escutados e lidos.</p> <p>- Localizar os pontos de partida e de chegada.</p> <p>- Traçar os itinerários em plantas ou mapas.</p>	<p>esse ato. Depois de lido, é feita uma breve interpretação externa e interna do poema, bem como, é explorada a mensagem que o texto nos transmite, pois será em volta disso que o nosso dia se irá focar. Esta atividade termina às 9:25h.</p> <p>Às 9:25h é explicada por parte das estagiárias a atividade que se irá realizar na próxima hora. Essa atividade terá o nome de “Peddy Papper Sustentável” e consiste num percurso pelo exterior da escola com paragens em postos. Cada posto terá a duração de 15 min. Existirão 3 postos, um com atividades da área de português, outro da área de matemática e outro da área de estudo do meio social e físico. A turma será dividida em 3 grupos e será dado a cada grupo um saco com um “kit de explorador” (material de escrita, bloco de notas e umas luvas), um crachá identificador do aluno e do grupo e um mapa com o percurso que cada grupo terá de fazer.</p> <p>Às 9:30h começa a atividade – Peddy Papper Sustentável.</p> <p>Os alunos começam a olhar para o mapa e traçar o seu itinerário.</p> <p>Um posto fica na entrada, outro no campo de jogos e o outro no jardim da cantina.</p> <p>As 3 docentes da turma distribuem-se pelos 3 postos.</p> <p>Em todos os postos haverá uma adivinha e os alunos têm de a tentar desvendar se assim for, ganham um ponto,</p>	<p>Livro com o poema “Cortar”;</p> <p>Recreio;</p> <p>Saco com “kit de explorador” (material de escrita, bloco de notas e umas luvas);</p> <p>Crachá;</p> <p>Mapa;</p>	<p>Os alunos fazem partilhas pertinentes ao tema e respondem corretamente às questões da professora.</p> <p>Os alunos ouvem atentamente as explicações dadas pelas docentes.</p> <p>Os alunos deslocam-se aos postos corretos interpretando corretamente o mapa dado.</p>
--	--	--	--	---

<p>Leitura (Português)</p> <p>Educação literária (Português)</p> <p>Localização e orientação no espaço (Matemática)</p> <p>À descoberta do ambiente natural (estudo do meio)</p>	<p>6. Ler textos diversos</p> <p>8. Organizar conhecimentos do texto.</p> <p>21. Ler e ouvir textos literários.</p> <p>22. Compreender o essencial dos textos escutados e lidos.</p> <p>1. Situar-se e situar objetos no espaço.</p> <p>- Os seres vivos do ambiente próximo.</p>	<p>caso não descubram ganham 0 pontos (o total de pontos será contabilizado no final da atividade).</p> <p>Mais especificamente, no posto de português (posto 1) os alunos encontrarão um livrinho com 2 poemas alusivo ao ambiente do livro As Fadas Verdes de Matilde Rosa Araújo. A docente desse posto, fará uma breve interpretação dos poemas e os alunos têm de responder às questões presentes no livrinho que é dado ao grupo.</p> <p>No posto da matemática (posto 2), os alunos terão a oportunidade de realizar de uma flor (tulipa) em origami, onde o procedimento será descrito através de termos matemáticos de geometria. Feita a flor, os alunos escrevem o seu nome e vão afixá-la num cartaz onde terá a frase: “Todas as flores do futuro estão contidas nas sementes de hoje”.</p> <p>Por último, o posto de estudo do meio físico e social (posto 3), está organizado de modo a que os alunos depois da adivinha, tenham alguns desafios. O primeiro será, com as luvas, recolher algum lixo que estará espalhado no jardim da cantina e separá-lo pelos respetivos contentores, simulando a limpeza das florestas, depois terão a oportunidade de plantar uma semente de amor perfeito num vasinho e, por fim, identificá-la colocando uma etiqueta com o seu nome e com a data do dia de hoje em numeração romana (XVIII / I / MMIX).</p> <p>Estas atividades são atividades que vão ao encontro da temática abordada e que promovem também o trabalho</p>	<p>Adivinhas;</p> <p>Livrinho com poemas e perguntas;</p> <p>Folhas de papel quadradas; Cartaz;</p> <p>Luvas; Lixo para separar</p>	<p>Os alunos desvendam as adivinhas;</p> <p>Os alunos leem e interpretam os poemas respondendo corretamente às questões.</p> <p>Os alunos dialogam entre si sobre a mensagem do poema.</p> <p>Os alunos realizam a flor em origami corretamente, atendendo às orientações de geometria dadas pela docente.</p> <p>Os alunos escrevem o seu nome na flor e colam-na no cartaz. Os alunos apanham o lixo do jardim e separam-no pelos</p>
--	---	---	---	---

<p>Números Naturais (Matemática)</p>	<p>3. Conhecer a numeração romana.</p>	<p>em grupo, a cooperação, a oportunidade de estar ao ar livre e a amizade.</p> <p>Terminada esta atividade, são arrumados todos os materiais, recolhidas todas as folhas e os alunos vão para o intervalo da manhã.</p> <p>Na segunda parte da manhã, às 10:30h os alunos são encaminhados para o campo de jogos, desta vez, em grande grupo e com todas as professoras. Aqui, será feita a dinâmica “Atividades ao ar livre”. Esta dinâmica tem como objetivo sensibilizar os alunos para o hábito de uma vida saudável, para a importância do ar puro e conseqüentemente para a reflorestação pois, sem ela, brincar ao ar livre não seria tão potencialmente saudável.</p> <p>Serão feitos jogos tradicionais como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Jogo do saco; - Jogo da colher; - Jogo das bolas na testa; - Jogo das cadeiras; - Jogo do mata; - Jogo do lençinho vai na mão. <p>Feito isto, os alunos vão almoçar e dão-se por terminadas as atividades da parte da manhã.</p>	<p>pelos contentores ; Contentores ; Etiquetas; Vasos; Sementes; Terra;</p>	<p>contentores corretamente.</p> <p>Os alunos plantam uma semente de amor perfeito e percebem as condições que uma planta tem de ter para sobreviver.</p>
<p>Jogos (Educação físico-motora)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Cooperar com os companheiros nos jogos e exercícios, compreendendo e aplicando as regras combinadas na turma, bem como os princípios de cordialidade e respeito na relação com os colegas e o professor. - Participar, com empenho, no aperfeiçoamento da sua habilidade nos diferentes tipos de atividades, procurando realizar as ações adequadas com correção e oportunidade. 	<p>Os alunos colocam a etiqueta na planta com o nome e com a data do dia em numeração romana corretamente.</p> <p>Os alunos realizam as atividades físico-motoras, com destreza, habilidade e cooperação entre a turma.</p>	<p>Sacos; Colheres; Batatas; Bolas pequenas;</p>	

	<p>- Participar em jogos ajustando a iniciativa própria e as qualidades motoras na prestação às possibilidades oferecidas pela situação de jogo e ao seu objetivo, realizando habilidades básicas e ações técnico-táticas fundamentais, com oportunidade e correção de movimentos.</p>		<p>Dispositivo de som; Lenço;</p>	
--	--	--	---------------------------------------	--

Anexo 7 – Planificação de português do dia 4 de abril de 2019

Agrupamento de Escolas: ... Escola: ... Plano de Aula					
Mestranda: Ana Barbosa		Ano/Turma: 5º B	Período: 2º	Dia da semana: Quinta-feira	Data: 4/04/2019
Área disciplinar: Português			Tempo: das 15:10h às 16:40h		
Temas/Domínios	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Recursos/Espaços Físicos	Avaliação	
Educação literária	MCPEB – 20. Ler e interpretar textos literários. MCPEB – Aperceber-se de recursos expressivos utilizados na construção dos textos literários. AE – Ler integralmente textos literários de natureza narrativa. AE – Reconhecer a estrutura e os	Os alunos entram na sala e sentam-se nos devidos lugares. A professora saúda-os, abre a lição do dia no quadro e prossegue a aula dizendo: Professora: - Hoje será a última aula que eu vos vou dar e para fechar este ciclo da obra “A fada Oriana” gostava de hoje poder conversar um pouco convosco sobre a obra a nível global. Vou colocar no projetor o enredo em filme para poderem recordar alguns episódios e poderem contactar com a mesma história, mas apresentada de uma outra forma, em filme. A docente inicia a aula com a projeção da obra “A Fada Oriana” de Sophia de Mello Breyner Andresen, em filme (16 min).	Sala de Aula; Vídeo; Computador; Projetor;	Os alunos visualizam o vídeo atentamente e	

<p>Oralidade</p>	<p>elementos constitutivos do texto narrativo.</p> <p>MCPEB – 1. Interpretar textos. MCPEB – 4. Apresentar argumentos.</p>	<p>Filme: https://www.youtube.com/watch?v=HRRuBWP4BKc Depois de visualizado o filme, a docente vai colocar algumas questões à turma no sentido de se fazer uma visão e reflexão global da obra que tem vindo a ser estudada ao longo do final do 2º período. Para orientar o diálogo, a docente vai fazendo questões como:</p> <ul style="list-style-type: none"> - O que acharam do vídeo? - Quem é a personagem principal? - Que outras personagens apareceram na história? - Gostaram da obra em geral? Porquê? - Qual foi a parte que mais gostaram da obra? Porque? - Qual foi a parte que menos gostaram da obra? Porquê? - Que temas podem ser trabalhados a partir desta obra? (amor, amizade, bondade, pobreza, tentações, ...) - Agora que terminamos, com qual fada (boa ou má) se identificam mais? Devemos seguir o exemplo de qual delas? - O que aprenderam com esta obra? <p>Seguidamente, a professora entrega aos alunos as fichas de leitura corrigidas e pede-lhes que partilhem as suas nuvens de palavras. Os alunos partilham-na e a professora vai escrevendo algumas palavras no quadro formando uma nuvem de palavras de turma. Feito isto, e como a estagiária tinha levado para casa as fichas de leitura dos alunos, realizou previamente</p>	<p>recordam a história estudada.</p> <p>Os alunos respondem às questões colocadas pela professora com partilhas pertinentes ao tema.</p> <p>Os alunos refletem sobre a obra global e partilham ideias e pontos de vista.</p> <p>Os alunos partilham as suas palavras e ajudam a formar uma nuvem de palavras de turma.</p>
------------------	--	---	--

		<p>no site: https://www.nubedepalabras.es uma nuvem de palavras em forma de árvore com as palavras dos alunos. Feito isto, apresenta-lhes, então, essa mesma nuvem de palavras colada já num cartaz.</p> <p>Posto isto, a docente propõe uma atividade à turma. Dá a cada aluno um desenho alusivo à obra e um exemplar da obra “A Fada Oriana”. Depois, é pedido aos alunos que escrevam onde quiserem no desenho dado, uma frase que tenham gostado retirada da obra. Feito isto, os alunos podem decorar o desenho ao seu gosto pois ele, seguidamente, será colado no cartaz anteriormente referido, decorado como se fosse uma floresta, feito pela estagiária. No final da atividade, esse cartaz será afixado nas paredes do Bloco B, para que a restante escola possa ver os trabalhos realizados pelos alunos, bem como, eles mesmos possam recordar a experiência pela qual passaram ao longo destes últimos tempos.</p> <p>Para terminar, e para que os alunos fiquem com uma recordação da obra e da professora, esta dá a cada aluno um marcador de livros, alusivo à obra estudada.</p> <p>Termina, desta forma, a leção da obra “A Fada Oriana” de Sophia de Mello Breyner Andresen.</p> <p><u>Sumário:</u></p>	<p>Desenhos;</p> <p>Marcador de livros.</p>	<p>Os alunos escrevem uma frase no desenho e decoram-no a seu gosto.</p>
--	--	---	---	--

		Conclusão do estudo da obra “A Fada Oriana”. Realização de um trabalho para afixar na escola relacionado com a obra anteriormente dita.		
--	--	---	--	--

Bibliografia

DGE. 2018. Aprendizagens Essenciais. Acedido em 18 de fevereiro de 2019, na Web Site de DGE:

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/1_ciclo/portugues_1c_3a_ff.pdf

DGE, (2013). Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico. Acedido em 18 de fevereiro de 2019, na Web Site de DGE:

https://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Basico/Metas/Portugues/pmcpeb_julho_2015.pdf

Andresen, S., A Fada Oriana, Porto Editora

Filme: <https://www.youtube.com/watch?v=HRRuBWP4BKc>

Anexo 8 – Planificação de História e Geografia de Portugal do dia 24 de abril de 2019

Agrupamento de Escolas: ... Escola: ... Plano de Aula				
Mestranda: Ana Barbosa	Ano/Turma: 6º C	Período: 3º	Dia da semana: Quarta-feira	Data: 24/04/2019
Área disciplinar: História e Geografia de Portugal			Tempo: das 10:10h às 11:40h	
Temas/Domínios	Conhecimentos, Capacidades e Atitudes	Desenvolvimento da aula e propostas de trabalho	Recursos/Espaços Físicos	Avaliação
O 25 de Abril de 1974 e o regime democrático.	1. Conhecer e compreender as causas do golpe militar do 25 de Abril de 1974.	Os alunos entram na sala e sentam-se nos devidos lugares. A professora saúda-os e abre a lição do dia no quadro. A aula de hoje irá incidir sobre o 25 de abril de 1974, mas antes de revelar pormenores e conceitos, a professora faz algumas questões aos alunos, no sentido de perceber as suas conceções e ideias sobre o assunto, aproveitando até, o facto de o dia 25 de abril ser no dia seguinte a esta aula, por coincidência. Questões: - Sabem de algum feriado que se esteja a aproximar? - O que se celebra nesse feriado? - O que sabem sobre o 25 de abril? - O que é uma revolução?	Sala de Aula;	Os alunos respondem às questões colocadas

		<p>- Acham que foi importante essa revolução? Porquê? (deixar os alunos responder)</p> <p>Feito este diálogo inicial, é evidente a ligação com o assunto a tratar nesta aula – O golpe militar de 25 de abril de 1974. Com isto, a professora pergunta à turma: - O que terá levado ao acontecimento desta revolução? (deixar os alunos responder)</p> <p>A professora coloca a projetar uma apresentação em <i>Power Point</i> que levará os alunos numa viagem sobre o dia 25 de abril de 1974. Dará conta dos antecedentes, da constituição do MFA, do desenrolar dos acontecimentos, "minuto a minuto", do desfecho desta revolução e ainda revela o porquê deste golpe ser conhecido também como a Revolução dos Cravos. Foi escolhido este tipo de apresentação para esta aula, pois é importante que aos alunos vejam mapas, imagens e vídeos de toda a preparação do golpe de modo a que este tema lhes seja mais próximo e o compreendam melhor.</p> <p>O <i>Power Point</i> vai sendo explorado pela professora e pelos alunos, analisando não só o texto, mas também as imagens, os mapas e os vídeos nele presentes. À medida que a docente vai explicando todo o desenrolar deste golpe os alunos vão acompanhando com o manual entre as páginas 129 a 131, pois também serão lidos alguns documentos do livro. Sempre que é lido um documento ou vista uma imagem é fulcral que os alunos identifiquem se estamos perante uma fonte primária ou secundária e</p>	<p>Apresentação <i>Power Point</i>;</p> <p>em</p>	<p>pela professora com partilhas pertinentes ao tema e de forma ordeira.</p> <p>Os alunos acompanham a apresentação em <i>Power Point</i>, realizando perguntas, tirando dúvidas e fazendo partilhas pertinentes ao tema.</p> <p>Os alunos analisam, imagens, documentos, mapas e vídeos, retirando deles a</p>
--	--	--	---	---

		<p>tem-se a intenção do o fazer nesta aula também. A dinâmica será basicamente esta, sendo que será ainda, sempre muito promovido o diálogo entre os alunos e com a professora.</p> <p>Posto isto, e para terminar a aula, a professora estagiária propõe uma atividade à turma. Esta trata-se da realização pelos alunos individualmente de uma estrofe sobre o 25 de abril. É esperado que a professora ainda as consiga corrigir para que, em casa, os alunos façam a ilustração dessa estrofe numa folha dada pela professora com o título “45 anos de liberdade”, onde se pretende dar asas à imaginação dos alunos. A ilustração pode ser feita através de colagens, pinturas, desenhos, etc e será até pedido que os alunos, se possível, que realizem esta atividade em família. É importante envolver a família neste tema, pois é um tema que deve ser lembrado por todos os portugueses dada a bravura e coragem dos nossos soldados em desencadear tal revolução. Os trabalhos dos alunos serão expostos na escola na aula seguinte, de dia 29/04.</p> <p>Sumário:</p> <p>O golpe militar de 25 de abril de 1974.</p>	<p>Folha para os alunos escreverem e ilustrarem a sua estrofe.</p>	<p>ideia principal e percebendo o seu objetivo.</p> <p>Os alunos realizam uma estrofe relacionada com o 25 de abril de 1974 e ilustram-na de forma criativa.</p>
--	--	--	--	--

Bibliografia

DGE. 2018. Aprendizagens Essenciais. Acedido em 2 de abril de 2019, na Web Site de DGE:

http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/Curriculo/Aprendizagens_Essenciais/2_ciclo/6_historia_e_geografia_de_portugal.pdf

DGE, (2013). Programa e Metas Curriculares de Português do Ensino Básico. Acedido em 2 de abril de 2019, na Web Site de DGE:

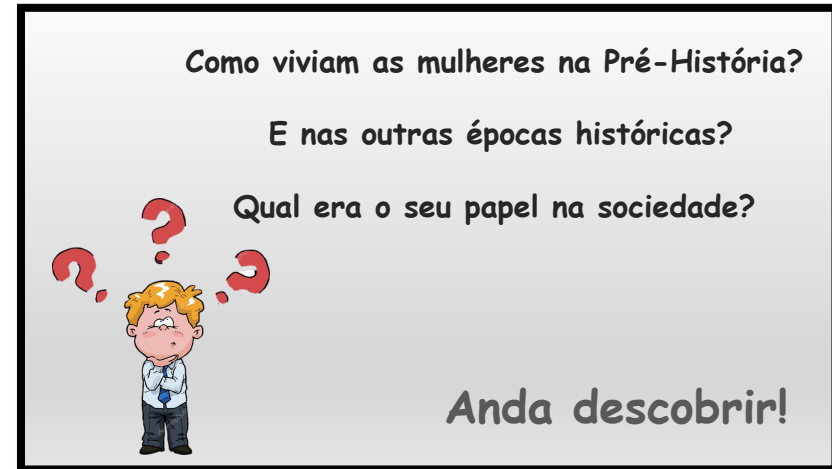
http://www.dge.mec.pt/sites/default/files/ficheiros/eb_hgp_metas_curriculares_2_ciclo.pdf

Costa, F. Marques, A. Ribeiro, C. (2017) História e Geografia de Portugal. Porto Editora. Porto.

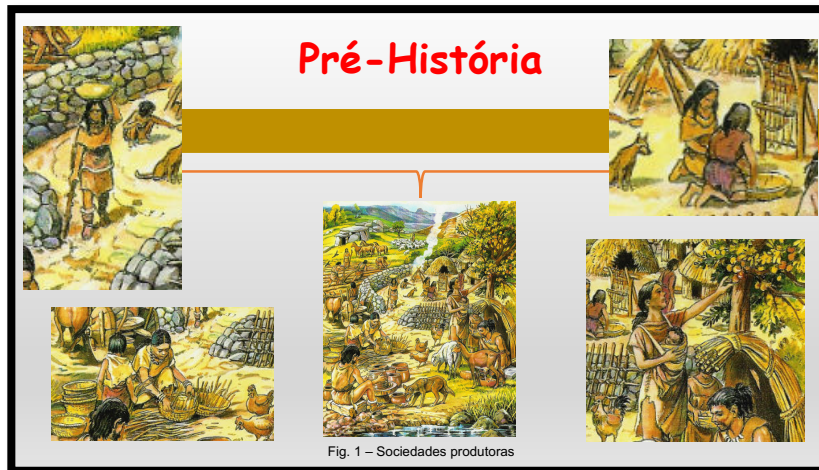
Anexo 9 – PowerPoint aula 1 do estudo



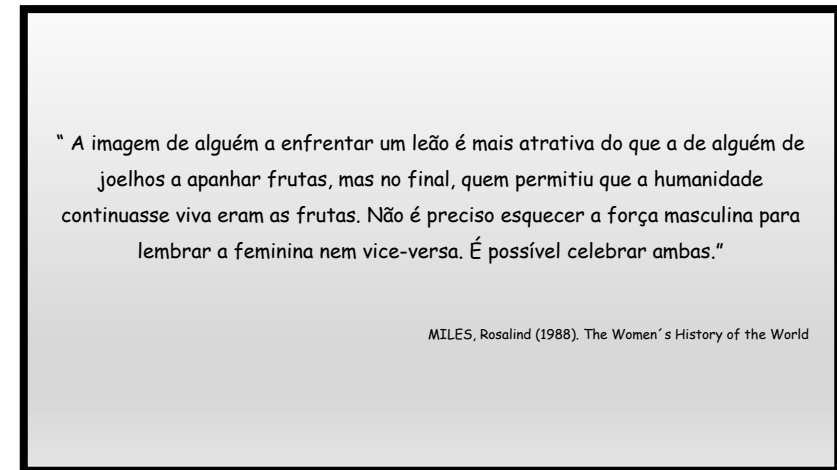
Diapositivo 1



Diapositivo 2



Diapositivo 3



Diapositivo 4



Diapositivo 5



Diapositivo 6

- 3 000 a.C. **Antiguidade Clássica** - 476 d. C.

Civilização Romana

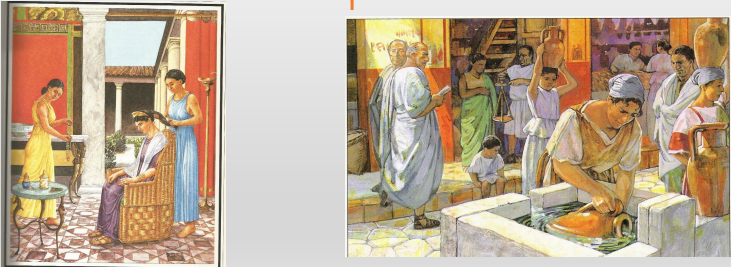


Fig.7 – Mulheres a cuidar da beleza

Fig. 8 – Mulher a abastecer água nos fontanários públicos

Diapositivo 7

- 476 d. C. **Idade Média** - 1492 d. C.

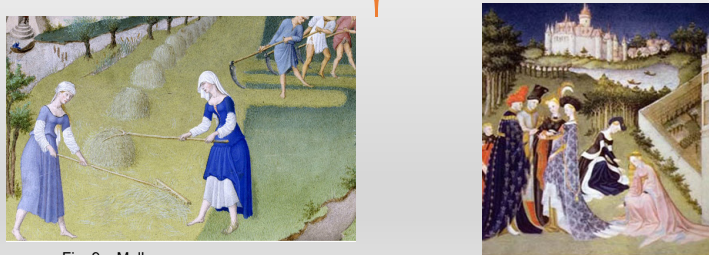


Fig. 9 – Mulheres camponesas

Fig. 10 – Damas da Nobreza

Diapositivo 8

- 1492 d. C. **Idade Moderna** - 1815 d. C.



Fig. 11 e 12 – Vestuário Quinhentista

Diapositivo 9

- 1815 d. C. **Idade Contemporânea**




Fig. 13 – Mulher anos 20

Fig. 14 – Mulher anos 70

Fig. 15 – Mulher anos 2000

Diapositivo 10

Podemos concluir que ao longo do tempo, a mulher foi:

- responsável pela organização do lar e pela realização das tarefas domésticas;
- responsável pela criação e educação dos filhos;
- submissa ao pai e, posteriormente, ao marido;
- considerada fraca e débil;
- considerada analfabeta.
- Não lhe era permitido o acesso a algumas profissões;
- Caso a mulher tivesse um emprego, o seu salário era inferior ao do homem apesar de executar as mesmas tarefas.

Diapositivo 11

Quando é que as coisas começaram a mudar?



Diapositivo 12

Idade Contemporânea

Já no final do século XIX, a mulher começa a emancipar-se e foram muitas as mulheres que se dedicaram à luta pelos seus direitos e pela conquista da igualdade de género, desafiando a autoridade daquele tempo e enfrentando diversos perigos!



Diapositivo 13



Fig. 16 – Protesto de operárias em Nova Iorque

Em 08 de março de 1857, as operárias de uma fábrica de tecidos em Nova Iorque iniciaram uma grande greve, reivindicando melhores condições de trabalho, tratamento digno, carga horária de 10h diárias (na época variava entre 16h e 18h) e equiparação salarial com os homens.

As grevistas ocuparam parte da fábrica e este local foi trancado e incendiado premeditadamente. Cerca de 130 operárias morreram carbonizadas, pelo que, hoje o dia 8 de março é considerado o Dia Internacional da Mulher.

Diapositivo 14

"As Sufragistas"

Sufragista - mulher que reclama para o seu sexo o direito de voto em assembleias políticas.

in Dicionário Priberam da Língua Portuguesa



Imagem 17 – Capa DVD "As Sufragistas"

Diapositivo 15



Video 1 – Trailer do filme "As Sufragistas" com alguns comentários de atores

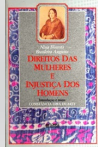
Diapositivo 16

Mulheres que lutaram pela igualdade de direitos



Nísia Floresta Augusta - 1810 - 1885

Nísia Augusta foi uma mulher brasileira que lutou, em especial pela educação para as mulheres. Foi educadora, escritora e uma ativa lutadora pelos direitos da mulheres. Aos 22 anos escreveu um livro revolucionário para a época - *Direitos da mulheres e injustiças dos homens*.



Capa do livro - Direitos da mulheres e injustiças dos homens

Diapositivo 17

Kathrine Switzer - 1947



Imagem 4 – Maratona de Boston, 1967

Ela foi a primeira mulher a participar na famosa Maratona de Boston, em 1967. Na imagem podemos ver o momento em que os homens da organização do evento, quando viram que uma mulher estava a participar, tentaram impedi-la de correr.

Diapositivo 18



Vídeo 2 – Mulher apanhada a correr na Maratona de Boston, 1967

Diapositivo 19



Simone de Beauvoir foi escritora, filósofa, intelectual, ativista e professora. Integrante do movimento existencialista francês, Beauvoir foi considerada uma das maiores teóricas do feminismo moderno.


Uma de suas frases mais célebres é:

"Ninguém nasce mulher: torna-se mulher".

Simone de Beauvoir - 1908-1986

Diapositivo 20

Malala Yousafzai ficou conhecida mundialmente após ter sido baleada na cabeça por talibãs ao sair da escola em outubro de 2012, quando tinha 15 anos. O seu crime foi manifestar-se contra a proibição dos estudos para as mulheres em seu país.



Malala Yousafzai - 1997

"Uma criança, um professor, um livro e um lápis podem mudar o mundo."
"Eu não me importo se tiver que me sentar no chão na escola. Tudo o que eu quero é educação."

Diapositivo 21



E em Portugal, que mulheres lutaram pelos seus direitos?

Diapositivo 22

Trabalho de grupo



Diapositivo 23

Adelaide Cabete - 1867-1935



- Dirigiu a revista *Alma Feminista* (1920-1929);
- Participou em congressos abolicionistas da prostituição, na Liga Republicana das Mulheres Portuguesas e no Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas;
- Representou Portugal no 1º congresso Feminista Internacional em 1923.

Diapositivo 24

Ana Castro Osório - 1872 - 1935



- Foi uma das fundadoras da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas e da Associação de Propaganda Feminista;
- Escreveu vários livros , entre eles, *A Minha Pátria*, *As Mulheres Portuguesas* e *A Mulher no Casamento e no Divórcio*.

Diapositivo 25

Maria Lamas - 1893-1983

- Pertenceu ao Movimento de Unidade Democrática (MUD) e ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas;
- Escreveu vários livros, entre eles, *As Mulheres do Meu País* e *A Mulher no Mundo*.
- Sofreu imenso na prisão, porque a PIDE a colocou numa prisão incomunicável durante quatro meses. Esteve muito doente. Depois de várias prisões viu-se forçada ao exílio.
- Foram-lhe atribuídas duas das mais honrosas condecorações portuguesas, a de Oficial da Ordem de Santiago da Espada e a da Ordem da Liberdade.



Diapositivo 26

Maria Valeda – 1871-1955

- Pertenceu à Liga Republicana das Mulheres Portuguesas;
- Escreveu várias obras, entre elas, *Cor-de-rosa* e *Emancipação Feminista*;
- Criou cursos noturnos para ensinar mulheres e prepará-las para o exercício de uma profissão e para a participação na vida política.
- Fundou a Associação Feminista de Propaganda Democrática.



Diapositivo 27

Carolina Beatriz Ângelo - 1878-1911

- Pertenceu ao Grupo Português de Estudos Feministas e à Associação de Propaganda Feminista.
- Foi uma das fundadoras da Liga Republicana de Mulheres Portuguesas.
- Foi a primeira mulher a votar. Votou nas eleições de 1910 pois reunia todas as exigências para fazê-lo, para surpresa dos homens de então. De seguida, a lei foi alterada.



Diapositivo 28

Elina Guimarães – 1904 - 1991



- Foi Vice-Presidente do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas;
- Participou em conferências nacionais e internacionais sobre feminismo;
- Pertenceu a várias associações nacionais e internacionais feministas.

Diapositivo 29

As 3 Marias



As escritoras portuguesas Maria Isabel Barreno, Maria Teresa Horta e Maria Velho da Costa ficariam conhecidas internacionalmente como "as três Marias". Nos anos setenta, a publicação do seu livro assumiu um papel central na queda da ditadura dirigida por Marcelo Caetano. O livro revelou ao mundo a existência de situações discriminatórias agudas em Portugal relacionadas com a repressão ditatorial, o poder do patriarcado católico e a condição da mulher (casamento, maternidade, sexualidade feminina).

Diapositivo 30

Webgrafia

- <http://www.laicidade.org/documentacao/historia/biografias-adelaide-cabete/>
- <http://www.hbeatrizangelo.pt/pt/gca/index.php?id=395>
- <https://www.leme.pt/biografias/80mulheres/lamas.html>
- <http://biografias.netsaber.com.br/biografia-3381/biografia-de-maria-veleda>
- <https://www.leme.pt/biografias/80mulheres/guimaraes.html>
- https://www.ebiografia.com/simone_de_beauvoir/
- <https://www.ebiografia.com/malala/>
- <http://globoesporte.globo.com/eu-atleta/noticia/2012/03/fique-por-dentro-da-historia-da-atleta-americana-que-aos-20-anos-desafiou-regras-da-organizacao-da-prova-e-foi-quase-expulsa-por-um-dos-diretores.html>
<https://dicionario.priberam.org/sufragista>
- http://basilio.fundaj.gov.br/pesquisaescolar/index.php?option=com_content&view=article&id=199%3Anisia-floresta&catid=61%3Aletra-n&Itemid=1

Diapositivo 31



Obrigada pela vossa atenção!

A professora estagiária: Ana Barbosa

Diapositivo 32

Anexo 10 - Informações sobre mulheres feministas aula 1 do estudo

Ana de Castro Osório

A escritora, ativista e pedagoga Ana de Castro Osório (Mangualde, 18 de Junho de 1872 – Setúbal, 23 de Março de 1935) publicou, em 1905, *As Mulheres Portuguesas*, o primeiro manifesto feminista português. Foi uma das fundadoras do Grupo Português de Estudos Feministas, em 1907, da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, em 1909 e, em 1912, da Associação de Propaganda Feminista, a primeira organização sufragista portuguesa, que, por iniciativa da escritora, integrou a International Women Suffrage Alliance. Dedicou-se desde muito cedo ao jornalismo, tendo dirigido diversos jornais, como *Sociedade Futura* (1902), *O Jornal dos Pequeninhas* (1907-1908), *A Mulher e a Criança* (1909-1910), *A Semeadora* (1915-1918). Desempenhou um papel de destaque no jornal setubalense *O Radical* (1910-1911). Imediatamente após a instauração da República, trabalhou com o Ministro da Justiça na elaboração da Lei do Divórcio, de 1910. Entre 1911 e 1916 viveu no Brasil, acompanhando o marido, que fora nomeado cônsul em S. Paulo. Com o deflagrar da 1ª Guerra Mundial fundou a Comissão de Mulheres Pela Pátria, a partir da qual se formou, em 1916, a Cruzada das Mulheres Portuguesas. É considerada a criadora da literatura infantil em Portugal, tendo realizado uma extensa e intensiva recolha dos contos da tradição oral do país, e publicado inúmeros volumes de histórias para crianças, além de ter traduzido e publicado os contos dos irmãos Grimm e muitos outros autores estrangeiros de literatura para crianças. Criou manuais escolares para o 1º ciclo. A sua extensa e diversificada obra literária, de mais de cinquenta títulos, inclui também ensaios, romances e contos.



Informações sobre Ana Castro Osório

Maria Lamas

Maria da Conceição Vassalo e Silva da Cunha Lamas (Torres Novas, 6 de Outubro de 1893 — Lisboa, 6 de Dezembro de 1983) foi uma escritora, tradutora, jornalista, e conhecida ativista política feminista portuguesa. Mulher de personalidade admirável, oriunda de uma família burguesa de Torres Novas, ali estudou até aos dez anos. Aprendeu línguas, o que lhe viria a ser útil mais tarde, quando teve de ganhar a vida com traduções. Traduziu "Memórias de Adriano", de Marguerite Yourcenar, que conheceria em Paris. Casou nova e aos 25 anos já tinha duas filhas. Viveu em Luanda e quando o casamento naufragou divorciou-se e quis ser ela a assegurar a educação das filhas. Começa a escrever para os jornais *Correio da Manhã* e *Época*, e mais tarde para *O Século*, *A Capital* e o *Diário de Lisboa*. Casou, em 1921, com Alfredo da Cunha Lamas, e foi mãe mais uma vez. Em 1928 passou a dirigir o suplemento *Modas & Bordados* do jornal *O Século*, dando-lhe uma feição diferente. Um jornal que dava prejuízo passou a dar lucro, tal a importância da sua colaboração. Era preciso chegar às mulheres trabalhadoras pouco esclarecidas quanto aos seus direitos. Ligou-se ao MUD (Movimento de Unidade Democrática) e depois ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, onde desenvolveu intensa atividade política e cultural. Presa, pela primeira vez, por motivos políticos, em 1949 sofreu intenso na prisão, porque a PIDE a colocou numa prisão incommunicável durante quatro meses. Esteve muito doente. Depois de várias prisões viu-se forçada ao exílio. A sua atividade como escritora é intensa e diversificada. Escreveu contos infantis, estudos na área da mitologia, porém o seu livro mais importante, fruto de dois anos de viagens por todo o país é «As Mulheres do Meu País», uma obra de referência, onde colaboraram com ilustrações os mais famosos intelectuais do tempo, editado em 1950. Seguem-se «A Mulher no Mundo», 1952 e «O Mundo dos Deuses e dos Heróis», 1961. Esteve exilada por diversas vezes, entre 1953 e 1962. Passados sete anos regressou do exílio. Tinha 76 anos e ainda a mesma esperança de melhores dias para Portugal. Viveu o 25 de Abril de 1974 com enorme alegria. Foram-lhe atribuídas duas das mais honrosas condecorações portuguesas, a de Oficial da Ordem de Santiago da Espada e a da Ordem da Liberdade.



Informações sobre Maria Lamas

Carolina Beatriz Ângelo

Carolina Beatriz Ângelo (Guarda, 16 de Abril de 1878 — Lisboa, 3 de outubro de 1911) foi uma médica e feminista portuguesa. Na sua carreira médica destaca-se o facto de ter sido a primeira mulher portuguesa a operar no Hospital de São José. Dedicou-se à Ginecologia, com um consultório na baixa lisboeta. A atividade profissional de Beatriz Ângelo foi conciliada com uma intervenção política e social intensa e marcante. Foi uma das principais ativistas da sua época, defensora dos direitos das mulheres, tendo lutado por causas como a emancipação das mulheres e o sufrágio feminino. Em 1907 foi iniciada na Maçonaria, ano em que esteve também envolvida no Grupo Português de Estudos Feministas. Em 1909 fez parte do grupo de mulheres que fundou a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, defensora dos ideais republicanos, do sufrágio feminino, do direito ao divórcio, da instrução das crianças e de direitos e deveres iguais para homens e mulheres. Pertenceu à Associação de Propaganda Feminista, em Maio de 1911. Esta associação, que chegou a dirigir, teve origem na cisão da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas por questões relacionadas com a tolerância religiosa e o sufrágio feminino. No âmbito da Associação de Propaganda Feminista projetou a criação de uma escola de enfermeiras, o que é referido como mais uma manifestação da sua preocupação com a emancipação das mulheres. Beatriz Ângelo foi também a primeira mulher a votar em Portugal. Numa altura em que o direito de voto era concedido aos cidadãos portugueses, maiores de 21 anos, que soubessem ler e escrever e chefes de família, a persistência de Beatriz Ângelo, a ambiguidade da lei e facto de trabalhar, ser viúva e ter a seu cargo uma filha, permitiram-lhe lutar pela defesa do seu direito. Votou em Lisboa, em 28 de Maio de 1911, para eleição dos deputados da Assembleia Constituinte, ato amplamente noticiado em Portugal e felicitado em diversos países do mundo pelas associações feministas. Em 1913, a lei eleitoral portuguesa foi alterada, consagrando o direito de voto a cidadãos portugueses do sexo masculino. Beatriz Ângelo foi sem dúvida uma mulher marcante na história portuguesa, com um percurso interrompido pela sua morte prematura. Morreu aos 33 anos, em 3 de Outubro de 1911.



Informações sobre Carolina Beatriz Ângelo

Adelaide Cabete

Adelaide de Jesus Damas Brasão Cabete (Elvas, 25 de janeiro de 1867 - Elvas 19 de setembro de 1935) foi médica, professora, pedagoga e militante republicana e feminista. De origem modesta, só iniciou estudos depois de casar em 1885 com Manuel Ramos Fernandes Cabete, um sargento autodidata e explicador de latim e grego. Fez aos 23 anos o exame da instrução primária e concluiu aos 33 anos, a licenciatura em Medicina na Escola Médico-Cirúrgica de Lisboa, com a tese *A Proteção às Mulheres Grávidas e Pobres*. Como médica, distinguiu-se no apoio às mulheres grávidas, na divulgação dos cuidados materno-infantis e no combate ao alcoolismo, publicando sobre o assunto várias obras. Foi professora de Higiene no Instituto Feminino de Odivelas. Como republicana e feminista, desenvolveu uma intensa atividade pela dignificação do estatuto da mulher. Colaborou na imprensa feminista da época e, designadamente, na revista *Alma Feminina*, que também dirigiu (1920-1929). Promoveu os primeiros congressos abolicionistas da prostituição, participou na fundação da Liga Republicana das Mulheres Portuguesas e no Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas. Representou o governo português no 1º Congresso Feminista Internacional em 1923 que decorreu em Itália. Destituída com a nova situação política do país resultante da imposição da ditadura do Estado Novo, partiu para Angola, onde se dedicou sobretudo à medicina.



Informações sobre Adelaide Cabete

Maria Valeda

Maria Valeda (Faro, 26 de fevereiro de 1871 – Lisboa, 8 de abril de 1955), foi uma professora, jornalista, feminista, republicana, livre pensadora e espiritualista portuguesa. Foi pioneira na luta pela educação das crianças e dos direitos das mulheres e na propagação dos ideais republicanos, sendo uma das mais importantes dirigentes do primeiro movimento feminista português. Tendo-se estreado na imprensa algarvia e alentejana com a publicação de poesia, contos e novelas, dedicou-se depois aos temas feministas e educativos. Num tempo em que a literatura infantil quase não existia em Portugal, publicou, em 1902, uma coleção de contos para crianças, intitulada «Cor-de-Rosa» e o opúsculo "Emanicipação Feminina". Em 1909, por sua iniciativa, a «Liga Republicana das Mulheres Portuguesas» fundou a «Obra Maternal» para acolher e educar crianças abandonadas ou em perigo moral, instituição que se manteve até 1916, graças à solidariedade da sociedade civil e às receitas obtidas em saraus teatrais, cujas peças dramáticas e cômicas, Maria Valeda também escrevia e levava à cena. Consciente da situação de desigualdade em que as mulheres viviam, numa sociedade conservadora e pouco aberta à mudança, iniciou, nos primeiros anos do século XX, um dos maiores combates da sua vida: defender a igualdade de direitos jurídicos, cívicos e políticos entre os sexos. Numa época em que as mulheres estavam, por imperativos económicos, sociais e culturais, confinadas à esfera doméstica, criou cursos noturnos no Centro Republicano Afonso Costa, onde era professora do ensino primário, para as ensinar a ler e a escrever e as educar civicamente, preparando-as para o exercício de uma profissão e a participação na vida política. Entre 1910 e 1915, como dirigente da «Liga Republicana das Mulheres Portuguesas» e das revistas A Mulher e a Criança e A Madrugada, empenhou-se na luta pelo sufrágio feminino, escrevendo, discursando, fazendo petições e chefiando delegações e representações aos órgãos de soberania. Fundou a «Associação Feminina de Propaganda Democrática».



Informações sobre Maria Valeda

Elina Guimarães

Elina Júlia Chaves Pereira Guimarães (Lisboa, 8 de Agosto de 1904 — Lisboa, 26 de Junho de 1991), foi uma escritora, jurista, ativista feminista e vice-presidente da direção do Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas (CNMP). Era filha do político republicano Vitorino Guimarães que foi primeiro-ministro na 1ª República portuguesa. Elina estudou em casa com mestres e frequentou o Liceu Almeida Garrett e Passos Manuel. Em 1925 acabou a licenciatura em Direito. Nunca exerceu a advocacia. Trabalhou algum tempo no Tribunal de Menores. Casou em 1928 com o advogado Adelino da Palma Carlos. Defensora acérrima da participação das mulheres na vida política, foi uma continuadora dos ideais de Ana de Castro Osório e de todas as que na 1ª República lutaram por uma democracia que tardava a chegar, onde a educação das raparigas era primordial. Elina colaborou em inúmeros jornais e revistas, que é impossível enumerar. Desde O Rebate até ao Diário de Lisboa, passando pela Alma Feminina, Portugal Feminino, Seara Nova, Diário de Notícias, Primeiro de Janeiro, Máxima, Gazeta da Ordem dos Advogados e um não mais acabar de colaborações. A sua vida foi uma permanente intervenção a favor da liberdade de expressão, na educação das mulheres para os seus inalienáveis direitos como cidadãs. Fez conferências em Portugal e estrangeiro e, sem exagero, pode dizer-se que Elina Guimarães é o feminismo do séc. XX na sua mais completa expressão. Os seus conhecimentos dos direitos das mulheres do ponto de vista da jurista foram essenciais para despertar e informar muitas gerações de mulheres sobre os seus direitos. Esteve ligada a muitos movimentos e instituições feministas e de direitos das mulheres, desde o Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas, onde foi secretária-geral até à International Council of Women, International Alliance for Women's Suffrage, Federation International des Femmes Diplômées em Droit. Foi condecorada em 1985 com a Ordem da Liberdade. Na passagem do centenário do seu nascimento, em 2004, foi organizada pela Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres, uma sessão de palestras seguida de exposição retrospectiva da sua vida e obra, que teve lugar no Palácio Foz, com uma assistência assinalável, onde se destacavam muitos juristas.



Informações sobre Elina Guimarães

Anexo 11 – História aula 2 do estudo

“Um domingo em família”

Numa linda manhã de domingo, estava a família Pinto nas suas ocupações de fim-de-semana. É possível ver a “**personagem 1**” a tratar do almoço com muito carinho e utilizando o seu mais belo avental, pois teriam a visita dos avós que foram convidados para almoçar. Entretanto, ao lado da garagem, a “**personagem 2**” estava a lavar o carro, que se tinha sujado ao passar uma poça de lama ao regressar do escritório. O carro tinha de estar impecavelmente limpo para ir buscar os avós à estação de comboios. O almoço estava quase pronto, quando os avós chegaram e a família Pinto desfrutou de momentos bem divertidos à mesa. Quando terminaram, os avós sugeriram ir comer um gelado ao jardim da cidade. Todos adoraram a ideia!

Já no jardim, viram a “**personagem 3**”, a treinar para o seu próximo jogo de futebol, com a sua nova bola oferecida no seu aniversário. Ao mesmo tempo, do outro lado do jardim, estava a “**personagem 4**” a ensaiar a coreografia de ballet que tinha sido ensinada na sua escola de dança. Tinha nos pés as sapatilhas que os pais lhe compraram com carinho. Lá perto, podia ver-se ainda a “**personagem 5**” vestida com uma camisola cor-de-rosa e a “**personagem 6**” com uns calções azuis que faziam adivinhar que o Verão estava mesmo a chegar.

Comeram o gelado e divertiram-se imenso. Foi um maravilhoso domingo para a família Pinto e podia ver-se a felicidade estampada nos seus rostos. Ficava a promessa de uma visita aos avós, agora na sua aldeia!

Anexo 12 – Ficha de trabalho aula 2 do estudo

Ilustrações “Retrato de um domingo em família”

Personagem 1	Personagem 2
Personagem 3	Personagem 4
Personagem 5	Personagem 6

Grupo: _____

Data: ____/____/____

Anexo 13 – Ficha de trabalho aula 3 do estudo

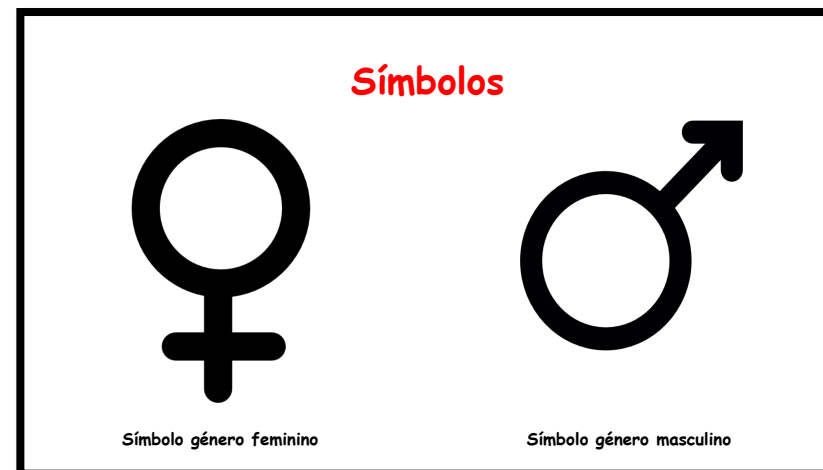
Atividade – “O trabalho de cada um”		
Profissões desempenhadas por mulheres	Profissões desempenhadas por homens	Profissões desempenhadas por homens ou mulheres

Grupo: _____ Data: ____/____/____

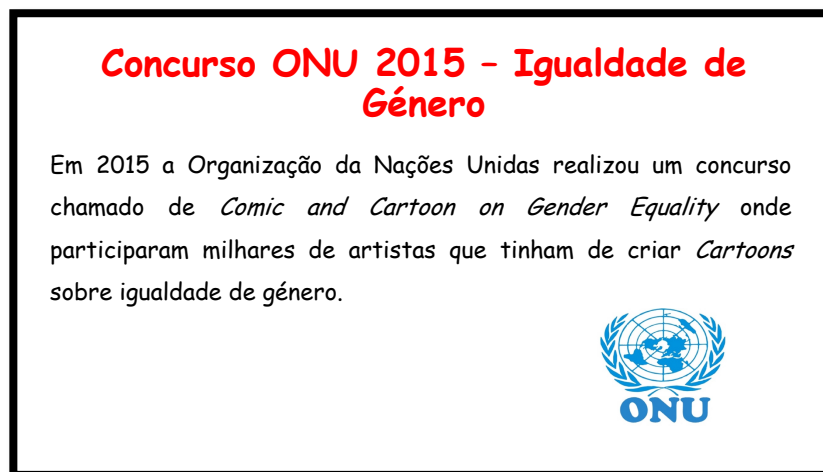
Anexo 14 – PowerPoint aula 4 do estudo



Diapositivo 1



Diapositivo 2



Diapositivo 3



Diapositivo 4

2º Prémio

O ilustrador deu superpoderes à Capuchinho Vermelho, que conseguiu derrotar o Lobo Mau, que representa, na arte, todo o machismo responsável por ainda oprimir milhares e milhares de mulheres ao redor do mundo.



Imagem 2 - David Ibáñez Bordallo, espanhol

Diapositivo 5

3º Prémio

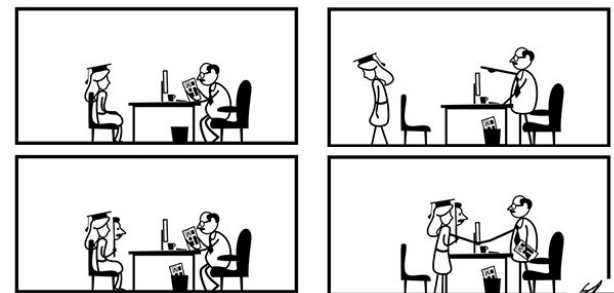


Imagem 3 - Samuel Akinfenwa Onwusa, espanhol

Neste *cartoon*, o artista destacou o machismo que ainda existe nos ambientes de trabalho.

Diapositivo 6

Mariola Stachnik e Agata Hop, ambas da Polónia, foram outras participantes que se destacaram na competição. Mariola passou por cima do machismo com um trator, que nivelou ambos os sexos.

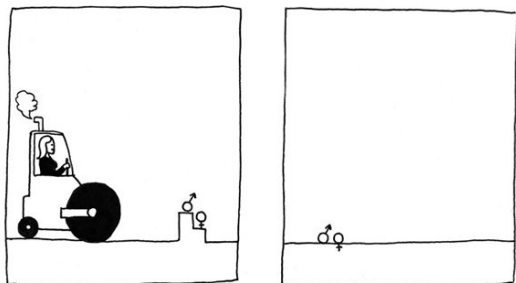


Imagem 4 - Mariola Stachnik, polaca

Diapositivo 7



Imagem 5 - Agata Hop, polaca

Agata, por outro lado, demonstrou a dificuldade que as mulheres encontram em seu dia a dia, mostrando que ainda é preciso subir muitos degraus na luta pela igualdade de géneros.

Diapositivo 8

O que podemos fazer para chegar até aqui?






Fig. 1 - Igualdade de género, Clara Marió

Diapositivo 9

Feminismo

Movimento ideológico que preconiza a ampliação legal dos direitos civis e políticos da mulher ou a igualdade dos direitos dela aos do homem.



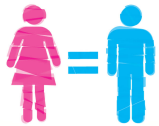
Fig. 2 - Cartaz de mulheres na luta pelo feminismo

Feminino ----- Género
Feminismo ----- Ideologia

Diapositivo 10

No sentido de lutar pela defesa dos direitos, pela promoção e pela dignificação das mulheres, existem algumas organizações não governamentais feministas em Portugal. Entre elas:

- Associação Feminina Portuguesa para a Paz;
- Associação Presença Feminina;
- Comissão Feminina pela Pátria;
- Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas;
- Grupo Português dos Estudos Femininos;
- ...



Diapositivo 11

O que faz uma ONG Feminista?

Mostra às novas gerações que devemos lutar por uma sociedade livre, justa e igualitária. São espaços onde se preconiza a afirmação da mulher portuguesa e se discute a condição feminina. Realizam-se reuniões que contam com a presença de cronistas com diferentes percursos formativos e profissionais, com competências e experiências variadas, que contribuem voluntariamente para a divulgação de informação e sensibilização da sociedade civil para a igualdade de género e para a defesa dos direitos das mulheres.

Diapositivo 12

Webgrafia

- <https://dicionario.priberam.org/feminismo>
- https://pt.wikipedia.org/wiki/Categoria:Organizações_feministas_de_Portugal
- <https://capricho.abril.com.br/vida-real/veja-os-cartoons-que-ganharam-o-concurso-da-onu-pela-igualdade-de-genero/>
- https://www.google.pt/search?q=feminismo&source=lnms&tbn=isch&sa=X&ved=0ahUKewiqhuefiNrhAhUFCxoKHfUKA2sQ_AUIDigB&biw=1412&bih=759


Diapositivo 12




Obrigada pela vossa atenção!

Diapositivo 12

Anexo 15 – Questionário inicial entregue aos alunos



Instituto Politécnico de Viana no Castelo
Escola Superior de Educação



Questionário aos alunos _____

No âmbito do Mestrado em Ensino de 1º ciclo do Ensino Básico e Português e História e Geografia de Portugal do 2º ciclo do Ensino Básico pela Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, encontro-me a realizar uma dissertação sobre o Feminismo numa perspetiva de luta pela igualdade de direitos. Neste sentido, serve o presente questionário para obter mais informações sobre as questões que me proponho aprofundar. Agradeço desde já a sua colaboração comprometendo-me a manter o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.

1. Identificação

1.1. Sexo: feminino masculino

1.2. Idade: _____

1.3. Com quem vives? _____

1.4. Tens irmãos? sim não

n.º _____ irmão(s) _____ irmã(s)

1.5. Qual a profissão dos teus pais/encarregados de educação?

Mãe: _____ Pai: _____

1.6. Quais as habilitações literárias dos teus pais/encarregados de educação?

Mãe: _____ Pai: _____

1.7. Quando for grande quero ser: _____

2. Igualdade de direitos

2.1. Conheces o termo "género"? sim não (avança para a 2.3)

2.2. Diz o que entendes por género?

2.3. Consideras que os teus pais/encarregados de educação te educaram, desde o nascimento, de acordo com o teu sexo (feminino ou masculino)?

Sim Não

2.4. Da listagem abaixo, assinala com um X quais os brinquedos que já te ofereceram.

Brinquedo	Já me ofereceram
carros	
bonecas	
piões	
bolas	
ferro de engomar	
aviões	
carrinho de bebé	
ferramentas	
casa de bonecas	
legos	
patins	
estojo de maquilhagem	
motas	
utensílios de cozinha	

2.5. No caso de teres irmãos, consideras que a educação que os teus pais/encarregados de educação te deram, foi exatamente a mesma que a do teu irmão/irmã?

Sim Não Não tenho irmãos (avança para a 2.6)

2.5.1. Dá um exemplo concreto da tua resposta:

2.6. Em tua casa, como estão distribuídas as tarefas diárias? (assinala com X)

	Mãe	Pai	Eu	Outro
Cozinhar				
Limpar o pó				
Tratar do jardim				
Lavar a loiça				
Tratar da roupa				
Ir às compras				
Lavar o carro				
Tratar das despesas (pagamentos, seguros, etc...)				

2.7. Preenche a tabela indicando com um X se concordas ou discordas sobre cada uma das afirmações seguintes.

	Concordo	Discordo
Existem profissões destinadas a homens e profissões destinadas a mulheres.		
Os homens são mais agressivos do que as mulheres.		
Homens e mulheres têm as mesmas capacidades.		
Os homens são mais dotados para as questões mecânicas.		
As mulheres são mais dotadas para as questões da decoração.		
O homem sustenta a família com o seu trabalho fora de casa.		
A mulher deve exclusivamente cuidar da família e do lar.		
Jogar futebol não é para raparigas.		
Costurar não é para rapazes.		
A mulher é mais frágil, necessita de mais proteção.		

2.8. Consideras que em Portugal existe igualdade de direitos?

Sim Não


2.9. Na tua opinião, é importante existir igualdade de direitos?

Sim Não


2.10. Consideras que mulheres devem ter os mesmos direitos dos homens?

Sim Não

Anexo 16 – BI feito pelos alunos na aula 1 do estudo



Bilhete de Identidade



Nome: Maria Lamas

Data de nascimento: 6 / 10 / 1893

Data da sua morte: 6 / 12 / 1983

Nacionalidade: Portuguesa

Ficou conhecida por: Maria Lamas era conhecida por ser a ativista política feminista portuguesa. Mais tarde, em 1928, passou a dirigir o suplemento "Luzes", "Branquelas de fora" e "O Século".


Ligou-se ao CMUD e depois ao Conselho Nacional das Mulheres Portuguesas.

Pela primeira vez foi presa por motivos políticos em 1949. Sobreviveu à prisão, porque a PIDE a colocou numa prisão "incomunicável" durante quatro meses.


Ela esteve enclausurada por diferentes vezes entre 1953 e 1962, tinha 36 anos e a vida a mesma esperança de melhorar a vida para Portugal. Viveu a 25 de abril de 1974 com enorme alegria e felicidade.

Atribuído-lhe duas das mais honrosas condecorações portuguesas.

Trabalho dos alunos sobre Maria Lamas



Bilhete de Identidade



Nome: Carolina Beatriz Ângelo

Data de nascimento: 16 / 04 / 1878

Data da sua morte: 03 / 10 / 1911

Nacionalidade: Portuguesa

Ficou conhecida por: Carolina Beatriz Ângelo foi a primeira mulher a publicar um bilhete de reclamação.

Também lutou para que as mulheres tivessem os mesmos direitos que os homens e que também fossem votantes.







Em 1909 fez parte do grupo de mulheres que fundou a Liga Republicana das Mulheres Portuguesas, que tinha como objetivo defender os direitos das mulheres.

Carolina também foi a primeira mulher a votar em Portugal. Ela ficou do lado da república de para o futuro.

Trabalho dos alunos sobre Carolina Beatriz Ângelo

Anexo 17 – Trabalhos dos alunos na aula 2 do estudo







Ilustrações
"Retrato de um domingo em família"

Personagem 1	Personagem 2
	
Personagem 3	Personagem 4
	
Personagem 5	Personagem 6
	

Grupo: 1 Data: 15/05/2019

Trabalho grupo 1

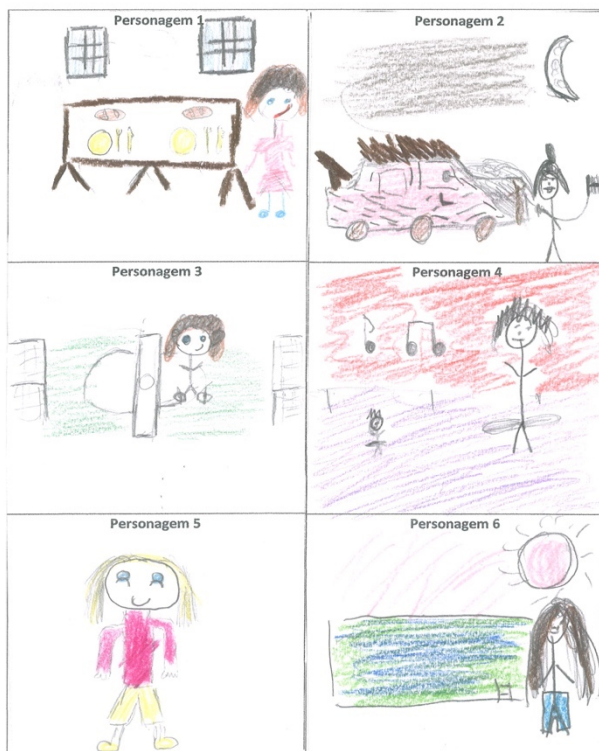
Ilustrações
"Retrato de um domingo em família"

Personagem 1	Personagem 2
	
Personagem 3	Personagem 4
	
Personagem 5	Personagem 6
	

Grupo: 2 Data: 15/05/2019

Trabalho grupo 2

Ilustrações
 "Retrato de um domingo em família"



Grupo: 3

Data: 15/05/2019

Trabalho grupo 3

Ilustrações
 "Retrato de um domingo em família"

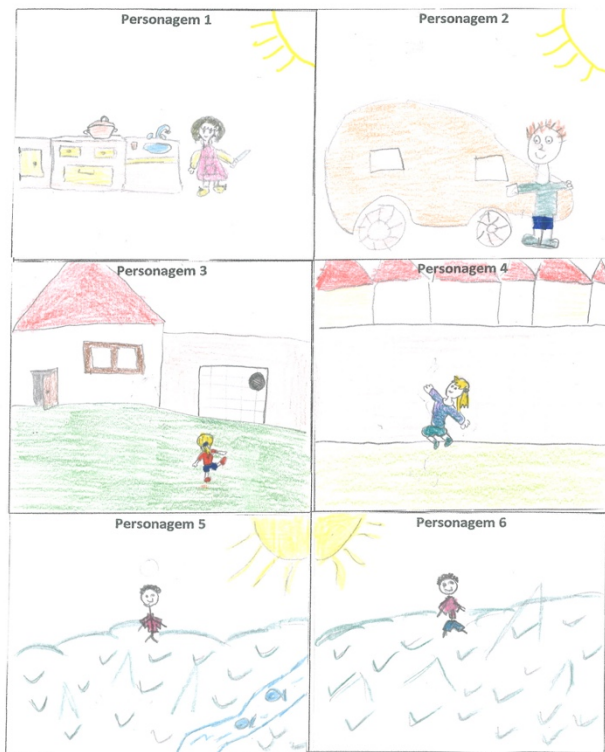


Grupo: 4

Data: 15/05/2019

Trabalho grupo 4

Ilustrações
"Retrato de um domingo em família"

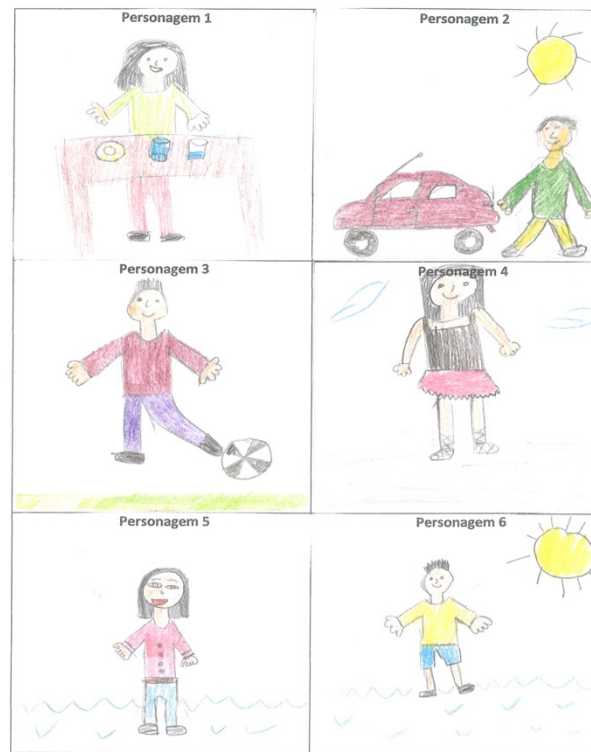


Grupo: 5

Data: 15/05/2019

Trabalho grupo 5

Ilustrações
"Retrato de um domingo em família"

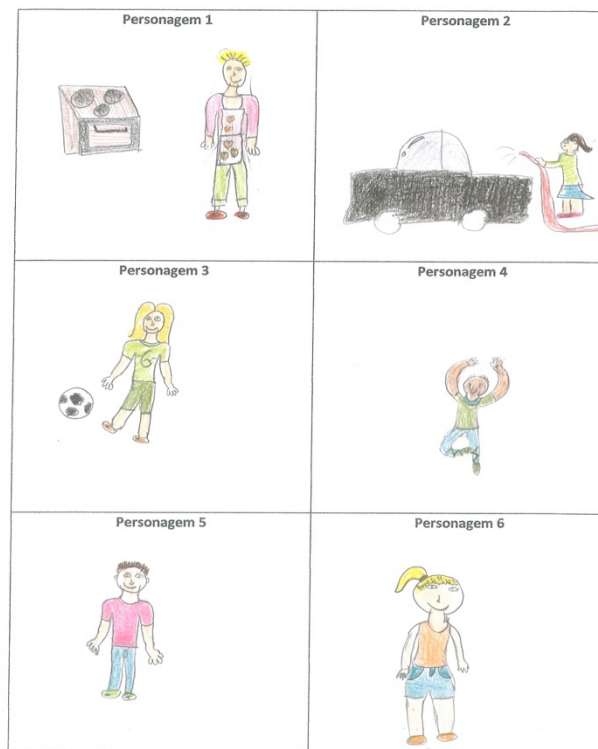


Grupo: 6

Data: 15/05/2019

Trabalho grupo 6

Ilustrações
"Retrato de um domingo em família"




Grupo: 7


Data: 15/05/2019

Trabalho grupo 7

Anexo 18 – Questionário Final entregue aos alunos



Instituto Politécnico de Viana do Castelo
Escola Superior de Educação



Questionário final aos alunos _____

No âmbito do Mestrado em Ensino de 1º ciclo do Ensino Básico e Português e História e Geografia de Portugal do 2º ciclo do Ensino Básico pela Escola Superior de Educação de Viana do Castelo, encontro-me a realizar uma dissertação sobre o Feminismo numa perspetiva de luta pela igualdade de direitos. Neste sentido, serve o presente questionário para obter mais informações sobre as questões que me proponho aprofundar. Agradeço desde já a tua colaboração comprometendo-me a manter o anonimato e confidencialidade dos dados recolhidos.

1. Identificação

1.1. Sexo: feminino masculino

1.2. Idade: _____

1.3. Quando for grande quero ser: _____

2. Igualdade de género

2.1. Conheces o termo "género"? sim não (avança para a 2.3)

2.2. Diz o que entendes por género

2.3. Preenche a tabela indicando com um X se concordas ou discordas sobre cada uma das afirmações seguintes.

	Concordo	Discordo
Existem profissões destinadas a homens e profissões destinadas a mulheres.		
Homens e mulheres têm as mesmas capacidades.		
O homem sustenta a família com o seu trabalho fora de casa.		
A mulher deve exclusivamente cuidar da família e do lar.		
Jogar futebol não é para raparigas.		
Costurar não é para rapazes.		
A mulher é mais frágil, necessita de mais proteção.		

- 1 -

2.4. Consideras que em Portugal existe igualdade de direitos? Sim Não

2.5. Na tua opinião, é importante existir igualdade de direitos? Sim Não

2.6. Consideras que as mulheres devem ter os mesmos direitos que os homens?

Sim Não

2.7. Já ouviste falar de algum destes nomes (assinala com X uma ou várias opções):

Ana Castro Osório Carolina Beatriz Ângelo Adelaide Cabete

Simone Beauvoir Maria Valleda Elina Guimarães

Maria Lamas Não ouvi falar de nenhum

2.8. Consideras-te feminista? Sim Não

2.9. Para mim feminismo é _____

3. Atividades

3.1. Sobre as atividades relacionadas com a temática da igualdade de género, qual foi a tua opinião? (Preenche a tabela)

	Gostei muito	Gostei	Gostei pouco	Não gostei	+/-
"BI Feminista" (apresentação e exploração de um PowerPoint; realização de bilhetes de identidade sobre mulheres feministas portuguesas;)					
"Retrato de um domingo em família" (leitura de uma história; ilustração de personagens; reflexão de resultados;)					
"O trabalho de cada um" (preenchimento de uma tabela; debate sobre resultados;)					
"Cartazes pela igualdade" (apuramento de problemas; realização de cartazes apelando à igualdade de género;)					
"Feminismo, o que é isso afinal?" (apresentação e exploração de um PowerPoint; análise e debate de cartoons; reflexão final;)					

- 2 -

3.1.1. Assinala na última coluna, com (+) a atividade que para ti teve mais interesse e com (-) a que teve menos interesse. Justifica a tua escolha.

3.2. Refletir sobre a Igualdade de Direitos é ... Pouco importante Importante

3.2.1. Porquê?

3.3. As atividades que realizaste levaram-te a perceber que ainda existe desigualdade?

Sim Em parte Não

3.4. De tudo o que aprendeste indica aquilo que te marcou mais e porquê.

3.5. Com estas atividades foste capaz de sentir/pensar como se fosses alguém que se sentiu inferiorizado ao longo da história devido à sua condição?

Sim Não

3.6. Falaste com os teus pais/encarregados de educação sobre as atividades que realizaste nas aulas de História e Geografia de Portugal?

Sim. O que te disseram?

Não. Porque é que não partilhaste?

Obrigada pela tua colaboração.

A professora estagiária: Ana Barbosa

